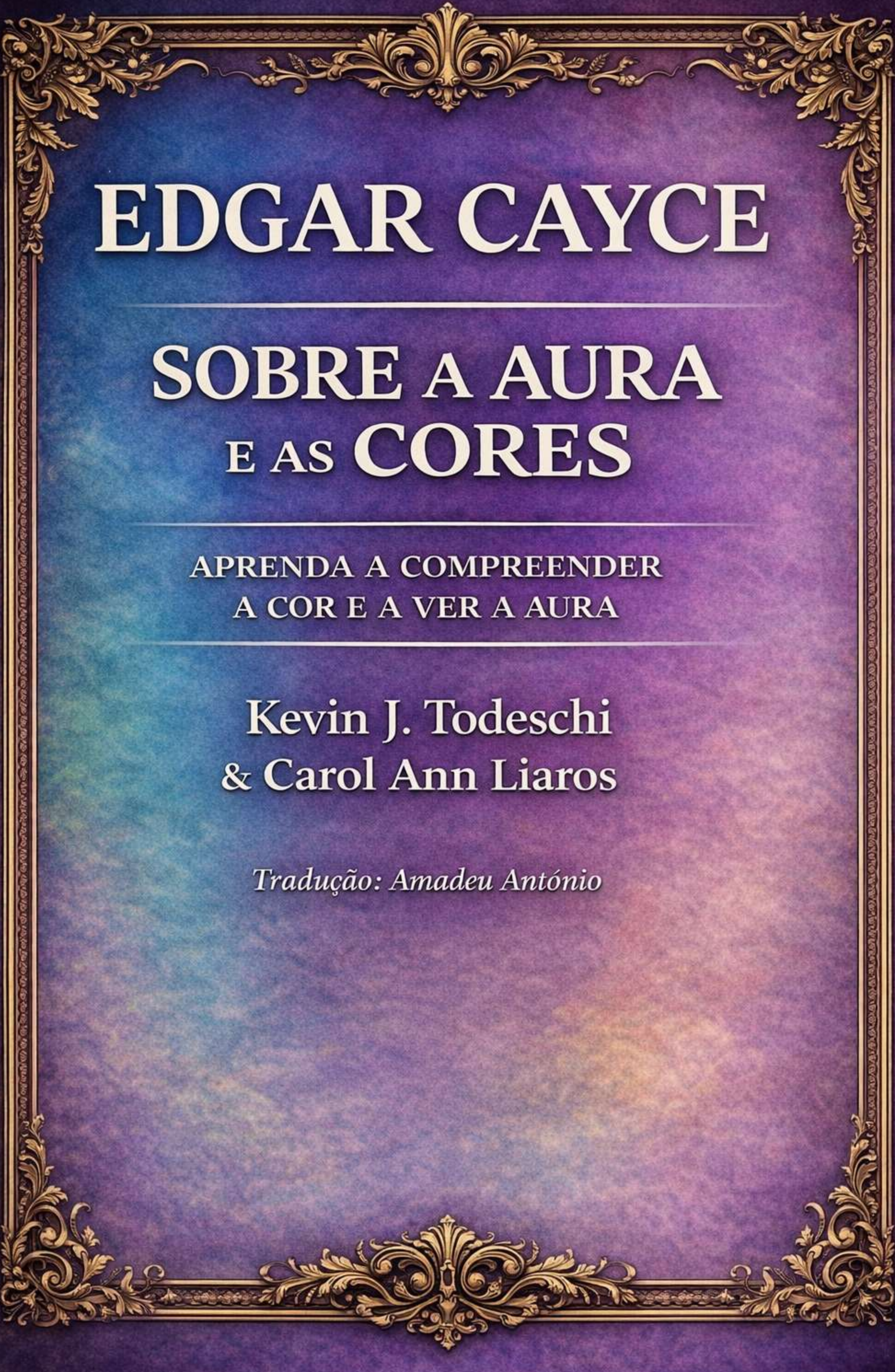




EDGAR CAYCE

SOBRE A AURA
E AS CORES

APRENDA A COMPREENDER
A COR E A VER A AURA

Kevin J. Todeschi
& Carol Ann Liaros

Tradução: Amadeu António

EDGAR CAYCE SOBRE AURAS E CORES

APRENDA A COMPREENDER A COR E A VER AURAS

Kevin J. Todeschi & Carol Ann Liaros, 2011

As auras são duplas. Aquela que indica as emanções físicas, e aquela que indica o desenvolvimento espiritual... A aura, portanto, é a emanção que surge das próprias influências vibratórias de uma entidade individual, mentalmente, espiritualmente — especialmente das forças espirituais.

Leitura de Edgar Cayce 319-2

ÍNDICE

Prefácio Capítulo Um: Edgar Cayce sobre Auras e Cores Capítulo Dois: A Vibração da Cor Capítulo Três: O Significado das Cores (Vermelho, Laranja e Amarelo) Capítulo Quatro: O Significado das Cores (Verde, Azul, Índigo e Violeta) Capítulo Cinco: O Significado das Cores (Branco, Preto, Dourado e Todo o Resto) Capítulo Seis: Sentir versus Ver a Aura Capítulo Sete: Experimentar a Aura por Si Próprio Conclusão Apêndice I: *Auras*: Um Ensaio sobre o Significado das Cores — o único folheto escrito por Edgar Cayce (ca. 1944) Apêndice II: Exemplos de Descrições de Auras em Estado de Vigília de Edgar Cayce Apêndice III: Dicionário de Cores — O Possível Significado das Cores Referências e Leituras Recomendadas

PREFÁCIO

Em termos mais simples, a aura é um campo de energia que emana de todas as coisas. Alguns podem vê-la como uma faixa de cor ou cores; outros podem descrever a aparência de uma aura como ondas de luz ou movimento, e ainda outros indicam que conseguem «sentir» certas coisas apenas por estarem próximos do campo energético de outra pessoa. Aqueles que conseguem ver ou sentir esta faixa de energia ou vibração insistem que a aura fornece informação descritiva sobre a pessoa, planta, ser vivo ou objeto de onde a aura emana. Embora a existência deste tipo de energia possa parecer invulgar para algumas pessoas, o que pode ser ainda mais surpreendente é o facto de todos poderem ser ensinados a ver ou a experienciar uma aura.

Na história religiosa ocidental, a aura tem sido associada ao halo. No misticismo, a aura está ligada ao corpo astral ou não físico. Embora alguns indivíduos defendam que não existe tal coisa como uma aura, no século XX a fotografia Kirlian forneceu o que para muitos se tornou evidência científica da existência da aura. A fotografia Kirlian consegue captar evidências dos campos energéticos que rodeiam todos os seres vivos e pode também retratar energia fantasma que já não está presente num objeto vivo. Por exemplo, mesmo depois de uma folha ser arrancada de uma planta, uma fotografia Kirlian ainda exibirá uma imagem tênue da folha que foi removida.

Aqueles que conseguem ver a aura humana defendem que ela é a soma total do indivíduo — fisicamente, mentalmente, emocionalmente e espiritualmente. Pode fornecer detalhes sobre a saúde de uma pessoa, experiências de vida, relacionamentos, atitudes, forças, fraquezas, humores, problemas, pensamentos, ideias e até vidas passadas. Da mesma forma que uma impressão digital é única para o indivíduo, a aura também o é. Em última análise, a aura é a manifestação vibratória de tudo o que existe sobre uma pessoa.

Incontáveis pessoas tiveram, na verdade, experiências com a aura humana sem realmente saberem na altura ou perceberem o que encontraram. Já alguma vez contactou com outra pessoa e sentiu instantaneamente vontade de dar um passo atrás, como se algo o repelisse? Inversamente, já alguma vez conheceu alguém pela primeira vez e sentiu-se instantaneamente atraído por esse indivíduo? Ambas estas experiências notam como pode «sentir-se» estar na proximidade do campo energético ou vibração de outra pessoa. Há um efeito instantâneo que a aura e a vibração de outro indivíduo têm sobre a sua própria.

Um dos primeiros proponentes da existência da aura humana foi Edgar Cayce (1877-1945), o psíquico mais documentado de todos os tempos. Chamado de «pai da medicina holística» e «o profeta adormecido», Edgar Cayce tornou-se conhecido pela sua incrível precisão clarividente e por um legado psíquico que continua a ajudar e a inspirar indivíduos em todo o mundo. Durante quarenta e três anos da sua vida adulta, Cayce possuía a capacidade de se deitar num sofá, fechar os olhos, cruzar as mãos sobre o

estômago e colocar a mente num estado alterado no qual praticamente qualquer tipo de informação lhe estava disponível. A precisão do trabalho psíquico de Cayce é comprovada por aproximadamente uma dúzia de biografias e literalmente centenas de títulos que exploram os milhares de temas que discutiu e vários aspetos da sua informação, bem como por uma organização próspera e uma universidade que continuam a existir com base no seu trabalho. (Informação adicional pode ser encontrada em *There Is a River* de Thomas Sugrue, *Edgar Cayce — A Seer Out of Season* de Harmon Bro, e *Edgar Cayce: An American Prophet* de Sidney Kirkpatrick.

Quando questionado sobre a fonte da sua informação, Cayce respondeu que havia essencialmente duas. A primeira era a mente subconsciente do indivíduo para quem dava a leitura e a segunda eram os registos Akáshicos. Ao descrever mais estes registos, Cayce afirmou: «Sobre o tempo e o espaço está escrito os pensamentos, os atos, as atividades de uma entidade...» (1650-1). Os registos Akáshicos mantêm de alguma forma um registo de tudo o que transpirou no universo. De forma semelhante, a aura humana é a soma total de tudo o que transpirou na história única da alma de um indivíduo, incluindo os tempos passados e as vidas anteriores dessa pessoa. Quando lhe pediram para descrever as suas experiências pessoais com auras, Cayce disse o seguinte:

Desde que me lembro, sempre vi cores em conexão com as pessoas. Não me recordo de uma altura em que os seres humanos que encontrava não se registassem na minha retina com azuis e verdes e vermelhos a fluir suavemente das suas cabeças e ombros. Passou muito tempo até perceber que as outras pessoas não viam estas cores; passou muito tempo até ouvir a palavra «aura», e aprender a aplicá-la a este fenómeno que para mim era comum. Nunca penso nas pessoas exceto em conexão com as suas auras; vejo-as mudar nos meus amigos e entes queridos à medida que o tempo passa — doença, desânimo, amor, realização — tudo isto reflete-se na aura, e para mim a aura é o cata-vento da alma. Mostra para que lado sopram os ventos do destino. (Ver folheto *Auras*, Apêndice I)

Cayce acumulou uma riqueza de experiência pessoal com o significado das cores e padrões energéticos que via emanar de todos os indivíduos.

Percebia a aura como uma série de cores vibrantes que rodeavam um indivíduo e forneciam um barómetro da saúde de uma pessoa, estado de espírito, forças, fraquezas, desejos, pensamentos e mais. Na verdade, Cayce acreditava que cada pensamento e ação possuía uma vibração energética que era essencialmente refletida na aura de uma pessoa.

Além de perceber as cores nas auras ao longo dos muitos anos em que dava leituras de vida às pessoas — aquelas leituras que discutiam a história da alma ao longo do tempo, bem como forças e fraquezas pessoais —, Cayce discutia frequentemente quais as cores mais alinhadas com um indivíduo e quais as cores mais em sintonia com a vibração pessoal de um indivíduo. Como exemplo, durante uma leitura dada a uma estenógrafa de dezanove anos que aparentemente era de vontade forte, mente forte, temperamental e propensa a condenar-se a si própria e aos outros, Cayce aconselhou-a a nunca usar vermelho, pois a energia e vibração da cor reforçariam os seus atributos negativos.

Em vez disso, foi encorajada a usar tons delicados de cinzentos e verdes, pois estas cores seriam mais propícias ao seu temperamento e mais aptas a inspirar confiança em si própria e nos outros. (2522-1) Inversamente, Cayce aconselhou uma vez uma empregada de escritório retraída, introvertida e contida de quarenta e quatro anos que precisava de usar vermelho para energizar as suas próprias vibrações e dar a si própria mais «brilho ou presença». Continuou: «... Pois as vibrações do... {eu} foram tão subjugadas na entidade que pouco da verdadeira beleza escapou, porque o amor e a emoção profunda foram mantidos escondidos durante tanto tempo.» (3564-2)

Edgar Cayce enfatizou repetidamente que a cor era uma vibração e que cada indivíduo tinha uma afinidade com certas cores mais do que com outras devido ao seu próprio nível de crescimento da alma e vibração pessoal. Ao utilizar as vibrações de certas cores, um indivíduo podia potenciar traços ou habilidades que precisava de trabalhar, enquanto outras cores podiam ajudar a restringir ou diminuir características indesejáveis.

Uma discussão sobre o uso das vibrações ocorreu numa leitura dada a uma mulher de trinta e sete anos que aparentemente precisava de mais

equilíbrio na vida. As suas qualidades positivas incluíam ter um bom sentido de humor, possuir uma grande capacidade para o amor e ser frequentemente percebida como alguém extremamente «doce». Por outro lado, a mesma mulher foi informada de que era excessivamente sensível, o que muitas vezes afetava adversamente os seus relacionamentos com os outros. Extremamente teimosa, também exibía um mau génio.

Para ajudar nas suas interações diárias com os outros, a leitura recomendou o uso de todas as sete cores principais em diferentes momentos — vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo, violeta — bem como preto e branco. A leitura aconselhou: «... Pois a cor em si é vibração, tanto vibração como — ou mesmo mais do que — a música.» (3637-1) Ao alternar as várias cores, com o tempo conseguiria alcançar o equilíbrio de que aparentemente precisava. Cayce acrescentou: «Pelas cores indicadas, pode controlar quase o seu próprio ser físico, pela sua própria mente!»

Ao longo da sua vida, Edgar Cayce deu leituras adicionais que exploraram a importância da cor. Deu leituras sobre selos de vida, que discutiam a criação de um símbolo pessoal único para motivação e inspiração, e gráficos de aura, que continham uma representação visual da história da alma ao longo do tempo. Cayce também deu leituras sobre simbolismo de cores, como o contido em sonhos e no Livro do Apocalipse, e discutiu como certas experiências de vidas passadas podiam influenciar os indivíduos a serem mais atraídos por cores específicas. Há literalmente centenas de leituras de Cayce sobre os temas de auras, cores e simbolismo pessoal.

Além de Edgar Cayce, psíquicos contemporâneos respeitáveis também conseguem aceder aos registos Akáshicos como fonte de informação e podem discutir como esses registos se manifestam nas vidas dos indivíduos. Muitos também trabalharam consideravelmente com auras. Por exemplo, segundo a psíquica Carol Ann Liaros, que deu leituras durante muitas décadas: «A aura de um indivíduo é uma manifestação pessoal dos seus registos Akáshicos. Tudo o que está a acontecer na vida da pessoa é evidente na aura. A aura de um indivíduo muda à medida que

a saúde física ou vitalidade do corpo muda.» Quando vê manchas cinzentas à volta da área do coração, por exemplo, sabe que o indivíduo teve um ataque cardíaco ou tem algum outro problema com o coração. Tal como um sistema informático em rede, a partir da aura é possível aceder a tudo o que está contido no registo central em si.

Carol Ann começou o seu trabalho psíquico na década de 1960, mas ficou extremamente surpreendida quando os eventos da vida a levaram nessa direção. A sua carreira começou depois de amigos a convencerem a consultar um psíquico respeitável que lhe deu uma leitura própria. O indivíduo disse-lhe que ela era extremamente psíquica e que usaria a sua intuição para ensinar os outros. Continuou dizendo que Carol Ann faria viagens extensas com o seu ensino, que trabalharia com «homens de bata branca, como médicos e cientistas», e que escreveria um livro sobre as suas experiências psíquicas.

Depois da leitura, Carol Ann ficou convencida de que o psíquico estava errado e que não tinha talentos intuitivos próprios. No entanto, os seus amigos insistiram que tentasse dar-lhes leituras. Com o tempo, Carol Ann veio a compreender que não só ela tinha talentos intuitivos, como toda a gente os tinha. Eventualmente, contou a Hugh Lynn Cayce, filho mais velho de Edgar Cayce, sobre algumas das suas experiências psíquicas; e ele referiu-a à Dr.^a Justa Smith, uma bioquímica, educadora e freira, que trabalhava no *Human Dimensions Institute* no Rosary Hill College a fazer investigação com curadores. A investigação de Carol Ann com «os homens de bata branca» começou.

Ao longo dos anos, Carol Ann Liaros acumulou mais de um milhão de milhas aéreas a viajar para ensinar indivíduos a usarem os seus próprios dons intuitivos. Eventualmente, escreveu *Intuition Made Easy*, um livro que explora como as pessoas podem usar e experienciar a sua percepção psíquica. Quando lhe pediram para descrever a sua primeira experiência ao ver a aura humana, Carol Ann recorda:

Lembro-me de dizer à Dr.^a Justa Smith que ver auras não era uma das competências intuitivas que possuía. Ela perguntou-me: «Não vês cores ou nada à volta das pessoas?» Disse-lhe que não. Às vezes via névoas e

brilhos à volta das pessoas ou atrás delas, mas não conseguia ver auras e cores e discernir quando alguém tinha um problema físico.

A Dr.^a Smith disse: «Vamos fazer uma experiência. Olhe à minha volta. Vê alguma coisa à minha volta?»

Pensando que as auras eram coloridas e que eu só estava a ver um brilho à volta da cabeça, ombros e braços dela, respondi a rir que não conseguia ver a sua aura. Ela insistiu em questionar-me. Olhei para aquele brilho acinzentado e disse: «Parece haver uma interrupção nele, desde a base da orelha até ao ombro.»

Ela respondeu: «Isso é muito interessante, porque tenho um problema no pescoço e no ombro que está a ser tratado, e é exatamente aí que está.»

Bem, sendo a pensadora cética e lógica que sou, decidi que tinha de ser uma coincidência. Além disso, eu conseguia ver o mesmo tipo de névoa à volta de mesas, cadeiras, candeeiros, animais e árvores. Via-a à volta de tudo. A minha conceção errada na altura era que as auras só irradiavam de seres humanos.

Pouco tempo depois, comecei a experimentar com esta névoa ou brilho. Por vezes perguntava a alguém: «Tem alguma coisa errada com a orelha?» porque podia ter visto uma interrupção aí, menos energia, ou parecia agravado. E a pessoa respondia: «Sim, na verdade, tenho uma dor de ouvido.» Persistindo como a pessoa muito lógica que sou, fui ao oftalmologista e fiz um exame aos olhos. Os meus olhos estavam bem.

Muitos, muitos meses mais tarde, quando finalmente comecei a ver cores à volta das pessoas, pensei: «Oh, devo ter glaucoma. Deve ser isso. Não tem nada a ver com ver auras.» E voltei novamente ao oftalmologista. Não tinha glaucoma, e continuava a ver cores à volta das pessoas.

Uma das experiências mais fascinantes de Carol Ann ao ensinar indivíduos a ver a aura humana ocorreu enquanto trabalhava com uma turma na YWCA em Batavia, Nova Iorque. Explicou aos alunos o que era a aura e como começar a vê-la, refocando os olhos num nível de energia mais elevado e mais subtil. Depois, colocou-se contra um ecrã branco,

vestindo roupa preta (para que as mentes deles não dissessem: «Isso é apenas um reflexo da cor»), e fez com que realizassem um exercício de relaxamento de olhos fechados. Quando abriram os olhos, foram convidados a descrever tudo o que conseguiam ver. Muitos viram um enorme brilho; outros conseguiam ver cores atrás dela, e assim por diante. Um dos alunos da turma pareceu demonstrar um nível tremendo de precisão.

Carol Ann pediu a vários alunos que se levantassem um de cada vez e se colocassem de costas contra o ecrã, para dar à turma a oportunidade de ver como a aura de uma pessoa podia ser diferente da de outra. Alguns viram formas diferentes, intensidades e cores diferentes; e novamente o mesmo indivíduo mostrou um verdadeiro talento para ver a aura humana.

Por fim, Carol Ann pediu voluntários que avançassem e que tivessem um problema físico não óbvio e que não pudesse ser visto. Estas auras deram aos alunos da turma a oportunidade de ver como a aura parecia «diferente» onde quer que houvesse um problema físico — por exemplo: mais larga, mais estreita, mais escura, mais clara, saliente ou indentada. O mesmo aluno do sexo masculino provou ser talentoso neste exercício, pois conseguiu ver vários tons de cor e conseguiu identificar áreas onde havia um problema físico porque a área «parecia mais escura» para ele.

Depois da aula, a esposa do aluno talentoso aproximou-se e perguntou: «Viu como o meu marido se saiu bem?» Carol Ann respondeu que ele tinha feito um ótimo trabalho. A esposa acrescentou: «Mas não sabe a melhor parte — o meu marido é totalmente cego!»

Carol Ann ficou atónita. Verificou-se que o homem tinha quarenta e um anos e era cego desde os catorze anos, sem perceção de luz. A esposa tinha-o arrastado para a aula porque não queria ir sozinha. Ele também tinha assistido como «não crente». Quando lhe perguntaram como tinha conseguido ver as auras, pensou por um momento e disse: «Bem, fiz com a mente o que disse aos outros para fazerem com os olhos, e consegui ver!» Quando lhe pediram para mostrar onde na mente tinha visto as auras, apontou para o meio da testa — o terceiro olho. Esta experiência tornou-se o impulso original por detrás da fundação e direção por parte de Carol Ann do «Project Blind Awareness», que durante muitos anos foi

um programa de formação inovador destinado a aumentar a intuição em participantes cegos, para os ajudar a tornarem-se mais móveis e independentes. Atualmente, Carol Ann está convicta de que qualquer pessoa pode ser ensinada a experienciar a aura:

«Os nossos olhos estão habituados a ver num nível de energia muito denso — este nível físico. Parecemos sólidos, mas na realidade os nossos corpos físicos são constituídos por milhões de moléculas em movimento com muito espaço entre as moléculas em movimento.

Tudo o que realmente é preciso para ver uma aura é um ajuste nos olhos. Precisamos de nos treinar para vermos neste nível de energia mais elevado e mais subtil. É simplesmente um refocamento consciente do olhar.»

O propósito de explorar a aura é, na verdade, compreender melhor o eu. Da mesma forma que ferramentas como a astrologia, leituras psíquicas, numerologia, testes psicológicos, introspeção pessoal, sonhos e outras podem empoderar um indivíduo para se tornar tudo aquilo que estava destinado a ser, trabalhar com a aura pode ser benéfico para superar os seus problemas e cultivar forças pessoais. Na maioria das vezes, a aura está em constante mudança, é multicamada e multicolorida.

O tamanho, a forma e as cores mudam e evoluem geralmente dependendo do que o indivíduo está a fazer, do que está a pensar e a sentir, e de quem ou do que está a encontrar. Tal como um espelho, a aura fornece um reflexo do indivíduo, mas é um reflexo que detalha tanto as partes exteriores como as interiores do eu. A chave para ver auras é semelhante à de todos os outros processos psíquicos. A chave é conseguir relaxar.

Este livro foi escrito com o objetivo de fornecer aos indivíduos informação sobre a aura humana — o que ela é e como pode ser experienciada. Além de citar exemplos contemporâneos, bem como exemplos da obra de vida de Edgar Cayce, o livro explora o significado das cores e como a vibração da cor pode impactar os indivíduos. Examina também o que as cores podem significar (positiva e negativamente) na aura humana. Mesmo que nunca tenha visto uma aura antes, ou acredite

que seja possível ver uma aura, este livro dar-lhe-á as ferramentas para experienciar a aura humana. Espera-se que este livro possa fazer uma pequena contribuição para compreender o facto de que cada um de nós é muito mais do que um corpo físico e que algumas das ferramentas de que precisamos para conhecer o eu estiveram sempre connosco — só não sabíamos onde procurar.

Kevin J. Todeschi Carol Ann Liaros

¹ As leituras de Edgar Cayce são numeradas para preservar a confidencialidade. O primeiro conjunto de números (p. ex., «1650») refere-se ao indivíduo ou grupo para quem a leitura foi dada. O segundo conjunto de números (p. ex., «1») refere-se ao número da leitura para esse indivíduo ou grupo.

1

Edgar Cayce sobre Auras e Cores

O material de Edgar Cayce examinou de muitas formas não só o tema da cor, mas também a ideia de auras. Uma área importante de exploração nas leituras de Cayce é a do simbolismo pessoal. Este tema é discutido em leituras que tratam de sonhos e interpretação de sonhos, bem como da interpretação de sinais e símbolos pessoais (tais como os contidos em representações artísticas do que as leituras designavam por selos de vida e gráficos de aura).

Houve também uma exploração profunda do simbolismo realizada por um grupo de indivíduos que se autodenominavam o Glad Helpers Prayer Group. Embora o interesse principal deste grupo de oração fosse trabalhar com oração, meditação e cura espiritual, o grupo obteve também leituras sobre vários temas que exploraram o simbolismo pessoal, incluindo a interpretação do Livro do Apocalipse e uma exploração da ligação entre os chakras espirituais e as glândulas endócrinas do corpo físico.

Em termos de como o simbolismo pessoal estava ligado aos temas da cor, da consciência e da fisiologia do corpo, as leituras afirmavam que, à medida que a energia subia pelos centros endócrinos do corpo, havia

símbolos e cores associados a cada um desses centros, que podiam vir à consciência. Por exemplo, no Livro de Ezequiel no Antigo Testamento, o profeta Ezequiel, enquanto em oração, tem uma visão em que vê quatro bestas envolvidas num redemoinho: um homem, um leão, um boi e uma águia (Ezequiel 1:10). Imagens semelhantes são testemunhadas quinhentos anos mais tarde pelo Apóstolo João durante a sua experiência de Revelação, quando vê um leão, um homem, um bezerro e uma águia (Apocalipse 4:7).

Segundo Cayce, as imagens destas quatro bestas estão na verdade associadas aos quatro centros espirituais inferiores e podem vir à consciência durante a meditação ou oração, à medida que a energia da kundalini sobe pelo corpo. A associação simbólica testemunhada tanto por Ezequiel como por João é a seguinte: o chakra raiz representa um bezerro ou um boi, o segundo chakra um homem ou ser humano, o terceiro chakra um leão, e o quarto chakra uma águia.

Existem cores associadas a cada um dos sete chakras principais, que Cayce correlacionou com os sete centros glandulares (endócrinos) principais do corpo. Cada uma destas cores tem a sua própria vibração e está também associada à elevação da consciência pessoal. Cayce disse ao grupo:

«... Pois, como foi dado, a cor é apenas vibração...» (281-29). Quanto mais elevado o centro, mais elevado o nível de vibração e de consciência, de modo que o primeiro chakra e a sua cor correspondente são mais baixos do que o sétimo chakra e a sua cor correspondente. As cores destes chakras ou glândulas são fáceis de recordar, pois ocorrem na mesma ordem das cores do arco-íris — vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta:

Centro / Chakra	Glândula Endócrina²	Cor Associada
1	Gónadas	Vermelho
2	Células de Leydig	Laranja
3	Suprarrenais (Adrenais)	Amarelo
4	Timo (Thymus)	Verde
5	Tiróide (Thyroid)	Azul
6	Pineal	Índigo
7	Hipófise (Pituitária)	Violeta

Notas:

Embora cada uma das cores corresponda a um nível de consciência e a uma compreensão do que essa cor simboliza, Cayce também disse ao grupo de oração que as associações e experiências pessoais com as cores podem sobrepor-se ao seu significado geralmente aceite. Por exemplo, enquanto muitas pessoas associam o azul à espiritualidade e ao caminho espiritual, para algumas essa cor pode estar associada à depressão e à experiência de «sentir-se blue».

Para ser exato, o interesse pela cor e a exploração do que as cores podem significar não se limitam apenas à informação de Edgar Cayce. Pelo contrário, no mundo da nossa percepção, a cor está por toda a parte. Seja nos verdes vibrantes da primavera, nas cores brilhantes do verão, nos laranjas e vermelhos do outono, ou no branco intenso do nosso entorno após uma queda de neve, a cor sempre fez parte do nosso ambiente. Ao longo da vida, a nossa relação com a cor tem um impacto contínuo nas roupas que vestimos, nos carros que conduzimos, nos móveis que escolhemos e até na comida que decidimos comer.

A cor está em todo o lado. Mas, num sentido muito real, a cor é uma ilusão coletivamente percebida. O que pensamos ver é, na verdade, um subproduto da forma como a vibração da luz visível é percebida pelos olhos e pelo cérebro.

Em termos da ciência da cor, foi comprovado que a banana amarela que comemos ao almoço não exsuda realmente a cor amarela. Em vez disso, a banana absorve todas as frequências de luz visível que incidem sobre ela, exceto aquelas que são refletidas e percebidas como amarelo. Percebemos as coisas como tendo cores específicas porque todos os objetos absorvem certas comprimentos de onda e refletem outras. Os comprimentos de onda refletidos são aqueles que chegam ao olho. Percebemos a cor graças à nossa capacidade de distinguir entre estes diferentes comprimentos de onda.

O comprimento de onda mais curto (e a frequência mais alta) geralmente visível para os humanos é o violeta, e o mais longo (e a frequência mais baixa) geralmente visível é o vermelho. Um comprimento de onda é medido numa unidade infinitamente pequena equivalente a um milésimo de milhão de metro, chamada nanómetro (nm), e a faixa visível vai aproximadamente de 380 nm a 740 nm.

Embora alguns possam acreditar que o branco é a ausência de cor, enquanto o preto contém todas as cores, na realidade é o inverso que é verdadeiro. Foi Isaac Newton quem descobriu que a luz branca se divide nos seus componentes de cor quando passa por um prisma. Ele designou essas cores como vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta. Frequentemente, a ciência da cor não distingue diferença entre índigo e violeta, pelo que a «luz visível» é muitas vezes associada a apenas seis faixas de cor.

[É importante notar que a «luz visível» no reino animal é muito diferente da percebida pelos olhos humanos. Por exemplo, muitas aves veem uma gama mais ampla de cores do que os humanos, incluindo cores no espectro ultravioleta (luz com comprimento de onda mais curto do que o violeta); inversamente, cães e gatos são geralmente classificados como «daltónicos» porque veem cores muito pálidas ou várias tonalidades de cinzento.] No entanto, uma vez que tanto Newton como Cayce discutiram a importância destas sete cores, certamente valerá a pena examiná-las mais adiante.

Duas das ferramentas relacionadas com o simbolismo pessoal e as cores que são distintas nas leituras de Edgar Cayce são os selos de vida e os

gráficos de aura.³ Essencialmente, ambas estas ferramentas são desenhos visuais e representações artísticas de símbolos, imagens e cores que Cayce sugeria que podiam ajudar cada indivíduo a compreender melhor a si próprio. Os selos de vida são desenhos que os indivíduos criam, geralmente dentro de um círculo, que podem ajudá-los a compreender-se melhor a si mesmos.

Semelhantes ao uso de mandalas por Carl Jung, estes desenhos contêm cores, imagens e símbolos que têm importância simbólica para o indivíduo. Em última análise, estes selos servem como lembretes dos talentos de uma pessoa, bem como daquelas coisas que o indivíduo pode precisar de trabalhar no presente. Cayce disse uma vez a uma mulher de vinte anos que ela tinha a capacidade de criar selos de vida para os outros, e descreveu o propósito destes desenhos:

«... aquilo que despertará no interior de indivíduos, mentes individuais, almas individuais, aquilo que auxiliará esses indivíduos a conhecerem-se a si mesmos, as suas fraquezas, os seus defeitos, os seus levantamentos, os seus abatimentos. Aquilo que permite à alma individual ver-se melhor a si mesma. E aquilo que auxilia cada indivíduo ou o impede, ou é útil para ele, na expressão de si mesmo na experiência presente.» (275-36)

Baseando-se neste uso do simbolismo pessoal como meio de compreender o eu, ao mesmo tempo que incorpora os conceitos de reencarnação e memória da alma, Edgar Cayce recomendou a criação do que chamou de gráfico de aura. O gráfico de aura é essencialmente uma ilustração visual da jornada da alma com imagens, figuras, cores e símbolos que retratam o que a alma aprendeu, bem como onde teve sucesso ou falhou na sua passagem pelo tempo e pela história.

O gráfico de aura representa aquelas vidas ou encarnações que mais influenciam o indivíduo no presente — ou seja, aqueles períodos da história aos quais o indivíduo se sente mais atraído e tem a maior resposta emocional (boa ou má). Essencialmente, o gráfico de aura é uma representação visual do que Cayce designava por registo Akáshico da alma — o registo universal ou base de dados da jornada pessoal única da alma de cada indivíduo.

A primeira pessoa a solicitar uma leitura de gráfico de aura foi a secretária de Cayce, Gladys Davis, a quem foi dito que uma leitura pedindo «... os símbolos, cores e o significado de cada um...» poderia ser transformada num desenho que lhe seria útil. (288-50) Mais tarde, um vendedor de automóveis de trinta e um anos solicitou um gráfico de aura para si próprio e foi-lhe dito o seu propósito:

«Ao dar um gráfico de aura — isto indicamos como os pontos altos nas experiências da entidade na Terra, tendo a ver com a maneira como a entidade se conduziu ou se está a conduzir no presente para o maior desabrochar — espiritualmente, mentalmente e materialmente... A beleza de tal desenho depende muito do conceito do artista. Contudo, estes podem visualizar para a entidade aquilo que pode trazer influências úteis para a experiência.» (533-20)

A ideia de usar simbolismo para facilitar o crescimento pessoal e a expansão da consciência, bem como um meio de compreender o eu interior, está ligada ao que transcorre durante o conceito junguiano de individuação. Essencialmente, o processo de individuação é aquele em que a mente consciente chega a um acordo com o seu Eu interior, integra a substância do inconsciente e avança gradualmente para a totalidade pessoal.

A natureza desconectada da criatura humana na sua jornada para a totalidade é frequentemente retratada em imagética arquetípica, simbolismo, sonhos, visões, contos de fadas e mitos. Por exemplo, embora clássicos infantis como *O Feiticeiro de Oz* e *As Aventuras de Pinóquio* possam ser lidos como nada mais do que histórias divertidas, ambos são na verdade simbólicos da jornada da alma para a totalidade pessoal e o esclarecimento.

Como já foi afirmado anteriormente, a principal fonte de informação de Edgar Cayce enquanto dava leituras eram os registos Akáshicos. Cayce também discutiu a ligação entre os registos Akáshicos e a aura humana, sugerindo que a aura era, de certa forma, uma imagem holográfica do próprio registo, contendo o mesmo tipo de informação para o indivíduo. Por exemplo, ao dar uma leitura a um prospecionador de petróleo de

trinta anos, Cayce discutiu o que estava a ver em termos do registo do indivíduo:

«Sim, temos o corpo, as condições aqui, e o registo tal como foi feito, e tal como será feito, tanto no presente como no passado e no futuro, como vemos a partir das condições existentes na esfera ou aura presente do indivíduo. Nem tudo é bom, contudo em muitas fases da esfera terrestre, conhecida como sucesso, este indivíduo ascenderá alto, contudo sempre aquelas forças errantes...» (221-2)

E ao iniciar uma leitura física sobre a saúde de uma mulher de trinta e quatro anos, Cayce afirmou que a sua aura continha um aviso quanto à possibilidade de um acidente, levando-o a recomendar cautela: «Antes de dar o Físico, daríamos aqui um aviso conforme indicado na aura do corpo, [{Ms.} 1300]. Cuidado ou tenha cuidado com um acidente em algo em movimento — como num elevador ou táxi.» (1300-2)

Ao longo dos anos, Edgar Cayce forneceu muitas leituras e sugestões para os indivíduos aumentarem a sua própria intuição. Ao examinar as formas como a capacidade psíquica pode manifestar-se, as leituras afirmam que a intuição pode ser elevada ao subjugar pensamentos e influências materiais ao eu da alma, tal como através do uso da oração, meditação, imaginação e devaneio pessoal. Neste tipo de estado, que num extremo pode ser semelhante a um transe literal e no outro extremo pode envolver simplesmente um aumento das forças imaginativas e intuitivas, a mente pode experienciar uma capacidade psíquica elevada. Esta intuição elevada poderia ser demonstrada, por exemplo, na capacidade dos indivíduos de olharem para o passado, bem como de verem a aura humana. (507-1)

Em várias ocasiões, Cayce sugeriu que a aura de cada indivíduo tem uma afinidade com cores específicas — uma afinidade que faz com que a pessoa se sinta mais confortável ou em sintonia com pessoas, situações e até com o ambiente. Ao longo dos anos em que deu leituras, uma das perguntas geralmente incluídas com a «afinidade de cor» em mente era algo do género: «A que cor vibro melhor?» Por exemplo, quando uma dona de restaurante de trinta e seis anos perguntou: «A que cor ou cores vibro?», Cayce respondeu: «Azul. E quando usar azul não se zangará! E

faça muito uso destas nas roupas interiores também, próximas do corpo.» (594-1) Em outras palavras, a leitura sugeria que a cor azul lhe proporcionaria uma vibração (mesmo quando usada como roupa interior) que a ajudaria a controlar o próprio temperamento. Noutra ocasião, uma adolescente surda e muda recorreu a Cayce para assistência física.

Além de recomendar alguns protocolos de saúde mais convencionais, ele encorajou os pais a deixarem-na trabalhar com instrumentos musicais de cordas para que pudesse «sentir a vibração», bem como a manterem duas cores específicas no seu corpo e no seu entorno — violeta profundo e vermelho. (4223-3) As cores foram recomendadas devido às vibrações específicas associadas a cada uma. Ao longo das leituras, a vibração do vermelho é frequentemente associada à energia, e o violeta profundo corresponde a estados superiores de consciência, sintonia espiritual e cura.

A cor e a música também foram recomendadas a um menino de cinco anos pelos pais que procuravam orientação para a criação da criança. Durante o decurso da leitura, Cayce delineou que tipos de música e cores a criança seria atraída e como os pais poderiam usar estas na vida do menino à medida que crescesse:

«Uma que, será encontrado, a música, tendências musicais, será uma influência nas atividades da entidade. A música será calmante, especialmente a de instrumentos de cordas — contudo a de trompa, ou flauta, ou palheta, mais tarde será uma influência mais ativa na experiência da entidade.

As cores também encontrarão uma influência nas atividades da entidade, especialmente aquelas não demasiado severas, mas o violeta, ultravioleta, tons de verde, de modo [cinzento-azulado claro/desbotado?], e rosa; embora as outras possam causar um rigor muitas vezes na entidade, os tons delicados — ou aqueles que podem ser designados como espirituais — influenciarão a entidade. Quando a doença ou algo semelhante surgir, música suave e os tons ou matizes mais claros acalmarão onde a medicina falharia.» (773-1)

Além da informação sobre a vida presente em relação às cores e à aura, o material de Cayce também examina ambos os temas no contexto da reencarnação e das vidas passadas. Por exemplo, as leituras afirmam que experiências anteriores na Terra podiam ser vistas em «... sentimentos em relação a lugares, condições, indivíduos...», todos contendo uma energia que era visível na aura. (2067-1) Cayce também discutiu como a influência da cor e o desejo de usar cor residiam frequentemente na consciência como um resíduo de vidas anteriores.

Como exemplo concreto, uma oradora e designer de vinte e sete anos foi informada de que, numa vida anterior no Egito, estivera ao serviço de um dos templos. O seu papel ali era ajudar os indivíduos a compreenderem a expressão e o propósito da sua vida trabalhando com cores e a aura. A leitura encorajou-a a ler tudo o que pudesse encontrar sobre os temas.

Também a aconselhou que a melhor informação e conhecimento de que dispunha seria obtido através do trabalho com auras e cores nas suas experiências e prática presentes, tal como fizera outrora no passado antigo. Na linguagem das leituras: «Pois ali a entidade ganhou as capacidades de harmonizar as cores até ao ponto em que cada indivíduo era e é ainda vestido com a sua cor individual — como chamamos aura.» (1436-2)

Foi encorajada a expandir o seu trabalho com a cor em palestras sobre o tema, como poderia fazer na rádio, bem como a envolver-se com a indústria cinematográfica e o uso da cor no cinema. Foi animada com a afirmação de que poderia trazer uma compreensão da importância da cor aos outros tanto do ponto de vista metafísico como prático. Quando perguntou especificamente: «Estou apta a fazer algum trabalho especial na nova ciência da cor?», a resposta veio:

«Como encontramos e como foi indicado, no que respeita ao campo comercial, associado à nova cor para o cinema — estes são os campos de atividade em que a entidade pode aplicar as capacidades para os meios do mundo.

Quanto às cores relativas à própria vida — como o eu ou a entidade põe em movimento, estude auras e ajude os outros a saberem o que significam! Há aqueles que interpretam o mesmo na forma de espiritismo. Há aqueles que interpretam o mesmo na forma de vibração. São tudo isto e mais, como a entidade sabe e pode experimentar!

Assim, os estudos que a entidade pode fazer darão, novamente, novamente, aquele fermento que fermenta o todo, para o uso das massas na sua experiência diária!» (1436-2)

Numa leitura de seguimento, a mulher mencionou que se tornara interessada em falar sobre o uso da cor para realçar a beleza e o charme e pensava que isso poderia levar a trabalhar tanto na rádio como na indústria cinematográfica. Cayce tranquilizou-a de que ia na direção certa. Quando perguntou que estudos específicos deveria empreender em relação à cor, a resposta indicou que estudar a cor era, em última análise, estudar o eu:

«Primeiro estude o eu! em relação às Forças Criativas, como tem sido a orientação. Ou o estudo das auras em relação à vida individual, à expressão individual nos outros. Pois isto, como foi apontado, foi a maior parte da atividade física no plano material para dar por parte da entidade durante o período egípcio.

Assim, isto aplicado a coisas materiais, ou ao valor comercial dentro de si, torna-se o meio, a maneira, o caminho através do qual isto pode ser dado o mais.» (1436-3)

A leitura continuou a indicar que precisava de continuar a aprender sobre a aura humana, incluindo compreender como as atividades diárias de cada indivíduo afetam a aura. Cayce sugeriu que perceber a ligação entre o corpo, as atividades do indivíduo e a aura era central para compreender verdadeiramente o tema: «... Primeiro aprenda as forças básicas ou princípios básicos do mesmo em relação às forças corporais... aprenda a atividade do eterónico e as vibrações do corpo, pois são estas que produzem cor, que produzem aura, que produzem as atividades vistas como cor.» (1436-3) Uma vez que compreendesse verdadeiramente as

auras a este nível, seria guiada para os próximos passos na realização da sua própria missão de vida.

Embora nunca tenha sido explorado em maior detalhe e ninguém entre os contemporâneos de Cayce tenha pedido informação adicional sobre o tema, as leituras também sugeriram que — além do impacto das cores nos indivíduos — cada cidade possuía na verdade uma vibração única e, portanto, uma cor com a qual estaria mais em harmonia. O conceito surgiu enquanto Edgar Cayce tinha um sonho em que, flutuando sobre os Estados Unidos, se percebeu a olhar para baixo para vários tipos de energias que pareciam irradiar de diferentes áreas do país.

Tornou-se consciente de que cada uma destas energias estava associada a diferentes tipos de vibrações. No seu sonho, uma área ou cidade parecia irradiar uma vibração associada à saúde ou cura, por exemplo, enquanto outra parecia estar mais alinhada com o comércio.⁴ (294-131) Cayce referiu brevemente o facto de cada cidade possuir uma cor correspondente numa leitura dada a uma mulher de vinte e nove anos. Enquanto sintonizava o tempo e o local do seu nascimento (Cidade de Nova Iorque), a leitura afirmou simplesmente:

«... E cada cidade tem a sua própria cor!» (1456-1) Ele ampliou ainda mais este conceito numa leitura diferente ao afirmar que até os planetas têm uma cor correspondente: «... Pois não é estranho que música, cor, vibração sejam tudo parte dos planetas, tal como os planetas são uma parte — e um padrão — de todo o universo...» (5755-1)

Esta interconexão entre cor, música e vibração foi mencionada novamente numa leitura dada a um músico de vinte e três anos, que foi informado em parte:

«Assim como há a música das esferas, há de facto a música das coisas em crescimento na natureza. Há então a música da própria natureza! Há a música do crescimento da rosa, de cada planta que dá cor, de cada uma que abre a sua flor para a edificação, para a santificação mesmo do entorno à sua volta!» (949-12)

Uma exploração mais profunda da música, vibração, som e cor (e das suas propriedades curativas) foi discutida na leitura para um osteopata de quarenta e um anos, que aparentemente era atraído pela música:

«Contudo a música é um reino superior para a entidade. E poderá ser encontrado na experiência da entidade, como a partir daquelas atividades na experiência anterior a esta, que sons, música e cores podem ter muito a ver com a criação das vibrações corretas à volta de indivíduos que estejam desequilibrados mentalmente, deficientes fisicamente ou doentes no corpo e na mente; e podem ser usadas como experiências úteis...»
(1334-1)

Talvez um dos temas relacionados com a aura humana que é mais único na informação de Edgar Cayce seja a sua discussão do «aurascópio». Embora tenha sido mencionado em apenas quatro leituras dadas à mesma pessoa (440-3, 440-6, 440-7 e 440-12), as possibilidades deste dispositivo são bastante fascinantes. Essencialmente, as leituras descreviam o aurascópio como uma máquina portátil, um pouco maior do que binóculos, que tornaria possível ver a aura à volta de outras pessoas. As leituras sobre o aurascópio foram dadas a um estudante e engenheiro elétrico de vinte e três anos interessado em vibrações e campos de energia. Uma vez que, da perspectiva de Cayce, a aura é um campo de energia vibracional que emana de todos os seres vivos, o aurascópio era basicamente uma ferramenta para medir e ver essa energia.

Segundo a informação de Cayce, esta máquina permitiria a indivíduos com qualquer grau de capacidade psíquica ver a aura de outra pessoa e diagnosticar o bem-estar físico, mental e espiritual desse indivíduo. Eis como as leituras discutiram a teoria por detrás do dispositivo aurascópio e a sua capacidade de perceber vibrações e várias cores (sugerindo a saúde, o bem-estar, o estado de espírito e mais):

«Como sugerido, a teoria do dispositivo mecânico é determinar não só a aura dos indivíduos, mas usá-la no diagnóstico de distúrbios em várias porções do corpo.

Como é sabido, o corpo em ação — ou um corpo vivo — emana do mesmo as vibrações a que ele como corpo está a vibrar, tanto físicas como

espirituais. Tal como há uma aura quando uma corda de um instrumento musical é vibrada — o tom é produzido pela vibração. No corpo, o tom é dado em vibração mais elevada, ou a cor. Assim, esta é uma condição que existe com cada corpo físico...» (440-6)

Segundo as anotações existentes nos arquivos de Cayce, ao longo dos anos vários indivíduos seguiram as instruções fornecidas pelas leituras para a criação de um aurascópio. Foram construídos vários protótipos; no entanto, nunca foi produzido um modelo totalmente funcional deste aparelho em particular.

Certamente, o próprio Edgar Cayce era capaz de descrever a aura enquanto se encontrava no seu estado consciente. Além das suas próprias experiências ao ver a aura (ver Apêndice I — *Auras*), existem inúmeros exemplos do que ele disse aos indivíduos sobre as suas próprias auras. Um dos melhores registos da sua percepção consciente da aura ocorreu durante uma das suas aulas bíblicas de terça-feira à noite, quando passou pela sala e descreveu as auras que via em cada um dos presentes. A sua secretária, Gladys Davis, tomou nota de todos os seus comentários. Segue-se uma seleção de algumas das suas descrições:

A uma mulher de trinta e seis anos: «Tem muito violeta, rosa e branco. O branco significa sempre pureza. O seu corre para cima e para baixo, por isso é bastante temperamental. Tudo para si tem de ser muito definido, tem de ser muito seguro, com uma base sólida.»

A um homem de vinte e oito anos: «Tem muito azul, muito cinzento — porque se desencoraja facilmente por vezes. Tem altos e baixos; salta da cólera ou salta para a cólera com a mesma facilidade.»

A uma mulher de vinte e dois anos: «Tem muito rosa, e torna-se uma aura muito bonita. Julga a maioria das coisas pelos resultados materiais que obtém. Não quero dizer que não tenha espiritualidade, mas há mais rosa na sua aura do que outras cores. Muda, como o rosa mudaria — ou no coral — as mudanças entram e saem. Esfrega-o por cima, depois risca de branco e esfrega por cima; depois há uma risca de azul e esfrega por cima. É assim que funciona.»

E, a um homem de trinta e seis anos: «Tem mais violeta na sua aura do que qualquer pessoa na sala. O violeta indica sempre o buscador, o pesquisador por algo. Tem mais [violeta] do que cinzento, azul, opala, branco ou rosa. Muito rosa ou coral na aura de um indivíduo indica mentalidade material.»

(Ver Apêndice II: Exemplos de Descrições de Auras em Estado de Vigília de Edgar Cayce.)

Em geral, as leituras discutiram a cor e as auras como ferramentas adicionais que podiam ser usadas para uma melhor compreensão do eu. Da perspectiva de Cayce, ambas fornecem uma representação pictórica da energia, saúde, estado de espírito, pensamentos, possibilidades e potenciais de um indivíduo. A aura contém informação relacionada com os talentos, fraquezas, lições cármicas e vidas passadas de uma pessoa. Num sentido muito real, é um barómetro da pessoa na sua totalidade — um indicador do seu estado físico, mental, emocional e espiritual. As leituras de Edgar Cayce declaram que somos muito mais do que um corpo físico e que estamos conectados à luz, energia, cor e vibração. Talvez a aura seja um indicador da natureza de quem realmente somos de formas que ainda não ousámos imaginar.

² Para uma discussão detalhada das glândulas endócrinas e da fisiologia da meditação, ver *Meditation and the Mind of Man* de Herbert B. Puryear, PhD e Mark A. Thurston, PhD (Virginia Beach, VA: A.R.E. Press, 1983). ³ Para uma exploração detalhada dos selos de vida e gráficos de aura, ver *Soul Signs* de Kevin J. Todeschi (Virginia Beach, VA: A.R.E. Press, 2003). ⁴ Para uma discussão sobre Cayce e vibrações, ver *Edgar Cayce on Vibrations* de Kevin J. Todeschi (Virginia Beach, VA: A.R.E. Press, 2007).

A Vibração da Cor

A ciência demonstrou que a cor é basicamente a nossa percepção coletiva dos efeitos do comprimento de onda e da frequência. O material de Edgar Cayce certamente concorda com esta ideia. As leituras afirmam que as várias cores e tons que observamos estão associados à forma como percebemos diferentes taxas de vibração.

Indo um passo mais longe, o material de Cayce afirma que a cor é essencialmente o resultado das vibrações manifestadas da energia espiritual. Na verdade, as leituras detalham a forma como a espiritualidade pessoal impacta a aura, as cores e as vibrações pessoais; e muitas leituras exploram a ligação entre o crescimento espiritual, a evolução da vibração pessoal e as cores específicas associadas a vários níveis de consciência. Do seu próprio estado consciente, Cayce descreveu as auras da seguinte forma:

«Uma aura é um efeito, não uma causa. Cada átomo, cada molécula, cada grupo de átomos e moléculas — por mais simples ou complexo, por mais grande ou pequeno — conta a história de si próprio, o seu padrão, o seu propósito, através das vibrações que emanam dele. As cores são as percepções destas vibrações pelo olho humano. À medida que as almas dos indivíduos viajam pelos reinos do ser, mudam e alteram os seus padrões conforme usam ou abusam das oportunidades que lhes são apresentadas.

Assim, a qualquer momento, em qualquer mundo, uma alma dará através das vibrações a história de si própria e a condição em que agora existe. Se outra consciência conseguir apreender essas vibrações e compreendê-las, saberá o estado do seu semelhante, a situação em que se encontra ou o progresso que fez.» (Ver folheto *Auras*, Apêndice I)

Além das suas percepções conscientes relativamente à aura, muitas das leituras de Edgar Cayce também descrevem este campo de energia vibracional em maior detalhe. Existem também centenas de leituras que examinam a ligação entre o crescimento espiritual e o desenvolvimento da consciência. Quando um grupo de contemporâneos de Cayce pediu leituras sobre o processo de desenvolvimento psíquico, as leituras

sugeriram em vez disso que o verdadeiro objetivo deveria ser o desenvolvimento espiritual que, por sua vez, facilitaria o desenvolvimento intuitivo como um subproduto natural. Duas coleções destas leituras exploram esta premissa em maior detalhe — as leituras do Grupo de Estudo (conhecidas como a «série 262») e as leituras do Grupo de Oração (conhecidas como a «série 281»).

Este material propõe que, à medida que os indivíduos crescem em consciência, elevam a sua própria vibração pessoal e conseguem perceber estados superiores de consciência intuitiva ou espiritual. Por exemplo, quando um membro feminino de quarenta e um anos do grupo de estudo pediu uma leitura de interpretação de sonho na qual viu a aura de si própria e da sua irmã, Cayce disse-lhe que o sonho era «um vislumbre do despertar do eu». (262-8) O seu trabalho com o crescimento espiritual estava a facilitar os seus talentos intuitivos.

Da mesma forma, quando um membro feminino de vinte e oito anos do grupo de oração começou a ver frequentemente clarões e formas na sua linha de visão, Cayce informou-a de que estava a ver as «vibrações superiores» e as «forças espirituais» de níveis superiores de consciência. Também afirmou que o seu crescimento no desenvolvimento espiritual estava a provocar o fenómeno de «começar a ver auras». Ligando isto à sua própria transformação espiritual, acrescentou: «... À medida que vida, luz e amor com compreensão se refletem em si, assim poderão ser vistos os mesmos reflexos nos outros.» (281-4)

Como discutido anteriormente, as leituras para o grupo de oração também exploraram as cores associadas a cada um dos sete centros espirituais principais ou chakras, que Cayce correlacionou com sete glândulas endócrinas no corpo físico. Cada uma das cores pode corresponder tanto a um nível positivo como negativo de consciência.

**Associação entre Chakras / Centros Espirituais, Cores e Expressões
Positivas / Negativas**

Chakra / Centro Espiritual / Glândula	Cor	Expressão Positiva	Expressão Negativa
1. Gónadas	Vermelho	Energético; produtivo; serve os outros; comprometido	Irado; autoindulgente; agressivo; propenso a ansiedade
2. Células de Leydig	Laranja	Equilibrado; criativo; vitalidade pessoal	Desequilibrado; hiper ou hipossexual; inflexível
3. Suprarrenais (Adrenais)	Amarelo	Inteligente; otimista; reflexivo; perdoador; perspicaz	Impraticável; sonhador; desequilíbrio entre coração e cabeça
4. Timo (Thymus)	Verde	Ama os outros; curador nato; generoso	Egoísta; invejoso; ciumento
5. Tiróide (Thyroid)	Azul	Espiritual; disposto a trabalhar com o Divino; cooperativo	Indeciso ou teimoso; idealista vs. realista; julgador; arrogante
6. Pineal	Índigo	Espiritualmente sábio; intuitivo; consciência pessoal do Divino	Excessivamente autossuficiente
7. Hipófise (Pituitária)	Violeta	Espiritual; amor divino; unidade	Moralista

Cayce lembrou ao grupo de oração: «... a vibração é a essência ou a base da cor...» (281-30) e afirmou que a cor e a vibração energética associada a cada um destes níveis de consciência viriam à tona através de práticas como a meditação.

Diversas abordagens de relaxamento pessoal também podem ajudar a provocar experiências intuitivas. A lógica é que o relaxamento permite ao indivíduo deixar de lado o «eu» da personalidade e, em vez disso, recorrer aos atributos do verdadeiro «eu» da alma, que permanece em sintonia com níveis superiores de consciência.

Curiosamente, Cayce disse uma vez a uma artista de trinta e quatro anos, extremamente intuitiva, que um dos seus maiores desafios era precisamente a sua vibração. Era tão elevada que muitas vezes lhe era difícil compreender e empatizar com os outros. Sugeriu-lhe que baixasse a sua própria vibração «... o suficiente para compreender as necessidades de muitos...» através da utilização da sua arte. A recomendação era que ela se sintonizasse com os outros e criasse desenhos que utilizassem cor e harmonia para retratar as atividades e preocupações diárias das pessoas de uma forma que pudesse oferecer inspiração. Cayce aconselhou que ela «... se tornasse nas cores e também nas formas representadas.» (2450-1)

A premissa nos textos é que a consciência de um indivíduo cresce e se expande, o que lhe permite ver estados superiores de consciência. Esse desenvolvimento da consciência permite a uma pessoa ajudar melhor indivíduos que se encontram em diferentes níveis de desenvolvimento pessoal.

Quando um homem de vinte e sete anos pediu mais informações sobre o que era uma aura e o que significavam as cores específicas, Cayce respondeu que a aura era essencialmente a «emanação» vibratória que rodeava o indivíduo e que mudava constantemente, dependendo das influências, atividades e ideias com que a pessoa estava envolvida. A leitura continuou a descrever a aura própria do homem e forneceu informações adicionais sobre como usar em conjunto a mente intelectual e a mente intuitiva como forma de desenvolver a sua capacidade psíquica:

Para si próprio, como vemos... {a cor é predominantemente} azul... e é a de um buscador; indicando a simpatia, a amabilidade, a capacidade de muitas vezes deitar óleo sobre águas turbulentas e de trazer tranquilidade com a chegada da consciência do corpo a quase todos os tipos de associações, e estas — consequentemente — são boas e devem ser cultivadas.

A aura muda, sem dúvida, de acordo com o temperamento. Tal como vemos que o ferro pode ser aquecido até ficar quente; também pode ser aquecido até ao branco-incandescente. As vibrações, compreende?

(P) Dê instruções detalhadas para desenvolver o sentido intuitivo. (R) Confie cada vez mais naquilo que vem de dentro. Ou, esta é uma forma muito comum — mas muito definida — de desenvolver: Perante qualquer questão que surja, pergunte ao seu eu mental — obtenha a resposta, sim ou não. Repouse nessa resposta. Não aja imediatamente (se deseja desenvolver as influências intuitivas). Depois, em meditação ou oração, ao olhar para dentro de si, pergunte — é sim ou não? A resposta é o desenvolvimento intuitivo. Sobre a mesma questão, compreende? 282-4

É importante compreender a ligação entre o crescimento espiritual e o desenvolvimento intuitivo. Quando Carol Ann Liaros dirigia o programa *Project Blind Awareness*, pedia aos voluntários que chegassem meia hora mais cedo para formarem um círculo e meditarem com o objetivo de elevar as vibrações dentro da sala onde o programa decorria. Segundo Carol Ann: «Quando os cegos chegavam, os seus campos energéticos eram imediatamente elevados a uma vibração mais alta. Os resultados dos nossos esforços foram confirmados repetidamente pelos sentimentos de amor que emanavam dos participantes.»

Como uma das formas de testar a vibração da cor, Carol Ann Liaros e os voluntários do *Project Blind Awareness* conceberam um estudo em colaboração com associações locais de cegos e com o Professor Douglas Dean, eletroquímico e parapsicólogo do New Jersey Institute of Technology.

Foram recrutados vinte participantes cegos, que realizaram cem ensaios de seleção de cores **antes** e **depois** de terem recebido vinte horas de

formação no âmbito do *Project Blind Awareness*. Durante estas sessões, os participantes cegos eram convidados a passar as mãos sobre várias folhas de cores diferentes, enquanto lhes eram colocadas as seguintes perguntas:

a) As folhas coloridas se sentem iguais ou diferentes? b) O indivíduo cego consegue diferenciar entre preto e branco? c) O indivíduo cego consegue diferenciar entre vermelho e azul? d) O indivíduo cego consegue diferenciar entre um conjunto de folhas a preto e branco e um conjunto a vermelho e azul?

Como cada indivíduo participou em cem ensaios de seleção de cores, e como as leis do acaso implicariam uma probabilidade de 50% de «acertar por acaso» nas questões a) –c), e de 25% na questão d), por mero acaso ocorreria a seguinte pontuação coletiva de precisão:

Pontuações antecipadas dos participantes com base nas leis do acaso:

A pontuação esperada por mero acaso (probabilidade aleatória) para cada tipo de teste, considerando o número total de ensaios indicados na tabela, seria a seguinte:

Teste	Totais de ensaios	Probabilidade por acaso	Pontuação esperada (acertos por acaso)
Mesmo-Teste Diferente	1000	50% (0,5)	500
Teste Branco Negro	1000	50% (0,5)	500
Teste Azul Vermelho	1000	50% (0,5)	500
Teste Vermelho Azul Branco Negro	500	25% (0,25)	125

Verdade seja dita, após os primeiros cem ensaios de seleção de cores e antes de iniciarem o treino intuitivo, os participantes cegos obtiveram pontuações dentro do intervalo esperado pelo acaso, conforme se segue:

Pontuações esperadas pelo acaso (relembrando):

- Iguais Diferentes, Branco Negro e Vermelho Azul: 50% → **1 000 acertos** esperados
- Branco Negro vs Vermelho Azul: 25% → **250 acertos** esperados

Resultados reais observados:

- Igual Diferente: **1028** (apenas +28 acima do esperado – dentro da variação normal do acaso)
- Branco Negro: **1021** (+21 – igualmente dentro do esperado estatisticamente)
- Vermelho Azul: **1028** (+28 – variação normal)
- Branco Preto vs Azul Vermelho: **523** (+273 acima do esperado de 250 – mas ainda considerado dentro de uma flutuação razoável do acaso para este número de ensaios, especialmente sem correção estatística rigorosa aplicada na altura)

Ao longo das sete semanas seguintes, os participantes foram guiados por uma série de exercícios destinados tanto ao relaxamento como ao desenvolvimento intuitivo. No final da formação, vários participantes relataram conseguir “ver” de uma forma que não conseguiam explicar por palavras nem compreender totalmente. Alguns afirmaram ser capazes de distinguir cores à distância, do outro lado da sala. Outros disseram que conseguiam perceber o contorno dos objetos num quarto. Quando lhes era pedido que indicassem onde estavam a perceber a cor — já que não podia ser visualmente —, a maioria apontava para a testa. Muitos dos participantes referiram um aumento na mobilidade, pois começaram a “saber simplesmente” onde se encontravam os objetos num espaço.

Um homem relatou que conseguia caminhar pela rua sem bengala, porque “via” as montras de vidro, os postes de iluminação e outros

obstáculos. Uma mulher afirmou que era capaz de escolher as suas roupas no armário porque conseguia “sentir a diferença” nas cores ao passar as mãos sobre as peças de vestuário a uma distância de vários centímetros. Outra mulher descreveu as suas novas capacidades da seguinte forma:

«Está a desenvolver-se em mim uma consciência do meu próprio campo energético e sinto como se realmente me visse: vejo as minhas mãos a trabalhar, vejo o meu corpo, vejo imagens e sombras, e parece que consigo quase ver o que está num quarto. Parece que realmente o vejo, embora não consiga, pois sou totalmente cega. No último domingo vi a minha primeira aura. Uma amiga estava a falar comigo quando, de repente, vi a aura dela e fiquei tão surpreendida que nem ouvi o que ela dizia. Ela reparou que eu não estava a ouvir e disse que os meus olhos se foram abrindo cada vez mais até perceber que algo se passava. Interrompi-a e disse: “Consigo ver a tua aura.” Era uma luz branca, difusa e tremeluzente, que rodeava a cabeça dela.»

Num episódio curioso, uma das participantes cegas estava a “varrer” a aura da sua voluntária e ia comentando sensações de calor, frescura e outras descrições à medida que avançava. Quando chegou aos pés e passou a mão por uma zona do pé esquerdo, disse: “Oh, aqui sente-se muito frio.” Para grande choque da mulher cega, a voluntária respondeu: “Sim! Exatamente. Tive um dedo do pé amputado há vários anos!” Uma experiência semelhante foi observada numa estudante cega de sessenta e dois anos, que ficou espantada ao varrer a aura da sua voluntária e notar como a zona do tronco lhe parecia fria. A voluntária contou-lhe que tinha sido submetida a uma histerectomia.

Carol Ann Liaros teve a sua própria experiência com os participantes cegos, que descreve do seguinte modo: Todas as luzes estavam apagadas na sala onde o grupo se reunia. Eu estava encostada a uma parede branca para um exercício em que incentivava os participantes cegos a praticar “ver” a minha aura. (Muitos estavam a ter experiências de ver através da testa.) Vários participantes fizeram comentários sobre as cores quando, de repente, muitos no grupo declararam que viam vermelho na minha aura, bem alto, à minha esquerda. Eu não conseguia perceber porque é que tantos estavam a ver

vermelho. Eu certamente não me sentia zangada ou irritada, e o vermelho é muitas vezes a cor da raiva na aura. Mais tarde, as luzes foram acesas e estávamos no intervalo. Por acaso olhei para a parede onde tantos tinham indicado ver vermelho na minha aura — e desatei a rir. Havia ali um sinal de SAÍDA. Não era um sinal iluminado, mas pintado de vermelho na parede, e eu não o tinha visto quando as luzes estavam apagadas!

Do ponto de vista da investigação, talvez os resultados seguintes tenham sido os mais impressionantes. Após o período de sete semanas de treino, os participantes voltaram a realizar as cem provas de seleção de cores; e, desta vez, as suas pontuações ficaram muito para além do que as leis do acaso permitiriam:

Pontuações dos participantes após 20 horas de treino do Project Blind Awareness:

No total, no **teste Igual–Diferente** foram obtidos **1.649** resultados corretos.

No **teste Preto–Branco**, o total foi de **1.316**.

No **teste Vermelho–Azul**, registaram-se **1.348**.

Por fim, no **teste combinado Preto–Branco / Vermelho–Azul**, o total foi de **835**.

Ao longo de mais de quarenta anos em que Carol Ann Liaros tem orientado exercícios de treino da intuição, ocorreram muitas experiências extremamente interessantes com os participantes, tanto videntes como cegos. Histórias como estas sugerem que a cor e a vibração são, de algum modo, quantificáveis para aqueles que possuem experiência direta e conhecimento da percepção intuitiva.

Bobby era uma criança cega de nove anos, sem qualquer percepção de luz. A sua cegueira foi descoberta alguns meses após o nascimento. Participava no programa juvenil Project Blind Awareness, no qual um dos exercícios dirigidos às crianças consistia em deitarem-se sobre grandes folhas coloridas — quadrados com cerca de noventa centímetros de lado — e “sentirem” a vibração da cor. As folhas incluíam as seguintes cores: vermelho, amarelo, verde, azul, branco e preto. Cada criança era encorajada a deitar-se sobre uma folha colorida e a esticar todo o corpo,

permitindo que o corpo sentisse a vibração da cor. Eram incentivadas a sentir a cor com as mãos, cotovelos, nariz, plantas dos pés, e assim por diante, e depois a descrever a cor ao voluntário que as acompanhava. Todos os voluntários do programa juvenil eram professores. As crianças eram informadas de que, com prática, deveriam ser capazes de reconhecer as várias cores através das sensações físicas que experimentavam. Bobby estava a sair-se bem com todas as cores até se deitar sobre a cor preta. Assim que se deitou no chão, saltou imediatamente para os pés e disse: “Não gosto desta cor! Faz-me lembrar o funeral do meu pai.”

Sam era um adulto cego cujos olhos tinham sido removidos devido a cancro. Depois de frequentar algumas aulas de percepção extrassensorial e de trabalhar com a sua intuição, descreveu a capacidade de ver auras através do centro da testa. Um dos talentos que demonstrava era a identificação de manchas escuras nas auras de diferentes pessoas, que correspondiam com precisão a áreas de problemas físicos. Durante uma das aulas, uma jovem vidente pediu a Sam que observasse a sua aura e descrevesse o que via. Ele descreveu brevemente a aura e depois hesitou, parecendo desconfortável e inquieto.

Quando foi encorajado a partilhar o que estava a ver, Sam respondeu: “Vejo duas auras! Ela está grávida?” Curiosamente, a jovem acabara de descobrir que estava grávida de cerca de quatro semanas. Quando lhe perguntaram se o bebé seria rapaz ou rapariga, Sam inclinou-se para a frente, como se estivesse a tentar ver melhor, e afirmou com segurança: “É um rapaz.” Alguns meses depois, a mulher deu à luz um belo menino.

Numa das aulas básicas de percepção extrassensorial que incluía a experiência da aura humana, os participantes revezavam-se para que as suas auras fossem descritas pelo resto da turma. Depois de a classe ter observado as auras de quatro ou cinco pessoas, um dos alunos, na casa dos vinte e poucos anos, avançou e encostou-se à parede branca. Ninguém conseguiu ver a aura daquele homem. Nem sequer Carol Ann foi capaz de a ver. Carol Ann atribuiu o sucedido ao cansaço visual geral, dizendo que “os olhos de toda a gente estão cansados”. Ficou perplexa, pois era uma experiência que nunca antes tinha vivido. A razão tornou-se

clara quando as aulas recomeçaram na semana seguinte. Um dos alunos trouxe um artigo de jornal sobre um jovem carteiro que tinha morrido enquanto fazia entregas numa zona rural, no seu pequeno veículo postal. O veículo batera numa vaca, capotara, e o carteiro morrera no acidente. O carteiro era o aluno cuja aura não tinha sido vista.

Esta experiência faz lembrar algo que Edgar Cayce disse sobre a aura humana: de onde vêm as cores e o que faz com que mudem e se alterem? A cor parece ser uma característica da vibração da matéria, e as nossas almas parecem refleti-la neste mundo tridimensional através de padrões atômicos. Somos padrões e projetamos cores, que existem para aqueles que as conseguem ver. Aparentemente, a aura reflete as vibrações da alma. Quando uma pessoa está marcada para a morte, a alma começa a retirar-se e a aura desvanece-se naturalmente.

Numa ocasião, um empresário de vinte e nove anos pediu a Edgar Cayce que descrevesse as vibrações que emanam da aura humana. A resposta de Cayce voltou a relacionar a aura com o efeito da vibração resultante da sintonia espiritual e da experiência de vida do indivíduo. Quando o homem perguntou especificamente se as vibrações de uma aura eram mensuráveis em termos de frequência e comprimento de onda, como uma onda luminosa, Cayce respondeu:

“Podem ser comparadas a isso, mas tratam-se de radiações {emanações} espirituais, e não de radiações {emanações} materiais; isto é, essas radiações {emanações} provenientes da forma espiritual podem assumir a forma de radiação vibratória {emanação} de cor ou de luz, através da sintonia do indivíduo.” (900-22). {Nota dos autores: Cayce está a descrever ‘emanação’ e não radiação, tal como o termo é geralmente utilizado na terminologia moderna.}

Oito anos mais tarde, Cayce disse ao mesmo indivíduo que “... toda a vibração, vê, produz cor ...” (900-149). Naquela altura, o empresário tinha procurado uma série de leituras de interpretação de sonhos e notara que via vários tons de cor nos seus sonhos. Cayce confirmou que essas cores estavam associadas a diferentes níveis de vibração e de consciência e que, de um modo geral, as cores mais densas corresponderiam a aspetos mais

físicos, enquanto as cores mais claras se relacionariam com os níveis superiores de consciência e espiritualidade.

Noutra ocasião, Cayce disse a uma jovem de vinte anos interessada em arte, simbolismo e cor que as cores dentro da aura emanam como vibrações a partir do indivíduo, com base nas suas atividades, pensamentos e personalidade. Acrescentou que cada uma dessas cores “... indica o grau de desenvolvimento do {indivíduo} ...” (275-30), tornando possível ver todas as influências que fazem parte do ser da pessoa, desde o puramente carnal até aos desenvolvimentos espirituais mais elevados. Mais tarde, Cayce descreveu a aura dessa mulher como sendo “azul para púrpura”. Quando ela pediu informações adicionais sobre a cor da sua aura, a resposta incluiu o seguinte:

(P) Qual é o significado da minha aura, azul para púrpura?

(R) Tal como a cor ou o tom indicam, o azul representa a pureza e o púrpura inclina-se para a espiritualidade.

(P) Quais são as melhores cores para eu usar?

(R) Azul, e aqueles tons ou matizes que se aproximam do púrpura profundo ou real, bem como os que se situam entre ambos. Padrões muito definidos ou riscas não são aconselháveis para o corpo.

(P) Que cores me devem rodear?

(R) As cores dourada e azul são cores curativas, assim como o púrpura, para o corpo.

(P) Que pedra preciosa emite as vibrações mais curativas para o meu corpo?

(R) A pérola e a pedra-de-sangue.

275-31

Noutros pontos das leituras, Cayce descreveu a espiritualidade pessoal como sendo melhor alcançada através de três práticas contínuas: o trabalho com ideais espirituais, o trabalho com a aplicação pessoal e o trabalho com a sintonia pessoal. Em diversas leituras dadas a indivíduos ao longo de muitas décadas, estas mesmas ferramentas foram descritas como fundamentais para o reforço da intuição pessoal e para a melhoria da capacidade de perceber diferentes níveis de consciência.

Existe uma interação complexa entre consciência, vibração e cor. Em termos de consciência, um indivíduo é capaz de perceber vários níveis de percepção consoante o seu próprio nível de desenvolvimento espiritual e vibração pessoal. Em termos de vibração, tanto a consciência como a cor possuem uma vibração correspondente — quanto mais elevada for a vibração de um indivíduo, mais elevado será o nível correspondente de consciência. Além disso, quanto mais elevada for a vibração do indivíduo, com maior frequência ele ou ela se consegue sintonizar com as necessidades e a consciência dos outros. Em termos de cor, cada cor possui uma vibração correspondente baseada no seu comprimento de onda e frequência.

Do ponto de vista da informação de Edgar Cayce, cada ser humano é uma combinação complexa de toda a atividade pessoal, pensamento, crença, inclinação e desejo. Na linguagem das leituras, “... cada entidade-alma é uma combinação de tudo aquilo que foi ...” (294-204). Estes impulsos e inclinações constituem tanto a consciência como a vibração, e os seus efeitos podem literalmente ser percebidos como cor na aura humana. Em termos simples, pensamentos e atividades têm, de algum modo, uma manifestação física. Deste ponto de vista, a aura é essencialmente a vibração do ser inteiro — uma vibração que se manifesta em várias cores. Cada uma dessas cores possui um significado correspondente para todos aqueles que têm a capacidade de as ver.

5 Agatha P. Tutko, “Teaching the Blind to See”, *Fate Magazine* (Maio de 1975).

O Significado das Cores

(Vermelho, Laranja e Amarelo)

Vermelho

Uma das formas pelas quais os indivíduos podem começar a decifrar os possíveis significados das cores na aura humana é procurar pistas na linguagem cotidiana. Expressões como “estava tão zangado que vi tudo vermelho”, “estava verde de inveja”, “tem mão verde”, “vale o seu peso em ouro”, “tem um coração de ouro”, “são ambos uns empedernidos (castanho)”, “anda sempre de mau humor (preto)”, “pálido como a morte”, “brilha como o sol (amarelo)”, “tem os pés bem assentes na terra (castanho)”, “tem uma personalidade mercurial (o prata é errático e imprevisível)”, e assim por diante, têm um significado importante. Estas pistas linguísticas podem ser extremamente úteis, especialmente para aqueles que estão a começar a construir a sua própria compreensão do possível significado das cores.

Outra abordagem que pode ser utilizada para explorar a cor é consultar as definições num dicionário não abreviado, que muitas vezes lista expressões metafóricas usadas na linguagem contemporânea. Por exemplo, “branco como a neve” pode estar associado à pureza; e “vive numa torre de marfim” pode sugerir alguém distante e desligado. Uma terceira abordagem é a experiência pessoal — começar a ver as próprias cores. Através das tuas experiências, começa a decifrar e a compreender o que essas cores podem significar para ti. Uma quarta abordagem consiste em investigar os possíveis significados das cores referidos por outros que conseguem ver a aura humana. Por exemplo, Carol Ann Liaros recorda o seguinte relativamente às suas próprias experiências ao ver a cor vermelha:

Quando o meu filho estava envolvido em desportos quando era mais novo, reparei que as crianças tinham quantidades diferentes de vermelho (vermelho claro e vibrante) nas suas auras. As mais ativas e enérgicas eram geralmente as mais bem-sucedidas nesse desporto específico. No entanto, ver a aura da minha filha quando estava zangada comigo por a

ter castigado foi diferente. A aura de punhais vermelhos a sair-lhe do pescoço tinha uma ligeira tonalidade escarlate. Embora houvesse muita energia, havia também raiva misturada com ela.

Em termos das experiências pessoais de Edgar Cayce, este observou o seguinte relativamente ao vermelho:

O vermelho é a primeira das cores primárias e, no simbolismo antigo, representava o corpo, a terra e o inferno, os três significando a mesma coisa nas antigas religiões de mistério. A terra era o mundo irracional para o qual a alma descia do céu... Quanto ao significado do vermelho, indica força, vigor e energia. A sua interpretação depende do tom e, como acontece com todas as cores, da relação com as outras cores. O vermelho escuro indica temperamento exaltado e é símbolo de turbulência nervosa.

Uma pessoa com vermelho escuro na aura pode não parecer fraca exteriormente, mas está a sofrer de alguma forma, e isso reflete-se no seu sistema nervoso. Tal pessoa tende a ser dominadora e rápida a agir. Se o tom de vermelho for claro, indica uma pessoa nervosa, impulsiva, muito ativa, provavelmente centrada em si própria. O escarlate indica um excesso de ego. O rosa ou coral é a cor da imaturidade. É normalmente visto em jovens e, se surgir na aura de um adulto, indica uma adolescência prolongada, uma preocupação infantil consigo próprio. Em todos os casos de vermelho, existe uma tendência para perturbações nervosas, e essas pessoas deveriam reservar tempo para estar em silêncio e sair de si mesmas.

O vermelho é a cor do planeta Marte e corresponde {vibracionalmente} ao Dó, a primeira nota da escala musical. No cristianismo primitivo, significava o sofrimento e a morte de Cristo e era a cor da guerra, do conflito e do sacrifício. (Ver *Auras*, Apêndice I)

Os arquivos de Cayce contêm também as seguintes descrições de aura feitas por Edgar Cayce em estado de vigília relativamente ao vermelho: “Tem havido muito vermelho à tua volta ultimamente, o que significa que tens estado bastante desafiante ...” (288-31, Relatório nº 18). Outras anotações conscientes nos ficheiros incluem:

[1467]: A tua aura é muito, muito definida; mudou desde que te conheço, tanto quanto a de qualquer pessoa que alguma vez vi. A tua aura é uma espécie de coroa, mas sob a forma de longos espigões que se elevam — e que são de cores variadas. Por vezes as cores passam de um tom para outro; podem tornar-se muito vermelhas e depois muito rosadas ao longo de toda a extensão. Isto porque sobes às alturas e depois desces às profundezas. Mas tens uma aura muito boa.

[2175]: A tua muda quase de acordo com os teus estados de espírito. Por isso sabes quantas cores seriam necessárias. Efervesce; depois, por vezes, quase a apagas em riscas, indicando aqueles ideais que são os teus factores determinantes a partir de um pensamento sóbrio, e nunca julgamentos impulsivos. Quando realmente ages sobre algo, dás-lhe um juízo ponderado e reflexão. Tomas decisões à segunda reflexão. Atiras-te a algo e depois pensas melhor. É uma ótima forma de agir, especialmente porque não há muito vermelho na tua aura. Não ages quando estás zangado, o que é das coisas mais agradáveis que se pode dizer sobre alguém. Podes fazer algo quando estás zangado, mas não o fazes realmente com intenção.

5746-1, Relatório nº 2

O vermelho foi também um tema recorrente nas leituras de Cayce. Por exemplo, quando uma estenógrafa de quarenta e cinco anos obteve informações adicionais sobre o propósito da sua vida e os pontos fortes e fracos da sua alma, Cayce recomendou que começasse a usar “pedras muito vermelhas”, como o coral, que poderia utilizar sob a forma de cinto, colar ou pulseira. Aparentemente, a pessoa enfrentava um número considerável de desafios e “condições tumultuosas” na sua vida.

Cayce aconselhou que as vibrações dessas pedras vermelhas ajudariam a trazer “mais harmonia para a experiência da entidade na atividade presente”. Foi-lhe também sugerido que usasse roupa que contivesse a cor azul, especialmente durante o sono, pois a vibração dessa cor ajudaria a acalmar a sua mente. Em termos de orientação e aconselhamento gerais, a leitura ofereceu o seguinte:

“... E se um corpo-mente, um corpo-físico, um corpo-alma tiver entendimento, então dê — para que possa ter. Pois aqueles que desejam

vida, amor, esperança, fé, amor fraterno, bondade, gentileza, misericórdia, devem manifestar essas coisas nas suas relações com aqueles que encontram em todas as esferas da vida. Ousa falar com suavidade, mesmo quando o próprio eu está perturbado. Ousa falar com suavidade quando és até censurado por aqueles de quem, no sentido material, tens todo o direito de esperar ou mesmo exigir honra, esperança e fé.

Ainda que ajam de modo oposto, com estes ambientes em torno de si, como indicado, a entidade será capaz de enfrentar tais situações; não como presságios, não como boa sorte, mas como factos para o próprio desenvolvimento. Pois a tua alma foi provada como pelo fogo através de muitas das tuas experiências na terra... Assim, o vermelho, o coral vermelho profundo, sobre a tua carne, trará tranquilidade àqueles turbilhões que surgiram no interior do eu; assim como os pigmentos de azul no corpo trarão o ar, a fragrância do amor, da misericórdia, da verdade e da justiça que existem dentro de ti.”

694-2

Durante uma leitura dada a uma mulher que sofria de anemia e fadiga crónica, Cayce recomendou a cor “vermelho e os seus tons” como as cores mais alinhadas com a sua vibração pessoal. (574-1) Uma vez que o vermelho pode estar associado à energia e à vitalidade, a vibração dessa cor ajudaria obviamente a mulher a superar a exaustão e a falta de vigor.

Noutra ocasião, uma mulher de quarenta e quatro anos, extremamente sensível e dotada de grande intuição, foi informada de que muitos dos seus desafios se deviam ao facto de frequentemente agir contra a sua própria intuição, criando assim grande turbulência pessoal. Foi-lhe aconselhado que trouxesse consigo pedras vermelhas (como rubi ou pedra-de-sangue), pois estas a ajudariam a seguir a sua própria orientação. Em vez de encarar as pedras como algum tipo de amuleto ou magia, a leitura aconselhou:

“Estas, como vemos, atuam como influências; não que façam com que as condições se realizem, mas são canais, vibrações que são criadas em torno da entidade e que podem deixar a sua impressão sobre as forças imaginativas e influenciá-las dentro da entidade para uma atividade maior

ou melhor.”

1616-1

Noutros pontos das leituras, as vibrações energéticas da pedra-de-sangue e do rubi foram explicadas a uma cantora de concertos reformada, de quarenta e nove anos, como ferramentas para ajudar os indivíduos a aplicar pensamento construtivo em atividades criativas. (1770-2) Esta mulher foi igualmente encorajada a manter tais pedras sobre ou junto ao corpo em permanência, devido à sua influência benéfica.

Os pais de um rapaz de quinze anos foram aconselhados a dar-lhe objetos de cor “vermelho-coral”. A cor foi recomendada como um meio de ajudar a equilibrar os “impulsos emocionais” do jovem, bem como o seu temperamento excessivamente sensível. O rapaz era hipersensível a questões de natureza psíquica, e Cayce afirmou que ele responderia bem ao vermelho, pois este também proporcionaria equilíbrio às suas emoções conflituosas. (963-1)

O vermelho foi uma cor de destaque recomendada na leitura dada a uma estudante de dezanove anos interessada nas artes. Para além de recomendar vestuário que contivesse “muita cor”, Cayce sugeriu que a jovem adquirisse e usasse um rubi, presumivelmente pela sua cor e vibração. Uma análise mais detalhada da leitura de vida da jovem sugere que a energia do vermelho foi recomendada para estabilidade emocional e enraizamento, uma vez que ela foi advertida contra situações que gerassem “contenção”.

Em encarnações anteriores, também enfrentara desafios relacionados com medos pessoais, falta de determinação e dificuldade em lidar com questões financeiras práticas no mundo material. No que respeita aos seus talentos inatos, a leitura indicou o seguinte: “No campo de atividade como crítica de livros, de peças, de manuscritos, de princípios, de ensinamentos, pode haver um canal através do qual a entidade possa dar expressão — assim como no lar.” (1891-1) Anos mais tarde, após a morte de Edgar Cayce, a mãe da jovem escreveu um relatório de acompanhamento à organização de Cayce (a A.R.E.), no qual afirmou: “... A minha filha [1891] foi aconselhada a usar uma pedra de rubi, o que tem feito desde então ...”

No caso de um homem de vinte e três anos que sofria de graves problemas oculares e lesões, Cayce aconselhou-o a usar lentes escuras de cor rosa ou rosa-âmbar e a consultar um especialista. A leitura afirmou que o uso consistente das lentes coloridas ajudaria a dissipar as lesões. (1132-1)

Em Março de 1929, mais de seis meses antes do grande Crash da Bolsa, um corretor da bolsa de trinta anos teve um sonho no qual “teve a impressão de que, em relação ao mercado, devíamos vender tudo”. No sonho, viu um touro a seguir um membro da família que vestia um vestido vermelho. Tentou apanhar o touro, mas não conseguiu. Cayce afirmou que o sonho era simbólico do perigo no mercado em alta e indicava também que ocorreria uma “quebra considerável” no mercado, a menos que condições bancárias estáveis intervissem para proporcionar alívio. Cayce disse ao indivíduo que o sonho era, de facto, um aviso. Neste caso, o vestido vermelho simbolizava tanto aviso como perigo. (137-115 e 900-425)

Exemplos do Project Blind Awareness relativamente ao vermelho incluem um participante chamado Bill, que estava a assistir a uma reunião dos Cavaleiros de Colombo com alguns amigos. Enquanto Bill estava sentado à espera com os amigos, um cavalheiro aproximou-se por trás e cumprimentou-os. Quando Bill se virou para a pessoa, perguntou: “Teve uma discussão com a sua esposa? A sua aura está toda vermelha!” O indivíduo ficou extremamente surpreendido, pois de facto tivera uma discussão com a esposa antes da reunião. O que foi talvez ainda mais surpreendente foi o facto de Bill ser completamente cego, sem qualquer percepção de luz.

Outra mulher, chamada Lola, que estava cega há quase trinta anos devido a retinite pigmentosa, surpreendeu a filha numa ocasião ao dizer: “Que vestido vermelho tão bonito estás a usar!” Lola tinha, de alguma forma, “sentido” a vibração da cor mesmo sem a ver — uma ocorrência frequente na vida de muitos outros participantes cegos no programa Project Blind Awareness.

Laranja

No seu livreto *Auras*, Edgar Cayce afirmou o seguinte relativamente à cor laranja:

O laranja é a cor do sol. É vital e, em geral, uma boa cor, indicando ponderação e consideração pelos outros. Novamente, porém, tudo depende do tom. O laranja dourado é vital e indica autocontrole, enquanto o laranja acastanhado revela falta de ambição e uma atitude de desleixo. Essas pessoas podem ser reprimidas, mas geralmente são apenas preguiçosas. Pessoas com laranja nas suas auras estão sujeitas a problemas renais.

Na igreja primitiva, o laranja significava glória, virtude e os frutos da terra, estando todos estes naturalmente ligados ao sol. Nas escalas musicais, a nota Ré corresponde {vibracionalmente} ao laranja. (Ver *Auras*, Apêndice I)

Uma descrição em estado de vigília registada nos arquivos de Cayce relativamente ao laranja é a seguinte: “[1222]: ‘A tua aura mudou bastante no último ano ou pouco mais. Tens muito mais daquelas cores que indicam segurança em ti próprio; laranja com dourado ...’” (5746-1, Relatório nº 2)

A cor laranja foi mencionada numa ocasião em que uma amiga da família obteve uma leitura para uma rapariga de catorze anos. Foi-lhe dito que “condições conflituosas” na sua vida precisavam de ser resolvidas para o seu bem-estar e desenvolvimento. Em parte, a jovem era hipersensível e extremamente intuitiva, especialmente no que dizia respeito à captação psíquica dos outros — os seus pensamentos, as suas vibrações pessoais, e até as vibrações das cores que usavam. Cayce disse-lhe: “

... Pois a entidade não só é capaz de receber as vibrações dos indivíduos em redor da entidade quanto às suas cores, mas também quanto às suas vibrações. E estas criam uma sensibilidade que muitas vezes é perturbadora para a entidade.” (1406-1) Cayce reconheceu que esta hipersensibilidade tinha sido, até então, um fardo para a jovem; no

entanto, afirmou que ela poderia superar essa sensibilidade ou canalizá-la em direções úteis para si própria e para os outros.

No que respeita à forma como isso poderia ser útil, a leitura aconselhou-a a considerar sempre um sinal de perigo ou aviso quando visse “vermelho baixo” ou “vermelho escuro” em torno das pessoas, alertando-a para o envolvimento com esses indivíduos. Foi-lhe também dito que, sempre que sentisse a vibração do laranja, especialmente quando este surgia misturado com tons violetas, estaria a tornar-se algo melancólica, sentimental e deprimida.

Nesse momento, deveria orientar a sua mente noutras direções — direções que “conduzam à alegria e à compreensão”. Cayce prometeu-lhe que, se continuasse a trabalhar com a sua sensibilidade à cor e à vibração, com o tempo passaria a saber pessoalmente o que significam vibrações e cores específicas; e também saberia em quem poderia confiar. Acrescentou ainda que estaria especialmente ligada a indivíduos cujas cores predominantes na aura fossem “vermelho claro”, “tons de verde” e tons de verde com “sombras de branco”.

Para ajudar a “assentá-la” e melhorar a sua sensibilidade, foi-lhe recomendado que usasse opalas ou pedras-da-lua “como um medalhão ao pescoço”. Foi-lhe também dito que, se usasse um anel de pérola ou de opala, isso lhe permitiria experienciar as cores e as vibrações dos outros com maior clareza. Em última análise, Cayce sugeriu que a sua sensibilidade e intuição poderiam trazer “para a experiência de outros uma influência útil e esperançosa”.

Quando os pais da rapariga perguntaram sobre a direção do trabalho de vida da filha, a orientação foi de que seria em qualquer área associada à intuição, ao ensino ou à enfermagem. Quando se colocou, em nome da rapariga, a questão “Que faculdades psíquicas específicas devo tentar desenvolver...?”, a resposta foi: “Como foi indicado, vibrações e cor.” (1406-1)

Em vez de acreditar que a aura é constantemente estável, o caso nº 452 dos arquivos de Cayce apresenta apenas um exemplo de como a aura de cada indivíduo está num estado contínuo de mudança, dependendo das

atividades em que essa pessoa se envolve. Em Novembro de 1932, um ministro protestante de vinte e oito anos obteve uma leitura para o seu próprio esclarecimento pessoal e espiritual e para orientação ocupacional. O seu objetivo final era encontrar uma posição em que pudesse ajudar a supervisionar outros ministros e missionários. No decurso dessa leitura, perguntou qual era a cor dominante na sua aura e a resposta de Cayce foi: “Azul para violeta.” (452-6) O azul para violeta está principalmente associado a verdades espirituais, a coisas de natureza espiritual e à realização espiritual.

Um ano mais tarde, o ministro obteve outra leitura, colocando uma série de perguntas adicionais sobre o propósito da sua vida. Cayce confirmou que o seu propósito estava, em última análise, orientado para ajudar ministros e missionários a tornarem-se de maior serviço a Deus e à humanidade. Desde a sua última leitura, o indivíduo começara também a considerar seriamente a possibilidade de se converter ao Catolicismo. Tinha conhecido uma jovem católica com quem ponderava a possibilidade de casamento e procurava, com afincos, um emprego mais lucrativo (muito provavelmente como forma de sustentar uma esposa).

Quando, nesta ocasião, perguntou pela cor dominante da sua aura, Cayce respondeu que era “laranja alto”, indicando o seu foco recente como “buscador” intelectual. Cayce acrescentou que, se o jovem ministro continuasse no seu caminho atual, centrando-se nas qualidades de sinceridade e consistência, a cor dominante passaria a transitar para azuis e verdes. Como referido, o azul associa-se à espiritualidade, e o verde é frequentemente apropriado para quem está envolvido em qualquer tipo de cura ou de trabalho ministerial. (452-7)

Amarelo

O amarelo é descrito do seguinte modo no livreto *Auras* de Cayce:

{No simbolismo antigo} a mente era associada ao amarelo. É interessante que, em alguns sistemas de metafísica, o azul seja considerado a verdadeira cor do sol; isto é, se pudéssemos estar fora da Terra veríamos o sol como uma luz azul — suave, poderosa e espiritual. Supõe-se que a cor amarela resulte da colisão dos raios do sol com a

atmosfera terrestre. Uma vez que a maior arma espiritual do homem é o seu intelecto, é natural que a mente seja associada à cor do sol neste mundo...

O amarelo é a segunda cor primária. Quando é amarelo dourado, indica saúde e bem-estar. Essas pessoas cuidam bem de si, não se preocupam e aprendem com facilidade; uma boa mentalidade é-lhes natural. São felizes, amigáveis e prestáveis. Se o amarelo for avermelhado, são tímidas. Se forem ruivas, tendem a ter um complexo de inferioridade. Assim, tendem frequentemente a ser indecisas e fracas de vontade, inclinadas a deixar que outros as liderem. Na escala musical, a nota Mi corresponde {à vibração de} amarelo, e Mercúrio é o planeta desta cor. (Ver *Auras*, Apêndice I)

A cor amarela aparece também de forma destacada na história do Padre Schommer, um padre jesuíta extremamente inteligente, com um QI elevado, memória fotográfica e talento suficiente com o violino para tocar com a Orquestra Filarmônica de Buffalo. Tragicamente, o Padre Schommer foi “cegado” duas vezes. Uma doença cegou-lhe um olho e o outro foi perdido durante uma partida de golfe, quando uma bola perdida o atingiu diretamente no olho que via. Ele juntou-se ao Project Blind Awareness e tornou-se um participante entusiasta.

Numa noite em que o grupo estava a fazer varrimento de cores, um dos voluntários videntes notou algo invulgar na precisão do Padre Schommer no exercício de varrimento de cor. A folha de cor laminada foi colocada na mesa à frente do Padre Schommer. Com a mão a alguns centímetros acima da mesa, o padre varria a folha colorida e depois verbalizava a resposta.

A voluntária não pôde deixar de reparar na própria aura do Padre Schommer durante o exercício: “Ficava protuberante de um lado da cabeça — um amarelo brilhante — e então ele falava.” Enquanto observava, reparou que, sempre que a aura se avolumava num amarelo vivo do lado direito da cabeça do padre, a resposta verbalizada sobre a cor estava correta. Porém, sempre que a aura se avolumava do lado esquerdo, a resposta estava errada. A voluntária concluiu que, sempre que o Padre Schommer “sentia” a resposta correta, o lado direito se

tornava dominante; quando era apenas um palpite, o lado esquerdo tornava-se dominante.

Há muito tempo, Carol Ann Liaros tinha notado a predominância de auras amarelas em alguns dos seus workshops:

Há muitos anos, enquanto apresentava um workshop, reparei que as auras por cima das cabeças dos participantes eram amarelas e fundiam-se para formar uma espécie de aura de grupo. Aqueles que “estavam a perceber” tinham auras que cresciam e eram mais brilhantes do que as dos outros. Quando as pessoas tinham dificuldade em compreender ou, de algum modo, não “percebiam”, a sua aura perdia o brilho e começava a encolher — quase como se ficassem envergonhadas e se encolhessem nos seus lugares, mesmo sem se terem mexido fisicamente!

Quando eu notava que algo assim tinha acontecido, dava as instruções de outra maneira ou tentava usar outras palavras para transmitir o que estava a descrever. Ao usar palavras diferentes, acabava por me ligar a essas pessoas e elas compreendiam o que eu estava a explicar. Como resultado, as suas auras voltavam a ficar com o mesmo tamanho e brilho que as do resto do grupo. Tendo aprendido esta ideia, quando ensinei grupos de professores que querem reforçar as suas capacidades psíquicas como forma de ajudar os seus alunos, sugeri que olhassem para as auras da turma e observassem este fenómeno. Pode ser imensamente útil, porque há alunos demasiado tímidos ou embaraçados para admitir que não estão a perceber. É apenas mais uma aplicação prática das nossas capacidades psíquicas.

Ao dar uma leitura a um agente de liberdade condicional de quarenta e três anos, Edgar Cayce afirmou que uma das cores a que a aura dele responderia seria o amarelo. Algumas das qualidades associadas ao amarelo são o intelecto, a concentração e a educação dos outros. Curiosamente, foi-lhe dito que, numa das suas encarnações mais recentes, tinha sido tanto professor como supervisor de estudantes dos colonos da sua comunidade. Para além de ter interesse na educação mental dos jovens, trazia do passado da sua própria alma um amor inato pela história e pela literatura — tudo associado ao amarelo na sua aura. (478-1)

Noutra ocasião, uma Dra. [2120] perguntou a Edgar Cayce por que razão tinha uma ligação tão forte às cores. A resposta foi que uma forte afinidade pelas cores é muitas vezes rastreável a vidas passadas em que essas cores eram usadas com um propósito específico. Cayce disse à mulher, que no presente era educadora, que tinha sido instrutora de templo no antigo Egito, responsável pela educação de mulheres. Nesse período, usara cores como forma de assinalar atividades no templo. Era especialmente apreciadora de cores associadas à opala e ao topázio (por exemplo: amarelo, laranja, azul, vermelho, etc.) e frequentemente fazia escaravinhos (besouros em miniatura) que as pessoas podiam segurar e transportar consigo.

Noutro exemplo dos arquivos de Cayce, quando uma mulher escreveu a pedir uma leitura para a sua filha de catorze anos, queixou-se do temperamento da filha e afirmou: “A minha filha, [3806], tem-me causado considerável ansiedade.” A rapariga era, aparentemente, extremamente independente e desafiante, levando a mãe a perguntar por que razão a filha não era mais obediente com a mãe e os professores. Parte do conselho de Cayce foi que a mãe não quebrasse a vontade da filha, mas antes encontrasse formas de canalizar, em direções mais positivas, a determinação da rapariga em querer fazer as coisas à sua maneira.

A leitura prosseguiu sugerindo que, por vezes, a rapariga tinha razão nessa determinação, e que parte da sua natureza independente podia ser atribuída a uma vida que vivera entre pioneiros mórmons que viajaram para Salt Lake City, Utah, durante o século XIX.

Cayce aconselhou a mãe a comprar à filha um colar com pendente de ametista, pois isso ajudaria a normalizar o seu temperamento. Por duas vezes, ao longo da leitura, sugeriu também que a rapariga usasse cores amarelas e azuis, “... pois {as} vibrações contribuirão para um melhor ambiente para o corpo.” (3806-1) Certamente, o amarelo pode estar associado ao intelecto e à concentração, mas a vibração também pode ajudar a dissipar medo e preocupação nos outros (talvez na mãe). Quanto ao azul, para além da ligação à espiritualidade e à sabedoria, tem também afinidade com pessoas de personalidade forte, autossuficiente e confiante.

O Significado das Cores (Verde, Azul, Índigo e Violeta)

Verde

Associamos frequentemente o verde à expressão “ter mão verde”, à primavera e ao verão, ao crescimento e até ao que é saudável e cheio de vida. Com estas ideias em mente, não é surpreendente que o verde seja muitas vezes considerado a cor da saúde e da vitalidade. Segundo Carol Ann Liaros, é frequentemente a cor que corresponde às profissões de cura: “A primeira vez que vi um curador a trabalhar num sujeito, reparei numa belíssima cor verde em torno das mãos do curador. Depois disso, sempre que via verde à volta das mãos de um cliente, perguntava se a pessoa trabalhava de algum modo em profissões de cura. A resposta era sempre ‘sim!’” Pessoas que trabalham na área da cura e dos cuidados de saúde — enfermeiros, médicos, psicólogos, curadores espirituais, terapeutas de massagem, e assim por diante — tendem a ter algum aspeto de um verde claro e belo na sua aura.

Edgar Cayce também via o aparecimento do verde como relacionado com a cura. No seu livreto *Auras*, comenta o seguinte:

O verde esmeralda puro, particularmente se tiver um toque de azul, é a cor da cura. É útil, forte, amigável. É a cor de médicos e enfermeiros, que invariavelmente têm muito dela nas suas auras. No entanto, raramente é uma cor dominante, sendo normalmente eclipsada por uma das suas vizinhas. À medida que tende para o azul, torna-se mais útil e fiável. À medida que tende para o amarelo, enfraquece. Um verde limão, com muito amarelo, é enganador. Regra geral, o verde profundo, de cura, vê-se em pequenas quantidades, mas é bom ter um pouco dele na aura. Saturno é o planeta {vibracional} desta cor, e Fá é a sua nota musical. Na igreja primitiva, simbolizava juventude e a fertilidade da natureza, tirando isto naturalmente da visão dos campos na primavera. (Ver *Auras*, Apêndice I)

Numa ocasião, Edgar Cayce informou uma mulher de quarenta e sete anos de que ela possuía talentos inatos como curadora e que poderia ajudar eficazmente a curar pessoas através da oração e da imposição de mãos — um método em que o curador trabalha com sintonia e depois

dirige energia de cura através das mãos. As leituras sugeriam que esse talento se tinha desenvolvido na antiga Pérsia, onde ela vivera como curadora do deserto. Tendo isto em mente, Cayce sugeriu que ela seria atraída por azul-esverdeado “... como cor, como vibração ...” (1469-1), e que essas cores também a ajudariam a elevar a sua vibração pessoal. Acrescentou que ela saberia que estava em sintonia e pronta para realizar o seu trabalho de cura quando visse uma luz azul-esverdeada. Depois da leitura, a mulher disse à família de Cayce e à sua secretária que tinha, de facto, experiências de cura no presente — especialmente com membros da sua própria família — e que via sempre a luz azul-esverdeada antes de começar.

Um funcionário de escritório de vinte e três anos foi encorajado a seguir a área da cura. Cayce afirmou: “... Pois até a aura da entidade é verde, indicando essas capacidades para a cura. Aparecem em riscas ou linhas não totalmente paralelas, mas as capacidades da entidade são indicadas para corresponder ao mesmo.”

(3545-1) Era um talento que ele aparentemente tinha adquirido durante uma encarnação na Terra Santa, no mesmo período em que o Apóstolo Paulo estava a iniciar o seu ministério. A leitura encorajou-o a voltar a dedicar-se ao trabalho de cura. Mais tarde, quando o indivíduo perguntou onde deveria trabalhar, a resposta foi: “Como foi indicado, nas artes da cura, especialmente em hidroterapia e eletroterapia e massagem.”

No que respeita à vibração curativa da cor, a informação de Edgar Cayce recomendou repetidamente o uso de uma luz ultravioleta de mão, mantida contra um vidro verde colocado a cerca de catorze polegadas de distância da zona do corpo que necessitasse de cura. Visto como uma forma de eletroterapia e de vibração curativa, as leituras de Cayce prescreviam geralmente o seu uso em conjunto com outros tratamentos, como ajustes osteopáticos ou massagem. Por exemplo, a luz ultravioleta foi recomendada no caso de uma mulher de cinquenta e sete anos com vários problemas de circulação. Quando se queixou de rigidez muscular, Cayce recomendou massagem seguida do uso da luz ultravioleta: “... Enquanto o corpo repousa após a massagem, o que deve fazer durante

pelo menos vinte a trinta minutos, aplique ao corpo a Luz Ultravioleta — com a Luz Verde projetada entre a Ultravioleta e o corpo; pelo efeito curativo que isso, na cor e na radiação da luz, tem sobre as forças do corpo.” 1567-4

O mesmo tratamento foi recomendado no caso de uma criança de dezoito meses diagnosticada com um tumor maligno inoperável. A justificação de Cayce aos pais foi a seguinte: “... na maioria dos casos em que é necessária uma mudança de vibração, a projeção de uma luz verde é preferível — porque o verde é a vibração curativa. Aqui, na natureza ou carácter da perturbação em que existe a formação de algo de natureza maligna, a luz verde será mais eficaz do que mesmo uma de natureza mais penetrante, ou até do que o raio-x — que destrói tecido... não administrem aqui outra coisa senão a Ultravioleta — a Luz de Mercúrio, com o vidro verde projetado entre o corpo e a Luz. Mantenham a Luz a pelo menos trinta e sete a trinta e oito polegadas do corpo, e o vidro verde a cerca de catorze polegadas do corpo. Usem apenas durante um minuto e meio, cerca de duas vezes por semana.” 3370-1

Noutro ponto, Cayce recomendou que uma pedra verde de lápis-lazúli pudesse ser encapsulada em vidro e usada sobre o corpo para a saúde em geral. Acrescentou que a vibração desse tipo de joalheria chegaria mesmo a tornar-se uma “influência curativa para outros” sempre que se aproximassem. (3416-1) Outra leitura sugeriu ainda que instalações de tratamento especializadas na área dos cuidados de saúde deveriam ser sempre pintadas numa gama “entre o verde e o azul”. (165-17)

Em vez de estar associada à cura, uma assistente jurídica de cinquenta anos foi informada de que, para ela, o verde era sinónimo de ciúme. Embora não tenha sido totalmente explicado, a leitura aconselhou que, por algo traumático ter acontecido no passado longínquo, aparentemente na data de 15 de Junho, a um nível muito profundo um dos seus maiores medos contínuos era o “medo do que pode vir a acontecer”, especialmente nesse dia. Cayce sugeriu que esse medo era um resíduo de memória de uma experiência de vida passada e estava, de algum modo, especificamente ligado a um indivíduo cujas iniciais a mulher indicou no presente como “E.D.I.” Pela leitura, parece que esse mesmo indivíduo

estivera ligado a ela no passado longínquo e depois a deixara inesperadamente por outra pessoa, causando o ciúme e o medo que permaneceram como memória dentro do seu ser. Quando a mulher perguntou sobre a possibilidade de voltar a contactar o Sr. “E.D.I.”, Cayce advertiu: “Não! Melhor deixá-lo em paz. Pois estas são {as} fontes do medo...” (5030-1)

Azul

Edgar Cayce associava o azul a elementos considerados de natureza espiritual: “O azul sempre foi a cor do espírito, o símbolo da contemplação, da oração e do céu. O céu é azul porque as moléculas de gás no ar fazem com que os raios de luz do sol se espalhem. Esta é a explicação científica mas, como já referi antes, diz-se que o azul é a verdadeira cor do sol e é também a cor do planeta Júpiter, que é o regente dos grandes pensamentos e da elevação de espírito. Quase qualquer tom de azul é bom, mas os tons mais profundos são os melhores. O azul pálido indica pouca profundidade, mas uma luta em direção à maturidade.

A pessoa pode não ser talentosa, mas esforça-se. Terá muitas dores de coração e muitas dores de cabeça, mas continuará a seguir na direção certa. O azul médio, ou água, pertence a uma pessoa que trabalhará mais e fará mais do que alguém com azul claro, embora possa haver pouca diferença de talento entre elas. Aqueles que têm azul profundo encontraram o seu trabalho e estão imersos nele. Têm tendência para a melancolia e são quase sempre pessoas invulgares, mas têm uma missão e seguem firmemente a cumpri-la. São, na maioria, espirituais e a sua vida é geralmente dedicada a uma causa altruísta, como a ciência, a arte ou o serviço social. Já vi muitas Irmãs da Misericórdia com este azul escuro, e muitos escritores e cantores também. A nota musical do azul é Sol e, na igreja primitiva, a cor era atribuída às mais altas realizações da alma.” (Ver *Auras*, Apêndice I)

A importância da cor azul foi mencionada numa leitura de interpretação de sonho dada por Edgar Cayce a uma jovem de vinte e um anos que estava preocupada com a mãe doente e hospitalizada. A mãe estava internada devido a complicações após uma operação que, segundo as

leituras, tinha sido desnecessária. A mulher mais velha era aparentemente alérgica à anestesia e sofria também de forte pressão na cabeça, bem como complicações contínuas com coágulos sanguíneos e vasos sanguíneos que rebentavam. Compreensivelmente, a filha estava profundamente preocupada. Num sonho, a jovem usava um vestido azul e branco e estava ajoelhada diante do médico, como se estivesse a rezar ou a suplicar ajuda. O médico fazia-lhe festas na cabeça, como que a tranquilizá-la.

Foi dada uma leitura sobre o sonho, na qual Cayce afirmou que a jovem tinha feito tudo o que lhe era possível para ajudar a mãe. No sonho, ela rezava tal como tinha rezado pela mãe na vida real. O médico representava o Grande Médico (por exemplo, o Cristo ou Deus) e o vestido azul e branco simbolizava — segundo Cayce — o seu eu puro e verdadeiro, que tinha feito tudo o que podia e apenas precisava de se colocar “... nas mãos do doador de todos os dons bons e perfeitos...” (136-26). Apesar dos esforços da filha, a mãe acabou por morrer das complicações, mas tornou-se claro para a jovem que fizera tudo o que estava ao seu alcance para ajudar.

A importância de usar determinadas cores de roupa que promovem o bem-estar pessoal ou energizam uma vibração específica foi frequentemente referida nas leituras de Cayce. O azul era muitas vezes recomendado como uma dessas cores. Ao longo das leituras, o azul é frequentemente citado como fonte de cura, espiritualidade, vitalidade, vida e desenvolvimento equilibrado (físico, mental e espiritual). Quanto à justificação, Cayce disse a um indivíduo: “... O azul, claro, traz a vibração mais elevada à entidade.” (2574-1)

A outra pessoa foi dito que usar vestuário azul era uma boa ideia, pois “... trará não só as vibrações de cura para a entidade como uma reação agradável e bela às eficiências mentais do corpo.” (2015-3) Quando uma mulher de meia-idade perguntou como poderia superar “vibrações que não estão em sintonia com as minhas?”, Cayce respondeu: “Enchendo a mente (Mente, a Construtora) com aquelas coisas que criam cada vez mais uma unificação do pensamento criativo, quer isso seja aplicado ao material, ao espiritual ou às relações puramente mentais e sociais.

Certifica-te de que são criativas na sua essência.” (303-2) Outro indivíduo foi encorajado a usar azul porque, segundo as leituras: “... O azul usado sempre junto ao corpo criará uma vibração que permite à entidade pensar, por assim dizer, sem interrupção; mas o azul não deve ser escuro — nem muito claro — mas antes um tom uniforme...” (880-2)

Como foi referido anteriormente, os indivíduos têm frequentemente afinidade por certas cores (bem como o aparecimento de certas cores na sua aura) devido a vidas passadas e experiências de vidas passadas. Como exemplo, a influência de vida passada relacionada com cor foi mencionada numa leitura dada a uma artista de quarenta e quatro anos, a quem foi dito que, em Roma, tinha estado numa posição de autoridade e conseguira também incorporar qualidades de justiça e misericórdia. Ela poderia reativar as mesmas energias dessa experiência, trazendo uma atitude esperançosa e útil a todos com quem contactasse no presente.

Para a ajudar nesse sentido, Edgar Cayce recomendou que usasse a cor azul: “Mais uma vez, vemos o azul como a cor em torno da entidade, ou aquilo que, usado junto ao corpo, deveria sempre fazer parte do vestuário. Não aquilo que é da moda (malva), mas antes aquilo que, na experiência romana, não significava ostentação de força, mas poder, grandeza; ainda assim temperados com misericórdia e justiça. Estes são inatos e encontram expressão no corpo mental, nas suas visões, nos seus sonhos, nas suas aspirações; enquanto a estada material ou terrena pode encontrar maior expressão ou manifestação nos sentidos do corpo, na glorificação das próprias capacidades ou atividades.” 729-1

O impacto da cor proveniente de uma encarnação anterior foi também discutido numa leitura dada a uma enfermeira de quarenta e dois anos. No caso dela, a cor azul estava ligada a uma vida que vivera na Holanda e foi recomendada para a sua vibração. De facto, Cayce aconselhou que o azul poderia reativar memórias da alma desse período ao ponto de constituírem “prova” para o indivíduo da sua vida anterior. (114-1)

Noutro ponto das leituras, uma mulher de quarenta e oito anos foi informada de que uma das suas encarnações passadas mais importantes e relevantes tinha sido uma vida no antigo Egipto, na qual estivera envolvida com ministério e cura. Para reativar a energia dessa experiência, bem

como o compromisso e a dedicação que faziam parte do propósito da sua alma, Cayce recomendou que usasse vestuário de linho fino tingido de azul. (812-1) Quando outra mulher pediu aconselhamento sobre o cuidado e educação da sua filha de oito anos, as leituras encorajaram-na a dar sempre à criança algo azul para usar junto ao corpo, como roupa interior ou vestuário exterior, pois teria uma influência vibratória benéfica sobre a criança. (608-7) Outra mulher foi igualmente encorajada a usar tons de azul com púrpura, devido às vibrações elevadas associadas a essas cores. (1554-4)

Numa ocasião, a energia do azul foi recomendada para um bebê de dezoito dias. A leitura sugeriu que o azul (e o malva) poderia ser uma influência apaziguadora na experiência desta recém-nascida, uma criança extremamente inquisitiva que iria querer saber “porquê?” sobre tudo. Cayce advertiu os pais de que teriam de raciocinar com a bebê em vez de simplesmente lhe exigir coisas. Foram também encorajados a trabalhar frequentemente com a capacidade de imaginação e visualização da criança e — devido ao temperamento da menina — “nunca” a deixar usar vermelho ou sequer rosa. (1775-1)

A leitura dada a uma dona de casa de vinte e um anos recomendou que ela usasse sempre algo azul e que também trouxesse sempre consigo algo esculpido. Para explicar a razão de ambos, a leitura afirmou que estes serviriam como “contrapeso” a impulsos e inclinações que a afetariam no presente. Essas inclinações incluíam desconfiança e intolerância, ambas adquiridas numa vida passada recente em França. Cayce explicou do seguinte modo: “... Raramente encontrarás indivíduos a serem intolerantes com os outros quando usam algo intrinsecamente esculpido; ou nunca muito, muito zangados quando usam azul...” (578-2)

Quase como um comentário de passagem, uma mulher de vinte e quatro anos, no oitavo mês de gravidez, perguntou sobre a cor da sua aura no meio de uma leitura física relacionada com a gestação. (Nota: um mês depois daria à luz uma menina saudável.) Como a mulher vinha dedicando muita reflexão e preparação à gravidez — algo que se refletia nas perguntas que colocava —, Cayce afirmou que os seus atuais “desenvolvimentos e influências”, sobretudo ligados aos domínios mental

e espiritual, faziam com que a sua aura fosse majoritariamente “azul a roxo”. Recomendou essas mesmas cores, afirmando que seriam complementares à gravidez e à criança que estava a gerar. Aconselhou ainda que evitasse excesso de verde, preto ou vermelho escuro, pois essas cores não teriam as vibrações mais elevadas face às suas atividades presentes. (301-8)

As cores roxa e azul foram também indicadas na aura de uma secretária de um conselho escolar, de cinquenta e cinco anos, que pediu a Edgar Cayce uma leitura de vida. Procurava aconselhamento profissional e orientação sobre como poderia começar a desenvolver as suas próprias capacidades psíquicas. Quando pediu uma descrição da sua aura, Cayce respondeu do seguinte modo: as auras são duplas, havendo uma parte que indica as emanções físicas e outra que indica o desenvolvimento espiritual; quando ambas estão mais em harmonia com a experiência do indivíduo, contribuem para uma maior unificação de propósito e ideal.

A aura é, assim, a emanção que surge das influências vibratórias do indivíduo, a nível mental e espiritual — sobretudo das forças espirituais. No caso desta entidade, no presente, manifestava-se o azul e o roxo, ou um roxo azulado, indicando a espiritualidade e a busca espiritual que fizeram parte da sua experiência ao longo da vida terrena. Estas qualidades poderiam ser amplificadas não apenas para maior desenvolvimento mental e espiritual, mas também para a manutenção de um melhor equilíbrio físico. (319-2)

Índigo e violeta correspondem aos comprimentos de onda mais curtos da luz visível. Cayce observou que estas cores indicam buscadores de todos os tipos, pessoas que procuram uma causa ou uma experiência religiosa. À medida que essas pessoas se estabilizam nas suas carreiras e crenças, essas cores tendem, porém, a assentar novamente num azul profundo. Parece que, uma vez definido o propósito na direção correta, o azul se torna uma emanção natural da alma. Aqueles que apresentam roxo tendem a ser dominadores, pois há aí uma infiltração de rosa. Problemas cardíacos e gástricos são relativamente comuns em pessoas com índigo, violeta e roxo nas suas auras. Vénus é o planeta do índigo e a sua nota musical é o Lá; a Lua é o planeta do violeta e a sua nota musical é

o Si. Na Igreja primitiva, o índigo e o violeta significavam humilhação e tristeza. (Ver folheto *Auras*, Apêndice I)

Como referido anteriormente ao abordar os centros espirituais do corpo, as cores dos três centros espirituais mais elevados são o azul (tiroide), o índigo (pineal) e o violeta (hipófise). É por essa razão, e pela vibração destas cores superiores, que a sala de meditação da sede internacional da A.R.E. de Edgar Cayce, em Virginia Beach, Virgínia, foi decorada com predominância de azul, índigo e violeta. (EdgarCayce.org) Ao longo dos anos, alguns visitantes, participantes em conferências e membros do grupo de oração da organização comentaram que o simples contacto com estas cores gera uma sensação imediata de sintonia e relaxamento.

Carol Ann recorda como a energia de uma sala pode adquirir uma dinâmica própria. Numa dessas ocasiões, teve a oportunidade de observar o reverendo Alex Holmes, um ministro presbiteriano, a falar à sua turma de Parapsicologia e Medicina para médicos e enfermeiros: “A aura à sua volta estava preenchida por verdes mais profundos, violetas e azuis médios a escuros. A energia na sala onde ele realizava as curas era tão intensa que me deixou ‘eufórica’.”

Os arquivos de Cayce registam o poder energético do violeta em relação ao vestuário no caso de uma criança de três anos cuja avó solicitara uma leitura sobre a orientação pessoal e vidas passadas da neta. Durante essa leitura, Cayce referiu o enorme impacto que as vibrações do roxo e do violeta teriam sobre a menina, sugerindo que essas cores ajudariam a equilibrar o desenvolvimento físico, mental e espiritual e a melhorar as suas relações com os outros. Alguns dias depois, a avó teve oportunidade de experimentar a cor recomendada.

Num encontro de um Grupo de Estudo, relatou a sua experiência, que foi registada por um dos membros e enviada para os arquivos de Cayce: a avó [413], num encontro do Grupo n.º 1 da A.R.E., contou que experimentara as cores roxa e violeta para perturbações físicas da criança, conforme sugerido na leitura de vida. A criança estava irritadiça, zangada, insatisfeita com a sua companheira de brincadeiras e com tudo o que fazia. A avó lembrou-se do que a leitura dizia e a única coisa roxa que

encontrou em casa foi um antigo vestido de noite com missangas. Trouxe-o e pendurou-o no candeeiro da sala onde as crianças brincavam, com o pretexto de o deixar arejar. A companheira de brincadeiras parou imediatamente e exclamou o quão bonito era, tocando-lhe. [324] protestou inicialmente, mas ao ver a admiração da outra criança, acabou por tocar também no vestido e observá-lo durante algum tempo. A irritação desapareceu e a avó não teve mais problemas com [324] durante o resto do dia. (324-5, Report #1)

Cores vivas no vestuário, como o roxo, foram igualmente recomendadas a uma operadora telefónica de trinta e oito anos, por possuírem “melhores forças vibratórias”. (513-2) Outra pessoa foi aconselhada a usar malva e violeta como cores curativas. (3374-1)

A vibração associada a todas as tonalidades de violeta foi recomendada no caso de uma mulher de quarenta e três anos que sofria de ansiedade, tensão e doença psicossomática. Os seus medos, sobretudo ligados a questões relacionais, continuavam a desgastar o seu corpo físico. Cayce aconselhou-a a concentrar a mente em influências mais positivas, como o *Daily Word* da Unity, e a usar aromas e fragrâncias pelas quais se sentisse atraída, pois ajudariam a relaxar. Para além do trabalho com a oração e a concentração meditativa, foi ainda aconselhada a rodear-se da cor violeta. Cayce afirmou que o violeta possui uma vibração muito elevada que a mulher poderia transmitir a outros, se conseguisse ultrapassar os seus medos e reorientar a mente de forma mais saudável. (4286-1)

Noutra ocasião, uma mulher na casa dos quarenta anos procurou Edgar Cayce devido a problemas de saúde aparentemente relacionados com toxemia e má circulação. Em termos de cor, foi-lhe dito que, em vez de serem uma influência positiva, certos tons de verde tinham um impacto vibratório tão negativo que quase atraíam doença para o seu corpo físico. Foi-lhe também dito que os seus problemas de saúde estavam ligados à insatisfação com a vida; mais tarde comentaria que “as tarefas domésticas estão a ‘matar-me’”. (428-8, Report #1) Durante a leitura, foi incentivada a rodear-se de cores como “roxos ou violetas”, pois essas cores ajudariam a trazer alegria e entusiasmo e permitiriam realizar muito do que permanecera “adormecido nas capacidades da entidade na experiência

presente”. (428-4) Foi ainda encorajada a seguir tanto a criatividade como um sentido de propósito no campo artístico. Mais tarde contou a amigos como a sua vida se transformara graças aos conselhos da leitura, oferecendo o seguinte testemunho: sempre tivera uma forte inclinação para a arte, mas fora do apoio do marido ninguém encorajava a sua expressão. Depois de cuidar da mãe durante um período de doença, ficou novamente completamente esgotada. Pediu uma leitura para perceber qual era o problema e uma das perguntas foi como poderia fortalecer o corpo para responder às exigências que lhe eram feitas.

A resposta de Cayce foi que, se dirigisse as suas energias para o campo da arte, sentir-se-ia como nunca antes. Embora já tivesse ouvido algo semelhante muitas vezes, nunca imaginara que isso pudesse aplicar-se a uma dona de casa. A transição não foi fácil, mas sempre que nos últimos três anos se sentia completamente sem forças, estas regressavam rapidamente quando se ocupava com papel e lápis, e sempre que o trabalho artístico predominava por algum tempo sentia como se anos lhe caíssem dos ombros. (428-8, Report #1)

No seu próprio trabalho, a sensitiva Carol Ann Liaros tem observado a ocorrência frequente das cores violeta e azul nas auras das pessoas que participam nos seus workshops. Afirmar ter notado vários tons de azul, desde o azul claro ao azul mais profundo, nas auras de muitos participantes ao longo dos anos. Ao conversar com essas pessoas, percebeu que os “iniciantes” — aqueles que estão a começar a trabalhar a sua intuição — exibem tons de azul mais pálidos, enquanto os estudantes mais envolvidos e comprometidos apresentam azuis médios. Os que praticam meditação de forma ativa possuem os tons de azul mais escuros e potentes nas suas auras. Acrescenta ainda que as pessoas que frequentam um workshop e estão verdadeiramente comprometidas com o seu desenvolvimento pessoal e psíquico tendem a ter violeta nas suas auras, sendo precisamente aquelas que realmente escutam e experienciam as mensagens mais profundas do que está a ser ensinado.

Em termos de **descrições conscientes da aura** relacionadas com as cores **verde, azul, índigo e violeta** que constam nos arquivos de Cayce, seguem-se alguns excertos selecionados:

“ . . . Nos últimos dias, embora tenhas tido muito roxo, o que significa espiritualidade — os desejos, as esperanças de coisas melhores —, isso aparece frequentemente sombreado por dúvidas ou medos. Estás segura, mas por vezes um pouco receosa de não conseguires ‘levar isto avante’. Tens também muito coral, muito rosa — coral e rosa, e por vezes um rosa muito intenso. E, em certos momentos, espalhas mais verde do que branco, o que indica o teu desejo de ajudar os outros independentemente deles próprios. Esse não é o caminho de Deus. Ele não ajuda alguém a fazer outra coisa senão ajudar-se a si próprio. Não te esqueças disso!”
(288-31, Report #18)

E ainda:

Mae Roberts {sem número de caso}: Tens muitos tons de azul, algum violeta e um pouco de rosa. Assim, és muito definida naquilo que pensas e nas coisas que fazes. Sabes para onde vais — ou pensas que sabes.

[1223]: A tua aura muda bastante por vezes, porque sobe e desce. Tens muito azul, mas num tom mais claro, o que indica a tua segurança à medida que prossegues com o estudo e o desenvolvimento. Abre-se para atividades que indicam azul, branco e dourado. Enquanto estás segura, consegues avançar. Quando não estás segura, paras.

[2533]: Tens mais violeta na tua aura do que qualquer outra pessoa na sala. O violeta indica sempre o buscador, aquele que procura algo. Tens mais violeta do que cinzento, azul, opala, branco ou rosa. Uma grande quantidade de rosa ou coral na aura de um indivíduo indica materialismo.

(5746-1, Report #2)

5 — O Significado das Cores

(Branco, Preto, Dourado e todas as restantes)

Branco

Qualquer estudante sabe que a luz branca, ao passar por um prisma de vidro, produz um arco-íris de cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta. O branco é essencialmente a soma total de todas as cores, combinadas em equilíbrio. É a cor associada à totalidade, bem como à perfeição e à santidade. Numa ocasião, em estado de vigília, Cayce

disse a um indivíduo: “. . . branco significa sempre pureza.” (5746-1, Report #2)

O folheto *Auras* de Edgar Cayce confirma igualmente a singularidade do branco: a cor perfeita, naturalmente, é o branco, e é isso que todos procuramos atingir. Se as nossas almas estivessem em perfeito equilíbrio, todas as vibrações de cor se fundiriam e teríamos uma aura de branco puro. Cristo possuía essa aura, e ela é representada em muitas pinturas, particularmente nas que O retratam após a ressurreição. Recordar-se de Ele ter dito junto ao túmulo: “Não me toques, porque ainda não subi.” Creio que isso era um aviso, pois as vibrações do Seu ser naquele momento deviam ser tão poderosas que qualquer pessoa que Lhe tocasse teria sido fulminada — como que chocada por um fio elétrico vivo.

A cor é luz, e a luz é a manifestação da criação. Sem luz não haveria vida nem existência. A luz é, de facto, a testemunha primordial da criação. À nossa volta existem cores que não conseguimos ver, tal como existem sons que não conseguimos ouvir e pensamentos que não conseguimos apreender. O nosso mundo de compreensão é muito pequeno. Só conseguimos ver as poucas cores entre o vermelho e o violeta. Para além do vermelho de um lado e do violeta do outro existem números inimagináveis de cores, algumas tão brilhantes e maravilhosas que, sem dúvida, ficaríamos cegos se por acaso as conseguíssemos ver.

Mas é precisamente no facto de existirem cores que não vemos, sons que não ouvimos e pensamentos que não apreendemos que reside a esperança da evolução e a promessa da eternidade. Este é um mundo pequeno e estreito, e para além dele estão as glórias que aguardam as nossas almas. Contudo, se nos esforçarmos por expandir a nossa compreensão e a nossa consciência, podemos empurrar um pouco esses limites ainda aqui, vendo um pouco mais e compreendendo um pouco mais. (Ver *Auras*, Apêndice I)

Durante uma leitura em que observava os registos acáshicos de uma escritora de sessenta e três anos, Cayce fez a afirmação invulgar de que o registo daquela pessoa era “belo” e “todo branco”. Mais adiante na leitura foi sugerido que a escrita era um dos principais propósitos da sua vida. Foi também incentivada a manter como ideal a “consciência universal” e a

aplicação do princípio “Sou o guardião do meu irmão”. Desta forma, permaneceria fiel à pureza do branco que aparentemente fazia parte das suas capacidades inatas. Na linguagem das leituras: “Pois assim podereis trazer a vós mesmos o constante renascer nos corações e almas de muitos, aquela beleza, aquela brancura, aquela limpeza que é exemplificada na flor de lótus.” (1837-1)

Noutra ocasião, quando uma dona de casa de quarenta e nove anos perguntou sobre o significado da aparição de “relâmpagos brancos” que afirmava ter visto em várias visões, Cayce disse-lhe que isso indicava o “despertar” que estava a surgir na sua consciência, acrescentando: “Cada vez mais, à medida que a luz branca vem a ti, maior será o despertar. Pois assim como as luzes estão nas cores: no verde, a cura; no azul, a confiança; no roxo, a força; no branco, a própria luz do trono da misericórdia. Nunca vereis estas coisas se não tiverdes suspenso o julgamento ou mostrado misericórdia.” (987-4)

À mãe e à avó de uma menina de oito anos foi dito que a criança era extremamente sensível — sensível ao ponto de ser “hipersensível”. Essa sensibilidade poderia levá-la tanto a ser crítica e a evitar pessoas como a sentir-se incompreendida ou inferior. Para além de várias sugestões educativas — como incentivar a participação em atividades dramáticas, criar a criança com amor e firmeza mas nunca com raiva ou repreensão, e rodeá-la de oportunidades de expressão musical, especialmente piano —, Cayce sugeriu também que a menina usasse frequentemente as cores branco e azul na sua roupa. Foi ainda aconselhado que usasse um colar com uma pedra branca ou azul. A justificação apresentada na leitura foi: “. . . Esta é a melhor forma de vibração para a entidade, mantendo um temperamento mais suave e mais aberto.” (2683-1)

Numa leitura dada a um homem de trinta e cinco anos que sofria de cegueira e cataratas, depois de indicar um regime de tratamento, Cayce foi questionado sobre qual a cor benéfica para meditar com vista a estimular a “auto-cura”. A resposta foi: “A luz branca do Cristo, se o corpo, por si mesmo, quiser encontrar ajuda . . .” Acrescentou ainda: “. . . Não é a cor, não é a vibração — é antes a consciência de entrar no espírito da verdade, no poder da saúde, no poder do amor. Faz isso.” (1861-11)

Relatórios posteriores confirmaram que as recomendações foram seguidas e que o Sr. [1861] recuperou parcialmente a visão de um dos olhos — algo notável, dado que era cego desde o nascimento.

As cores mais recomendadas a uma mulher de cinquenta e um anos foram o branco, o roxo e o malva. A leitura indicava que essas três cores não só faziam parte da sua aura como eram também as mais adequadas para o seu vestuário. Explicava ainda que, devido a vidas passadas distintas, a mulher possuía impulsos opostos que poderiam ser orientados de forma mais positiva com o uso dessas cores. Pelo lado positivo, várias vidas anteriores tinham-lhe deixado um amor pelas coisas sagradas e o desejo de harmonizar o seu eu espiritual e mental com o que é de natureza espiritual.

Pelo lado negativo, tinha tendência para procrastinação intensa, temperamento duro e excessos de natureza sexual. As suas vidas passadas indicavam que fora membro da corte francesa e também embaixadora e unificadora de pessoas e ideias no antigo Egito. Quando pediu uma descrição da sua aura e do seu significado, Cayce respondeu: “. . . Branco, malva e roxo tornam-se, ou são, as emanções naturais ou atividades das emanções que são sempre mais favoráveis à entidade. Assim, encontramos na aura as emanções físicas, mentais e espirituais que revelam tanto desenvolvimentos como atrasos, bem como capacidades para estudar, classificar e aplicar tais coisas. Contudo, como indicado, a entidade é frequentemente morosa — ou inclinada à procrastinação. Melhor é que esteja ativa enquanto pode!” (1612-1)

Preto

O preto está associado ao desconhecido ou ao inconsciente. Pode também corresponder à morte, ao mal, ao que está reprimido e ao que é ocultado dos outros. Embora algumas pessoas acreditem que o preto seja a combinação de todas as cores, na realidade acontece o contrário. O preto é a ausência de luz e, portanto, a ausência de cor. Na maioria dos casos, não é considerado uma cor positiva ou edificante. Como exemplo, Carol Ann Liaros recorda uma experiência pessoal enquanto trabalhava com o Human Dimensions Institute: um sensitivo de renome internacional chegava para apresentar um workshop no colégio. Apesar de estar

predisposta a gostar e a respeitar esse homem pelo que ouvira falar dele, ficou chocada quando ele entrou na sala para cumprimentar o círculo de cerca de vinte pessoas que ali o aguardavam. Ao olhar para ele e ver a sua aura, havia preto no topo da cabeça, com a forma de um chapéu de bruxa. O resto da aura era de um cinzento desagradável e de um verde ervilha. Ficou completamente atónita.

Enquanto cumprimentava as pessoas em círculo, falava durante um ou dois minutos com cada uma até chegar a mim. Apertou-me a mão, disse olá e passou rapidamente à pessoa seguinte. A sua aura era extremamente desagradável e ameaçadora, e parecia pesada e “pegajosa”.

Vários anos mais tarde, ao encontrar-me com um investigador de parapsicologia que tinha trabalhado com este mesmo indivíduo, disseram-me que esse médium tinha estado envolvido nas Artes Negras e que era um predador sexual! Não admira que a imagem de um chapéu preto de bruxa tivesse surgido na sua aura.

O uso da cor preta foi desaconselhado durante uma leitura feita a um fabricante de produtos de saúde que questionava sobre a publicidade, a embalagem e o esquema de cores de vários remédios. A leitura sugeria que os indivíduos associavam, consciente ou inconscientemente, cada cor a pensamentos e ideias específicas:

... vejamos o próprio esquema de cores deles. Não utilizem estas: Amarelo, nem preto, nem vermelho. Agora, o que temos? A embalagem azul com letras brancas seria, então, um tipo preferível. Pois, na psicologia de uma proposta de vendas, aquilo que capta mais rapidamente o olhar faz com que as pessoas perguntem por isso — mesmo que esteja numa prateleira de uma farmácia! O amarelo participa daquilo que é contagioso. O vermelho, daquilo de que se adverte ou contra o qual se alerta. O preto, daquilo que é a própria morte. Depois, azul e branco!

1800-20

Ouro

O ouro corresponde àquilo que é valioso e digno, podendo até ser associado ao Divino. Está também relacionado com verdades espirituais e com a realização pessoal. Cayce afirmou que a vibração cromática mais elevada se encontrava nas cores dourado e púrpura. Por essa mesma razão, uma leitura realizada em Maio de 1930 recomendou as cores púrpura e dourado para a Atlantic University. (2087-3)

O dourado foi uma das cores recomendadas a uma guarda-livros de vinte e cinco anos que solicitou várias leituras sobre saúde, orientação profissional, aconselhamento empresarial e a prossecução do propósito da sua vida. O processo desta mulher nos arquivos de Cayce indica que ela sofria de baixa valorização pessoal e autoestima, conforme demonstrado nas notas arquivísticas:

... Ao longo da infância e da adolescência, sofreu intensamente de um complexo de inferioridade devido à sua baixa estatura e à sua saúde constantemente debilitada. A irmã mais velha, nascida apenas dez meses antes, tinha a vantagem não só de ter um tamanho normal, mas também de ser mais bonita e a favorita da mãe viúva.

2448-1, Relatório n.º 4

Por iniciativa própria, a mulher queixava-se de não conseguir encontrar “contentamento” nem de ser “feliz mentalmente”. Perguntou de que forma poderia encontrar força, apoio, felicidade e contentamento, bem como como ultrapassar a depressão que lhe dava o “desejo de deixar este corpo”. Quanto à direção da sua vida, a leitura aconselhou que ela tinha um dom especial para ajudar outras pessoas a escolher vestuário. Com isto em mente, foi encorajada a trabalhar no ramo dos tecidos e do vestuário, talvez acabando por ter a sua própria loja.

De facto, Cayce forneceu-lhe os nomes de várias lojas da sua zona que deveria contactar para emprego. Foi-lhe dito que trabalhasse com outros durante cerca de um ano a um ano e meio para compreender o negócio antes de abrir o seu próprio estabelecimento. Cayce sugeriu ainda que, ao abrir a sua loja, as cores que criariam a melhor vibração para ela, para o

seu corpo e para o negócio que pretendia criar seriam o dourado e o azul-claro. (2448-3)

Os ficheiros de Cayce contêm também uma leitura consciente da aura da Sra. [2448]. A descrição da sua aura ocorreu cinco meses após a obtenção da sua primeira leitura:

[2448]: A tua aura pode ser chamada inteiramente de coroa, com dourado, púrpura e rosa; porque as coisas têm de se medir materialmente, bem como espiritualmente e mentalmente. É muito bonita. O dourado, naturalmente, significa que atingiste certos entendimentos nos quais estás muito segura.

5746-1, Relatório n.º 2

A demonstrar a ligação entre vidas passadas e a afinidade de um indivíduo por determinadas cores está o caso de uma secretária de trinta anos. Foi-lhe dito que uma vida anterior influenciava a sua atração por cores reais associadas à Pérsia (por exemplo: dourado, preto, azul e vermelho). Segundo a leitura, numa vida passada ela tinha sido filha de um dos governantes egípcios. Durante essa encarnação acabou por casar e ascender à posição de rainha da Pérsia. As cores pelas quais se sentia tão atraída no presente eram um resquício desse período e de “... coisas relacionadas com o governo ... e com costumes em vários lugares”. (5125-1)

O dourado foi também referido como uma das cores predominantes no sonho de uma jovem de vinte e um anos que sonhou, em parte, que estava com a mãe ou a sogra a comprar um vestido. Por alguma razão, reparava que usava uma bandolete dourada que lhe arranjava o cabelo como um turbante. A vendedora disse-lhe que o vestido escolhido era bonito, mas a mãe (ou sogra) disse-lhe que não lhe ficava bem.

Cayce afirmou que a bandolete dourada simbolizava os novos pensamentos, ideias e verdades que estavam a mudar a sua compreensão da vida. A vendedora representava aqueles que compreendiam que essas novas ideias eram “... douradas na sua ação sobre a mente e sobre a verdade tal como é vista ...”, enquanto a mãe (ou sogra) simbolizava pessoas da família e do círculo de amigos que criticariam e discordariam

da sua busca por essas novas verdades e do desenvolvimento da sua compreensão. Foi encorajada a aprender a lição e a manter-se firme na sua procura de nova informação. (136-15)

Noutra ocasião, uma dona de casa de trinta e seis anos foi incentivada a desenvolver as suas capacidades inatas de cura, especialmente através do uso da cor, do tom e da vibração. Quando perguntou quais seriam as cores vibracionais últimas de cada um dos seguintes aspetos — os elementos básicos da realidade física, a personalidade e o ego — a leitura de Cayce respondeu, respetivamente, dourado, azul e branco. (2441-4)

Cores Diversas

O que se segue são alguns comentários selecionados tanto das leituras de Edgar Cayce como do trabalho de Carol Ann Liaros relativos a uma variedade de cores diversas.

As cores coral, púrpura e rosa foram especialmente recomendadas a uma mulher de quarenta e quatro anos que possuía uma sensibilidade extrema tanto ao odor como à cor. Embora não tenha sido fornecida nem solicitada informação específica, aparentemente estas cores foram sugeridas como as mais favoráveis para sensibilidades cromáticas ou como as mais úteis para superar a sensibilidade da pessoa. (1877-1)

O púrpura foi também recomendado a uma jovem de dezoito anos, que foi encorajada a usar a pedra lápis-lazúli. Cayce afirmou que a aura da jovem estava vibracionalmente em harmonia com o púrpura devido às suas atividades e aos seus pensamentos. Foi aconselhada a usar as cores que tivessem afinidade com a sua aura. Na linguagem das leituras:

“... Especialmente padrões axadrezados, malvas e certas cores ou tonalidades de púrpura são adequados; pois trazem vibrações que entram em harmonia com aquilo que pode ser chamado tanto de aura mental como física do corpo ...”

(1532-1)

Cayce disse-lhe que a cor púrpura, para ela, era sinónimo do desenvolvimento espiritual pessoal que estava a ocorrer na sua vida.

Uma mulher de sessenta anos, que passava grande parte do seu tempo a frequentar aulas e conferências, foi informada de que as cores cinzento e malva (consideradas por alguns como cinzento-púrpura) a ajudariam a experimentar “emoções harmoniosas”. Foi encorajada a ter essas cores (ou “tons delicados”) como parte do seu vestuário em permanência. (1847-1)

As leituras sugeriam que o cinzento poderia ser uma das cores associadas à depressão ou ao “mal-estar” pessoal. Numa leitura feita a um agente de liberdade condicional de quarenta e três anos, Cayce afirmou que o cinzento era uma das cores com as quais o indivíduo tinha mais frequentemente afinidade vibracional. Como forma de melhorar o seu estado de espírito e o seu desenvolvimento espiritual, foi-lhe dito que cores como “amarelo, laranja e violeta” teriam um impacto enorme na sua própria aura, assim como certos tipos de música, como as obras de Franz Liszt. (478-1)

Como mensagem pessoal, o Sr. [478] foi aconselhado:

Que a tua entrada e a tua saída sejam feitas com mansidão de propósito, servindo o Senhor. Pois àquele a quem muito é dado, muito lhe será exigido. “Se me amais”, como Ele disse, “apascentai os meus cordeiros. Apascentai as minhas ovelhas”. Pois o serviço é para com os teus irmãos, e “na medida em que o fizerdes a um destes meus pequeninos, a mim o fazeis”.

473-1

Carol Ann Liaros também relata uma experiência com a cor cinzenta:

Quando o meu filho tinha treze anos, foi hospitalizado. Contraiu uma infecção por estafilococos enquanto estava no hospital e foi colocado sob um antibiótico potente. Numa noite, cheguei ao hospital por volta das 23 horas para o visitar. Encontrei-o a dormir. Não querendo acordá-lo, sentei-me por alguns minutos; e, ao fazê-lo, subitamente apercebi-me de que a sua aura estava cinzenta — variando de cinzento-claro a cinzento médio! Fiquei chocada, pois sabia que isto significava que algo estava muito errado. Pedi que o médico me visse imediatamente.

Tentei explicar-lhe que algo não estava “certo” com o meu filho (que entretanto já estava acordado devido à agitação). O médico sugeriu que se devia ao facto de terem tido dificuldade em administrar a última injeção e de o meu filho se ter perturbado.

Sabendo que o médico não estava realmente a ouvir o que eu dizia e sabendo que não lhe podia explicar como é que eu “sabia” que algo estava errado, fui rapidamente para casa telefonar a uma médica amiga minha que tinha privilégios no Hospital Pediátrico. Expliquei-lhe o que tinha visto e porque estava preocupada. A médica disse-me para me encontrar com ela no hospital na manhã seguinte.

Quando cheguei, recebi notícias muito angustiantes. Embora tivesse sido feita uma contagem sanguínea todos os dias, de alguma forma o médico responsável não a estava a acompanhar de perto, porque a contagem de glóbulos brancos do meu filho estava perigosamente baixa. O meu filho teve de ser colocado em isolamento inverso em frente ao posto de enfermagem, e tudo e todos os que entravam no seu quarto tinham de ser esterilizados. Disseram-me também que, se ele contraísse uma infeção naquele ponto, não sobreviveria!

Escusado será dizer que passei a vigiar atentamente a sua aura para me certificar de que o cinzento estava a desaparecer e que as cores normais da sua aura regressavam! Felizmente, ele melhorou e permanece bem até hoje.

A cor castanha é frequentemente associada ao que é enraizado, bem como ao que está ligado aos negócios. Foi certamente esse o caso numa leitura feita a uma guarda-livros de trinta anos, a quem foi dito que possuía muita estabilidade interior e serenidade, além de ter adquirido o conhecimento do que era “prático nas coisas do mundo”. Quando perguntou com que cores tinha maior afinidade, a primeira cor mencionada foi o castanho, seguida do púrpura e do malva. (2390-1)

No seu próprio trabalho, Carol Ann Liaros encontrou também uma ligação entre o castanho na aura e a afinidade de um indivíduo para os negócios:

As auras dos meus clientes empresariais tinham geralmente um castanho bonito e estável, o que também foi confirmado quando tive a oportunidade de trabalhar com vice-presidentes executivos no mundo corporativo. Por vezes, porém, reparei que havia “castanho a mais” na aura de alguns dos gestores com quem trabalhávamos. Vim a compreender que castanho em excesso sugeria que estavam “atolados na lama” e que não avançariam tanto nas suas carreiras como outros. Aprendi imenso sobre as pessoas e sobre o significado das cores ao interpretar a aparência das auras nas minhas leituras.

A importância de todos os tipos de cores — “cores profundas”, “tons pastel”, e assim por diante — foi enfatizada numa leitura feita a uma decoradora de interiores de cinquenta e três anos. A leitura sugeria que a afinidade da mulher com a cor podia ser atribuída a uma vida passada no antigo Egito. Nessa época, ela teria aparentemente sobressaído na compreensão da influência e da harmonia da cor, bem como do significado espiritual da cor na vida de {muitos} indivíduos.

Essas mesmas capacidades mantinham-se no presente. A leitura de Cayce aconselhou-a a continuar o seu trabalho na decoração (bem como na escrita e na oratória). Ajudar os outros permitir-lhe-ia salientar a importância da espiritualidade, da cor e da harmonia na vida de cada indivíduo, especialmente na medida em que essas ideias poderiam ser compreendidas através da decoração das casas das pessoas. (1833-1)

Uma carreira na decoração, ou mesmo no design de joalheria, foi também recomendada no caso de um funcionário naval de sessenta e um anos que trabalhava como inspetor alimentar. A leitura referiu as suas capacidades com a cor, especialmente no que dizia respeito às cores de várias pedras. Essa aptidão era tal que Cayce aconselhou que ele poderia “... trazer uma grande quantidade de alegria, de harmonia para a experiência ...” de qualquer pessoa com quem trabalhasse. Aparentemente, possuía um talento inato para compreender a cor e as vibrações das pedras — especialmente esmeraldas, ópalos e pedras semi-preciosas. Cayce acrescentou: “... pois cada uma destas tem o seu valor no efeito, nas vibrações que trazem ...”. Prosseguiu sugerindo que a pedra-da-lua poderia promover a vibração de paz, harmonia e de aspetos de

natureza espiritual. A hematite (bloodstone) poderia ajudar a reduzir tendências de raiva. O homem foi também encorajado a correlacionar as cores das pedras com as cores da aura humana, sendo-lhe dito que encontraria uma ligação entre ambas noventa e nove por cento das vezes. (5294-1)

As pedras foram igualmente recomendadas numa leitura feita a uma rececionista de vinte e quatro anos, que foi incentivada a usar pérolas. Na linguagem da leitura: “A pérola deve ser usada sobre o corpo, ou em contacto direto com a pele; pois as suas vibrações são curativas, bem como criativas — devido à própria irritação produzida como defesa no molusco que a produziu.” (951-4) Cayce disse à mesma mulher que tudo o que fosse belo — quer na natureza, no movimento, na atmosfera, numa pintura ou numa canção — tinha uma vibração positiva e ressonante sobre ela. Foi encorajada a usar frequentemente vestuário de cor azul-real, púrpura ou violeta, pela utilidade destas cores específicas para a sua própria vibração.

Uma artista de sessenta e dois anos foi informada de que a sua atração pela cor estava intrinsecamente ligada à sua capacidade de experimentar vibrações mais elevadas e até as “emoções” da cor. Parte da sua vocação artística era — segundo a leitura — ser tocada pela cor, “... encontrando o divino na cor, na harmonia, no tom, na música — como se fossem as vozes das esferas.” (3706-2) Cayce acrescentou que a sua afinidade com a cor abrangia todas as cores, especialmente sob a forma de tons pastel.

Os pais de uma menina de oito anos foram informados de que a filha tinha experienciado estados de consciência (por exemplo, experiências “intermédias” de consciência entre vidas) que envolviam essencialmente propósitos nobres, uma visão ampla e amor. As “subtilezas” dessas experiências de consciência poderiam tornar-se uma influência maior na vida da filha se ela usasse tons delicados — especialmente lavanda, rosa e verde. (665-1)

Uma podologista de sessenta e um anos foi aconselhada de que a cor púrpura e o aroma da lavanda a ajudariam na sintonia. (688-2)

O púrpura e a lavanda foram também recomendados para questões mentais no caso de uma jovem de vinte e dois anos que começara a manifestar sinais de doença mental após o penúltimo ano da universidade. Segundo Cayce, os problemas da jovem tinham ocorrido como resultado de uma tensão nervosa que rompeu o seu anterior equilíbrio e harmonia mental. Para além de um regime terapêutico que incluía ajustamentos da coluna, medicação e a manutenção da mente focada em conteúdos edificantes, Cayce recomendou o seguinte:

Manter junto ao corpo as cores púrpura e lavanda, e tudo o que seja luminoso; música que seja de harmonia — como a *Spring Song*, o *Danúbio Azul* e esse tipo de música, quer com instrumentos de cordas quer com órgão. Estas são as vibrações que voltarão a estabelecer quase a normalidade — sim, a normalidade, mental e física, pode ser restabelecida neste corpo, se estas influências forem mantidas de forma consistente junto dele.

2712-1

Curiosamente, a cor púrpura foi, de facto, desaconselhada numa leitura feita a uma menina de dois dias de idade. Ao analisar a constituição emocional da bebé, Cayce afirmou que a criança cresceria extremamente temperamental e insistiria sempre em fazer a sua própria vontade durante os primeiros catorze anos de vida. Enfatizando a capacidade da alma de controlar os outros, acrescentou que ela também “... envolveria a maioria dos que a rodeassem à sua volta, de uma forma ou de outra.” Estaria igualmente propensa a extremos — oscilando mesmo entre ter um carácter muito belo e um carácter “muito feio”. A leitura sugeria que os pais poderiam trabalhar com esta criança extremamente brilhante e talentosa através da paciência e do ensino pelo exemplo. Indicava ainda que a menina viria a ter um “corpo físico muito forte” e seria atraída pela influência da música.

A leitura forneceu aos pais conselhos para a educação da criança e incentivou-os a aprender a ajudá-la a expressar e a trabalhar a sua raiva. Cayce aconselhou: “Nunca ter tons malva junto ao corpo, nem muito púrpura. Antes, azul e rosa, tons delicados, e tons de branco e verde —

estes favorecerão um temperamento muito mais equilibrado e trarão ambientes de maior força.” (1958-1)

De acordo com relatórios de acompanhamento existentes nos ficheiros:

A mãe relatou que teve todos os problemas indicados — cada previsão foi absolutamente verdadeira. Teve as mãos cheias com a criança até à adolescência; depois, a jovem estabilizou, tornando-se bastante madura e deixando de ser um problema. Muito cedo na adolescência tornou-se professora de dança, fundando a sua própria escola; muito independente e bem-sucedida.

Imediatamente após o seu décimo oitavo aniversário, casou com um jovem simpático e começou a criar uma família.

1958-1, Relatório n.º 2

Houve também orientação profissional no caso de uma menina de treze anos, a quem foi dito que tinha a capacidade de servir os outros através da cor. Cayce afirmou que as cores possuíam tanto uma influência atrativa como uma que promovia a harmonia. Extremamente sintonizada com a vibração da cor, foi-lhe dito que poderia ser especialmente útil às pessoas ajudando-as a “harmonizar” tons, matizes e cores. (276-3)

De forma algo irónica, durante uma leitura física feita a uma mulher de quarenta e dois anos que sofria de problemas de estômago e alergias, Cayce disse-lhe que ela era tão alérgica à cor como algumas pessoas são ao pólen! Aparentemente, a reação alérgica tinha-se desenvolvido em resposta a um diagnóstico incorreto persistente do seu problema. Foi encorajada a obter ajustamentos físicos da coluna vertebral, o que melhoraria as vibrações gerais do seu corpo e acabaria por ajudá-la a ultrapassar o problema. A mulher seguiu a recomendação e encontrou uma melhoria imediata tanto nos problemas de estômago como nas alergias. (5511-1)

Outro caso de alergia à cor foi mencionado numa leitura feita a um rapazinho. Aos pais foi dito que, para além do pólen, a asma e as alergias do filho eram irritadas pela cor. Aparentemente, lesões na coluna quando era bebé, juntamente com uma queda aos quatro anos de idade, tinham

agravado os problemas, que as leituras descreveram como uma condição simpática e psicopática. Neste caso, Cayce recomendou igualmente ajustamentos da coluna por um osteopata ou quiroprático, dizendo aos pais que tais ajustamentos resultariam numa cura permanente para o filho. (5468-1)

Embora não sugerisse uma reação alérgica, uma mulher adulta foi informada de que o seu desejo de usar “cores sombrias” estava em oposição direta ao seu sistema nervoso simpático. Aparentemente, a sua atração por cores sombrias e escuras contribuía para as suas preocupações, nervosismo e tensão. Cores vibrantes estariam mais de acordo com uma atitude positiva que poderia facilitar a superação da sua ansiedade. (4119-1)

Por outro lado, os pais de um menino de dois anos foram encorajados a vesti-lo com as cores sóbrias da natureza, especialmente as cores associadas à primavera e ao outono, pois essas cores estavam mais em sintonia com a vibração da criança. Cayce comentou ainda que o menino prestaria especial atenção a essas cores específicas. (1990-3) Numa nota interessante arquivada, a tia recordou o seguinte episódio quando o menino tinha dois anos e meio:

“... passou um Verão com a avó, que lhe fazia jardineiras de bombazina. A mãe escolhia sempre cores de outono para ele — verdes, azuis, laranja, etc. Ele apanhava os restos do chão e exclamava: ‘Olha, avó, não são lindos?’ ...”

(1990-3, Relatório n.º 14)

Uma mudança no vestuário foi também recomendada numa leitura feita a uma mulher desempregada de trinta e um anos, que foi aconselhada a evitar usar “sombrias” de cores e, em vez disso, usar tonalidades — especialmente “... o branco pela pureza, o azul pelo propósito, {e} o vermelho pela força necessária”. (2378-1) Foi também encorajada a usar, fora da vista, um símbolo do diadema de coroação da Rainha Isabel I (coroa de rosas?), pois a sua vibração ajudaria a torná-la “invencível para os homens ou para os outros!”. Noutra ocasião, Edgar

Cayce fez uma leitura consciente da aura da mulher, afirmando o seguinte:

[2378]: Tens uma aura muito boa. A maior parte da tua é azul, não com branco, mas com uma luz acinzentada. Por vezes estás quase certa de ti própria e, depois, nada certa. Não toma a forma de pontas longas, nem apenas de uma nuvem, mas mais como uma dobra — que seria como um turbante em torno do teu rosto e ombros.

5746-1, Relatório n.º 2

As leituras sugerem que houve uma época no antigo Egipto em que os indivíduos eram encorajados a escolher cores para o seu vestuário que estivessem em “harmonia” com as cores da sua própria aura. Como exemplo, uma conferencista e designer de vinte e sete anos foi informada de que “harmonizar” as pessoas com a sua aura única era, de facto, o seu talento inato. Foi recomendada uma carreira no campo da cor, especialmente relacionada com o cinema, pois este meio lhe proporcionaria a maior via de alcance ao maior número de pessoas. Quanto à definição de um meio adequado para aprofundar a sua formação na área da cor, Cayce sugeriu o seguinte:

Quanto às cores relacionadas com a própria vida — como o eu ou a entidade posta em movimento — estuda as auras e ajuda os outros a saberem o que significam! Há os que interpretam isso na forma de espiritismo. Há os que o interpretam na forma de vibração. São tudo isso e mais, conforme a entidade sabe e pode experienciar!

1436-2

De acordo com anotações arquivadas, em vez de prosseguir ou alcançar sucesso no cinema, uma década mais tarde a mulher tinha escrito um livro a analisar “cor e personalidade”, que foi aparentemente bem recebido. Anos depois, tornou-se uma conferencista frequente sobre o tema da psicologia da cor. (1436-4, Relatório n.º 4)

6 Sentir versus Ver a Aura

Uma das experiências mais memoráveis que Carol Ann Liaros recorda relativamente a “sentir” a aura de um indivíduo ocorreu quando ainda

trabalhava como sujeito de investigação psíquica no Rosary Hill College, em Nova Iorque. Estava ao balcão da receção a confirmar a sua próxima consulta quando, segundo Carol Ann, “foi como se uma parede tivesse caído em cima de mim!” Quando se virou, chocada, para ver o que se passava, viu um rapaz de nove anos a cerca de um metro de distância. O rapaz estava com o pai; na verdade, os dois eram a sua consulta seguinte. O pai tinha pedido uma leitura, à procura de ajuda para o filho autista. A rigidez da aura do rapaz abalroara Carol Ann como uma parede de tijolo. Durante a leitura, descobriu um dos principais problemas da criança: aproximadamente uma em cada duas palavras conseguia penetrar a sua aura muito rígida e, de facto, chegar-lhe aos ouvidos! Parte do problema de fala do rapaz — repetir frases incompletas — acontecia porque ele ouvia frases incompletas.

Embora esta consulta se tenha tornado uma das suas experiências mais marcantes de “sentir” a aura, esteve longe de ser a primeira. Na verdade, Carol Ann Liaros admite que, inicialmente, no seu trabalho com auras, não “via” cores; em vez disso, “sentia” as cores e a própria aura:

No início, eu sentia as auras e as cores da aura com o corpo todo e só conseguia descrever as cores a partir da sensação que estava a viver. Depois, comecei a ver cada vez mais a energia das auras, o que evoluiu para ver as cores com maior clareza. Por vezes, era uma combinação de ver e sentir ao mesmo tempo.

Durante cerca de dez anos, a minha experiência predominante foi ver a aura. Foi aí que realmente consegui trabalhar a identificação e a interpretação das cores. Nos últimos anos, parece que voltei ao modo de “sentir” as cores na aura. Ainda não consegui perceber por que motivo esta capacidade — pelo menos na minha experiência — parece mudar.

Carol Ann Liaros recorda também uma experiência de “sentir” auras quando colocaram duas vitaminas de aspeto idêntico, uma em cada mão. Carol Ann lembra-se: “Ao sentir a energia áurica da vitamina na minha mão esquerda, parecia suave e harmoniosa. No entanto, a energia áurica na minha mão direita parecia picar e ser esporádica.” A investigadora que trabalhava com ela repetiu a experiência inúmeras vezes, dando-lhe

sempre uma vitamina em cada mão; e, em todas as vezes, Carol Ann descreveu que uma parecia “harmoniosa” e a outra “esporádica”.

Quando a experiência terminou, a investigadora explicou que tinha colocado repetidamente uma vitamina natural numa das mãos de Carol Ann e uma vitamina sintética na outra e que, em cada ocasião, Carol Ann tinha descrito a vitamina natural como “harmoniosa” e a sintética como “esporádica”. Carol Ann ficou especialmente surpreendida com o resultado e confessou: “Naquela altura, eu não tinha interesse nem conhecimento sobre vitaminas — sintéticas ou não.”

Outro exemplo que ilustra claramente o “sentir” de uma aura é a história de um empresário de meia-idade chamado Scott, que foi convidado para um jantar com outros executivos corporativos especializados em administração na área da saúde. Scott descreve que se sentou a uma mesa com várias pessoas, incluindo um empresário muito bem-sucedido — o Sr. Zheng, da China — que não falava inglês. Felizmente, havia um tradutor e um médico bilingue por perto, que podiam ajudar Scott a comunicar com o executivo chinês. Ansioso por saber sobre a experiência do empresário com cuidados de saúde na China, Scott fez várias perguntas e aguardou que as respostas fossem traduzidas. Scott descreve o que aconteceu a seguir:

Apesar de eu não falar uma palavra de chinês, enquanto ele falava eu observava-o como se estivesse a ouvir cada palavra. Para minha grande surpresa, algo começou a acontecer assim que ele começou a falar. É difícil de descrever, mas, de alguma forma, eu “senti” que aquele homem tinha uma questão de insegurança incrivelmente poderosa em relação ao próprio pai.

O pensamento não era lógico em vários aspetos: em primeiro lugar, eu não conhecia aquela pessoa; em segundo lugar, eu nunca tinha “sentido” como poderia ser a insegurança de outra pessoa; e, em terceiro lugar, aquele empresário era, de facto, mais alto e mais robusto do que eu. A ideia de ele poder ser inseguro não fazia qualquer sentido para mim. Por isso, ignorei essa sensação muito forte e continuei apenas a ouvir — primeiro o empresário e depois o tradutor.

Depois de ouvir a resposta, Scott fez outra pergunta sobre a situação dos cuidados de saúde na China. Assim que o empresário começou a falar, Scott sentiu novamente a “sensação”, mas desta vez de forma mais intensa:

Ainda hoje é difícil de explicar, mas, para além da sensação esmagadora de que aquele homem tinha uma insegurança intensa em relação ao pai, ouvi as palavras: “Este indivíduo precisa de ajuda para curar a relação com o pai.” E as palavras repetiam-se.

Scott descreve então que, de algum modo, foi “empurrado” para mencionar a questão ao médico bilingue: “Senti-me louco, mas virei-me para o médico sentado ao meu lado e disse: ‘Tenho a sensação de que o Sr. Zheng tem uma questão com o pai que precisa de trabalhar.’” Segundo Scott:

O médico pareceu muito surpreendido. Amigo pessoal de Zheng, reconheceu que Zheng se sentia tão desafiado pela relação contínua com um pai que não via — ou não conseguia ver — o sucesso mundano do filho, que Zheng tinha procurado aconselhamento nos Estados Unidos, já que isso não era comum na China.

Scott continuou: “Senti que a experiência me tinha acontecido por alguma razão e, mais tarde nessa noite, falei com Zheng (através do tradutor) sobre a minha própria experiência com insegurança e sobre como a ultrapassei. No fim, penso que Zheng ficou grato por termos tido a oportunidade de nos sentarmos juntos naquela noite. Verdadeiramente, ‘sentir’ a energia daquele homem foi uma experiência incrível e memorável.”

No que diz respeito à informação de Edgar Cayce, ao fazer uma leitura a um joalheiro de cinquenta e oito anos, em 1944, Cayce recomendou que esse indivíduo começasse a trabalhar mais as suas capacidades psíquicas inatas. Essas capacidades, sugeriu Cayce, manifestavam-se sempre que ele se tornava consciente dos seus sentimentos perante a beleza da natureza: “... o espírito de uma chuvada, um pôr do sol, um rio, uma árvore, uma manada, um bando, um cardume — a partir destes, a entidade pode obter, como na aura dos mesmos, muito do que para outros seria

imaginação ...” (3657-1) De facto, Cayce sugeriu que, na sua encarnação mais recente, ele tinha sido um escritor muito hábil em descrições. Aparentemente, a sua capacidade de sentir a vibração e a aura à volta de todas as coisas estava tão desenvolvida que conseguia evocar um sentido desses mesmos sentimentos nos outros através da sua escrita.

Noutra ocasião, nos ficheiros de Cayce, um estudante de quinze anos, interessado em capacidades psíquicas, perguntou sobre a sua intuição emergente e se tinha aprendido a ler auras corretamente. A resposta de Cayce foi: “Nem sempre...” (361-4) A leitura prosseguiu sugerindo que existia um componente físico e um componente espiritual nas auras — sendo que um seria, aparentemente, uma manifestação visível dos pensamentos, atividades, saúde, e assim por diante, do indivíduo. O outro componente seria essencialmente vibratório por natureza e emanaria do nível da alma — fornecendo perceções sobre vidas passadas, bem como crescimento, desenvolvimento e insuficiências da alma.

Cayce sugeriu que os exercícios intuitivos do jovem lhe tinham permitido alcançar a capacidade de ver o componente físico das auras. Era claro que precisava de trabalhar mais para perceber o componente espiritual. O jovem foi encorajado a praticar oração e meditação e a começar a notar que vibrações emanavam dele próprio após o fazer. Com prática, aprenderia a submeter a perceção física e a confiar mais nos “sentimentos” da aura de outra pessoa. A oração e a meditação aprofundariam a sua sintonia com o ingrediente espiritual das auras.

Certamente, o trabalho de Carol Ann Liaros com pessoas cegas demonstrou inúmeras vezes que os indivíduos podem ser ensinados a “sentir” uma aura com a mesma facilidade com que podem ser ensinados a “ver” uma aura. Na realidade, o treino é o mesmo. Durante muitos anos, o Project Blind Awareness destacou-se como um programa de formação inovador para participantes cegos, permitindo-lhes tornar-se mais móveis e independentes através do uso da intuição. Fundado por Carol Ann Liaros, o programa recebeu atenção mediática contínua e até se tornou tema de televisão em horário nobre num episódio de *That’s Incredible*, exibido na década de 1980. No episódio, Lisa Hoffman, uma aluna cega de catorze anos, com olhos de vidro, demonstrou como o Project Blind

Awareness tinha reforçado a sua intuição através da técnica de “viagem mental”, também conhecida como “visão remota” (*remote viewing*). O objetivo desta técnica, do ponto de vista dos participantes cegos, era permitir que indivíduos com deficiência visual se familiarizassem com ambientes desconhecidos. Usar a intuição ajudava a diminuir o medo de lugares novos e contribuía para que se tornassem mais móveis e independentes.

O episódio de *That's Incredible* filmou Lisa Hoffman deitada, numa posição horizontal, na casa da família em Rochester, Nova Iorque, enquanto Carol Ann Liaros se mantinha perto dela para conduzir a jovem, de catorze anos, pela experiência imaginária de viagem mental ou visão remota. O episódio acabou por ser a primeira experiência da equipa de filmagem a documentar um evento parapsicológico “ao vivo”. Pouco antes de filmarem, deram a Carol Ann um papel com uma morada na Califórnia. Ela instruiu Lisa a imaginar que estava a “voar” para essa morada — uma casa privada onde ninguém na sala tinha estado, incluindo a equipa de filmagem.

Quando, na sua imaginação, Lisa se aproximou da porta da frente dessa morada, fingiu estender a mão e tocá-la. A sua descrição incluiu que a porta era de madeira e tinha uma pequena janela que continha, dentro dela, uma escultura de madeira ainda mais pequena. Quando o episódio de *That's Incredible* foi transmitido na televisão, outra equipa tinha filmado imagens da casa real. À medida que Lisa descrevia o que estava a “ver”, o público via uma porta de madeira escurecida, com uma pequena janela de cerca de dez por dez centímetros e uma escultura de madeira pintada de vermelho dentro dessa pequena janela.

Seguindo as instruções de Carol Ann, Lisa fingiu entrar e foi orientada a reparar no que estava à sua esquerda, à sua direita e mesmo à sua frente. Lisa afirmou que conseguia ver três vãos de porta que conduziam a três divisões diferentes, incluindo a sala de estar imediatamente à sua direita. (Enquanto isto acontecia, o público via que existiam, de facto, três vãos de porta a dar para várias divisões, incluindo a sala à direita.) Ao ficar à entrada da sala, comentou que era um espaço claro, luminoso e arejado — o que também era verdade.

Carol Ann sugeriu então que Lisa imaginasse que entrava na sala e foi instruída a localizar onde estava o sofá. A jovem descreveu dois sofás frente a frente. Disse que via muitas almofadas feitas à mão sobre eles, com uma mesa invulgar entre os sofás. Lisa disse que havia velas e livros sobre a mesa e acrescentou que ambos os sofás eram bege. (Na realidade, havia dois sofás frente a frente e, entre eles, uma mesa invulgar que era essencialmente uma secção transversal de um enorme tronco de árvore, envernizada. No entanto, um sofá era bege e o outro era azul. Havia almofadas feitas à mão nos sofás, feitas pela mãe da mulher que vivia na casa. O público via também que havia duas velas e vários livros sobre a mesa única.)

Lisa foi então convidada a tocar nas paredes e a reparar no que estava pendurado nas janelas. Carol Ann deu esta instrução a pensar que poderia haver pinturas ou fotografias nas paredes e estores ou cortinas nas janelas. Depois de ouvir a instrução, Lisa fingiu passar a mão pela parede. Descreveu-a como tendo uma textura áspera e disse que reparou em algo frio e duro pendurado na janela. Nessa altura, usou as mãos para indicar a forma de uma lua crescente. (A equipa de filmagem tinha registado as paredes reais, de estuque rugoso, e uma luz néon em forma de lua crescente pendurada na janela — exatamente a forma que Lisa tinha desenhado com as mãos.)

Lisa prosseguiu, comunicando o número de janelas e de cadeiras que havia na divisão. Embora estivesse certa quanto ao número de cadeiras, inicialmente pareceu que poderia ter exagerado o número de janelas em uma unidade. No entanto, como a equipa de filmagem demonstrou, existia outra janela tapada por um biombo de pé. Curiosamente, era uma janela que não teria sido evidente nem sequer para uma pessoa com visão que estivesse efetivamente na divisão.

Quando Lisa foi convidada a “prestar atenção” a qualquer outra coisa que lhe chamasse a atenção, disse que conseguia “ver” uma peça de mobiliário a ser usada como estante de livros. (Na realidade, havia uma secretária antiga na sala de estar que os proprietários estavam a usar como estante, em vez de secretária.) Perguntaram-lhe se havia alguma lareira na divisão. Ela respondeu que os dois sofás estavam virados para a

lareira. Para além de descrever os ferros de lareira, pareceu ficar encantada ao encontrar que “há várias peças de arte de metal soldadas em conjunto”. (Na realidade, havia uma lareira com ferros de lareira, mas por cima da lareira, em prateleiras desencontradas, estavam peças de arte em metal soldado. Acontece que o pai da mulher dona da casa era um artista cujo meio era soldar peças de metal.) Por fim, Lisa descreveu um relógio na cornija da lareira e usou as mãos para mostrar a forma do relógio.

Segundo Carol Ann Liaros: “Foi espantoso ver as mãos dela seguirem a forma exata do relógio. Outro aspeto interessante deste programa foi o facto de que, quando a equipa de filmagem deixou Rochester, ninguém fazia ideia se ela estava errada, certa, ou parcialmente certa. Foi uma surpresa e até um choque quando o programa finalmente foi transmitido, e pudemos ver quão correta Lisa tinha sido na sua ‘imaginação’.”

Outra pessoa que demonstrou capacidades apuradas de percepção sensorial elevada, apesar de ser cega, foi um padre jesuíta, o Padre Schommer, então artista residente no Canisius College, em Buffalo, Nova Iorque. (Ver também a discussão do Capítulo Três sobre o “amarelo”.) O Padre Schommer descreveu a sua experiência com o Project Blind Awareness a Carol Ann Liaros como algo que o levou a compreender que “a cegueira trouxe luz”. Schommer admite que, no início, a cegueira “atingiu as próprias raízes da minha identidade”.

Felizmente, o programa permitiu-lhe “ver” o mundo de uma forma diferente, tornando-o recetivo a um estado de consciência ampliado em que os sentimentos, emoções e vibrações do mundo exterior podiam, de algum modo, ser acedidos. Segundo Schommer, “a cor tem, de facto, uma sensação” que pode ser sentida. Schommer admite que a sensação da cor, ao princípio, confundiu o seu hemisfério esquerdo racional e os seus anos de educação superior. Ele descreve a sua experiência pessoal de percepção intuitiva ampliada do seguinte modo:

Em primeiro lugar, abriu-me um cosmos — a mim, que pensei, depois de ficar cego, que estava cortado do mundo que amava e estimava... [Também] estabeleceu a distinção de que a exatidão cerebral é bastante diferente da exatidão sensorial, e sinto-me confortável com esta

constatação... Posso [ainda] dizer que, no meu caso, a vida acabou de começar aos sessenta, graças ao Blind Awareness... Uma pessoa relaxa para dentro da realidade do seu próprio ser, com a qual esteve tão familiarizada durante tantos anos, e sai muito mais sábia, mais madura e muito mais receptiva e compreensiva.

A partir do trabalho com o Padre Schommer e de testemunhar a sua capacidade de “sentir” a frequência da energia, Carol Ann Liaros desenvolveu uma técnica a que chamou “varrimento da aura” (*aura scanning*), que tem usado tanto com alunos com visão como com alunos cegos. Ela descreve uma das utilizações da técnica:

Primeiro, peço aos participantes que formem pares com um parceiro. Para começar, um dos parceiros mantém as mãos a alguns centímetros do corpo do outro e “varre” a aura à volta do parceiro para experienciar largura, densidade, e assim por diante. Depois de este varrimento áurico acontecer, peço à pessoa que está a ser “varrida” que comece a fazer cálculos matemáticos na cabeça: adição, subtração, multiplicação.

Entretanto, o parceiro que está a fazer o varrimento volta a varrer a aura à volta da cabeça. Inevitavelmente, quem está a varrer encontrará a aura mais cheia e mais ativa do lado esquerdo. Por outro lado, se eu pedir à pessoa que está a ser varrida para rezar ou meditar durante a experiência, quem está a varrer encontrará a aura mais cheia e mais ativa do lado direito. É uma experiência incrível.

Outro uso do varrimento da aura é cada parceiro varrer a aura do outro para encontrar quaisquer alterações físicas (por exemplo: flutuações de temperatura, fragilidades, cirurgias) ou dificuldades, e depois inverterem os papéis. Pela experiência de Carol Ann, esta é uma técnica em que as pessoas cegas têm verdadeiramente superado as pessoas com visão. Talvez a melhor explicação seja que as pessoas com visão podem ser visualmente distraídas, enquanto as pessoas cegas só conseguem prestar atenção ao que são capazes de sentir ou perceber. A mesma técnica de “varrimento da aura” pode ser usada para varrer as cores áuricas, bem como os níveis de atividade e a saúde dos chakras.

Trabalhar com um objeto, como uma lâmpada, é outra técnica que Carol Ann usou tanto com pessoas cegas como com pessoas com visão para permitir aos participantes “sentir” energia. Mais uma vez, as pessoas são instruídas a escolher um parceiro e cada par recebe uma lâmpada. De olhos fechados, quem faz o varrimento começa por traçar o contorno da lâmpada. Depois de traçar o contorno várias vezes, a pessoa imagina que está a “sentir” a aura que emana da lâmpada. Em seguida, pede-se ao parceiro que está a fazer o varrimento que encoste a lâmpada ao centro da testa (o “terceiro olho”), pressionando-a ligeiramente contra essa zona. Depois, afasta a lâmpada alguns centímetros da testa e volta a “sentir” a aura da lâmpada. Cada parceiro tem oportunidade de sentir a energia da lâmpada.

Depois, pede-se a um dos parceiros que pegue na lâmpada e a segure a alguns metros da própria testa. O outro parceiro é convidado (com os olhos vendados ou fechados) a imaginar que expande a sua aura pessoal para tocar a aura da lâmpada e a “traçá-la” com a sua própria energia. Repete-se a mesma experiência com o outro parceiro a segurar um objeto diferente (como um dado cúbico ou uma berlinde redonda), e pede-se ao parceiro que expande a aura que identifique o objeto, expandindo a aura e tentando “sentir” que tipo de objeto o outro está a segurar. Segundo Carol Ann: “O sucesso com esta técnica tem sido espantoso. Já pedi até que os participantes façam esta experiência com o objeto a ser segurado pelo parceiro atrás da cabeça, e funciona igualmente bem!”

Mais publicidade para o Project Blind Awareness resultou de uma publicação marcante, *Super-Learning* (Ostrander, Ostrander e Schroeder), que documentou a experiência do Padre Schommer e de outros participantes cegos que conseguiam “sentir” e “ver” coisas muito para além da perceção da maioria das pessoas com visão:

Continuaram a praticar relaxamento, a visualizar os bio-campos de energia à volta do corpo, a sentir cores... À medida que foram percebendo que até as suas limitações talvez não fossem tão reais como pensavam, estes homens e mulheres cegos começaram a fazer coisas que todos admitem prontamente que “parecem inacreditáveis”.

Alguns começaram a reconhecer cores do outro lado da sala. O mundo começou a voltar ao “campo de visão” de um modo que lhes era muito difícil de expressar — estavam ligados outra vez, mas de uma forma nova. Parecia haver uma luz dentro da cabeça, disseram alguns, onde antes só existia escuridão. Um homem aposentou a sua bengala branca, pois estava de algum modo consciente de postes de iluminação, saliências de montras, degraus e passeios. Uma mulher completamente cega “viu” uma fotografia...

À medida que o relaxamento e o treino continuavam, estes cidadãos sólidos começaram a aprender a viajar, com os “olhos da mente”, para divisões, casas, escritórios distantes — lugares onde nunca tinham estado — e, ainda assim, conseguiam descrever a disposição dos espaços. Na gíria da PES, o deles é clarividência pura e simples. No entanto, é difícil conciliar estas pessoas com a imagem habitual de “médium”. Eles também nunca se viam dessa forma.⁶

Segundo *Super-Learning*, todas as sessões do Project Blind Awareness foram documentadas com registos escritos, gravados e fotográficos. Os investigadores principais incluíam o Dr. Douglas Dean, eletroquímico e parapsicólogo no New Jersey Institute of Technology, e o Dr. Sean Zieler, psicólogo clínico no Veterans Hospital, em Buffalo, Nova Iorque, e consultor no estudo. Antes do treino em *blind awareness*, foi registado que os participantes conseguiam distinguir cores (verde versus vermelho) ou preto e branco a um nível compatível com o acaso. Após treino em relaxamento, visualização, sensibilidade e varrimento da aura, os participantes foram testados novamente. Como observou o Dr. Zieler: “Quanto mais o faziam, melhor o desempenho — sessenta e cinco a setenta por cento de exatidão, com alguns a obterem pontuação perfeita.” Acrescentou ainda: “Algumas das coisas que aconteceram foram de cortar a respiração.”

Outra participante do Project Blind Awareness foi Lola Reppenhagen, que Carol Ann descreveu como “uma das nossas alunas estrela”. Lola trabalhava o relaxamento todas as noites e praticava com os cartões de cores do Project Blind Awareness (tentando discernir a cor de cada um) todos os dias durante quinze minutos. No início, o vermelho parecia ser a

cor mais “visível” para ela. Reparou nisso, por exemplo, num livro que estava em cima do balcão e confirmou com o marido que era vermelho. Quanto mais praticava, mais frequentemente as cores lhe surgiam, muitas vezes em momentos “inesperados”. Lola documentou a sua experiência para Carol Ann:

Acho difícil acreditar nas coisas que estão a acontecer. Ainda não aprendi a identificar todas as cores sempre, e algumas não tão bem como outras, mas está a chegar. Tive algum sucesso com a viagem mental. A minha consciência do meu campo de energia está a desenvolver-se. Sinto como se conseguisse ver as minhas mãos a trabalhar, vejo o meu corpo, vejo imagens e sombras e parece que consigo quase ver o que está numa divisão. Parece que realmente o vejo, embora não veja; sou totalmente cega.

Outra participante do Project Blind Awareness, chamada Barbara, professora na casa dos vinte e poucos anos, estava muito amarga por ter ficado cega. Participava em todas as sessões e ficava cada vez mais frustrada por sentir que “nenhum do treino” estava a resultar para ela. Uma semana, porém, chegou à aula muito entusiasmada e ansiosa por partilhar a sua experiência. Segundo Barbara, acordou sobressaltada a meio da noite.

Acordou a pensar que o apartamento estava a arder, pois todo o mobiliário estava a brilhar com uma luz branco-dourada. Sabendo que não podia “ver”, apalpou para perceber quanto calor estava a emanar do fogo, mas não havia qualquer calor. Virou-se para ver “se o interruptor da luz estava ligado”, mas depressa se lembrou de que era completamente cega. Quando lhe perguntaram o que fez a seguir, respondeu: “Sentei-me ali e desfrutei de ver durante cerca de meia hora, pela primeira vez em mais de três anos.”

Todas estas experiências com pessoas cegas são verdadeiramente extraordinárias.

É interessante notar um sonho que Carol Ann Liaros recorda, que começou quando ela tinha cerca de doze anos. Era um sonho recorrente que acontecia talvez várias vezes por ano, até ao momento em que

começou a trabalhar com o Project Blind Awareness. O sonho parecia antecipar o seu envolvimento com pessoas cegas:

Eu estava à porta do que eu sabia ser um hospital... e a sala era absolutamente enorme, com tetos altíssimos. Eu estava à porta com o que eu pensava serem dois médicos. Estávamos a “flutuar” pela sala, não a andar, e comecei a reparar que não havia camas na sala. Havia pessoas de pé por todo o lado, meio sem rumo. À medida que flutuávamos junto delas, olhavam por cima do ombro para nós com uma expressão estranha. O que me chocou foi o olhar nos olhos delas. Era um olhar absolutamente torturado. Eu sabia, enquanto passávamos, que as estávamos a curar, mas não estávamos a fazer nada.

Olhando para trás, Carol Ann apercebe-se de que não havia camas no “hospital” porque as pessoas não estavam realmente doentes, e os olhos estavam torturados porque eram cegas. Ela acredita que o sonho simboliza o seu trabalho de ajudar pessoas cegas a ver. Após mais de quarenta anos a treinar pessoas para verem auras e a trabalharem com a sua própria intuição, Carol Ann sabe com certeza que: “Não é preciso ter visão para ver uma aura e não é preciso ser cego para sentir uma aura.”

Qualquer pessoa pode ser ensinada a experienciar a aura — quer seja sentindo as vibrações, vendo literalmente a aura, compreendendo o significado da emanção de energia, ou, com o tempo, aprendendo também a compreender o significado das cores. Experienciar a aura é algo acessível a todos — é apenas uma questão de treino, prática e percepção.

⁶ Sheila Ostrander, Nancy Ostrander e Lynn Schroeder, *Super-Learning* (Nova Iorque: Dell, 1979), 220–21.

Experienciar a Aura por Ti Próprio

Mesmo que nunca tenhas visto — ou acreditado que fosse possível ver — uma aura, podes aprender a ver auras por ti próprio. Tal como os teus olhos conseguem olhar para a tua mão colocada à frente do rosto e, depois, voltar a focar-se na parede do outro lado da sala, também podes ensinar-te a ver a energia que rodeia tudo. Em vez de fixares o olhar num ponto ou de semicerrá-lo, a capacidade de ver auras é, na verdade, uma técnica de visão suave, passiva e recetiva. É reeducar-te para olhares para as coisas e para as pessoas de forma diferente, bem como aprenderes a refocar a tua atenção e a tua visão. Exige prática; é simplesmente aprender a fazer algo novo.

Como analogia, lembras-te de quando eras criança e estavas a aprender a andar numa bicicleta de duas rodas? Provavelmente tinhas rodinhas e um dos teus pais ao teu lado, num pavimento liso, a criar as condições ideais para aprenderes. Quando, porém, apanhaste o jeito do equilíbrio, deixaste de precisar dessas “condições ideais” para conseguires arrancar e andar livremente.

Ver auras é uma experiência muito semelhante. Ao princípio, podes precisar de orientação e treino, bem como de condições ideais para conseguires ver a aura. Podes querer condições como iluminação apropriada, a pessoa cuja aura estás a tentar ver a usar roupa preta ou branca, ou ter um fundo/biombo preto ou branco contra o qual a pessoa se possa colocar, e assim por diante. Com o tempo, porém, conseguirás ver auras sem orientação ou ajuda e até quando as condições não forem ideais.

Se tens tendência para ser uma pessoa visual, aprender a ver auras pode ser mais fácil para ti do que para alguém mais auditivo ou mais cinestésico. Pelo contrário, pode ser mais fácil para uma pessoa cinestésica sentir a aura do que para alguém mais visual ou mais auditivo.

Algumas das perguntas que surgem quando se fala da capacidade de ver auras são: “Porque é que ver auras vale a pena?” ou “Quais são

algumas aplicações práticas de ver auras?” As respostas possíveis são quase ilimitadas e incluem:

- Tornar-te consciente e atento ao estado de espírito de outra pessoa
- Ser capaz de “varrer” o teu filho (ou outra pessoa) quanto à saúde física, mental e emocional
- Ser capaz de discernir se alguém está, ou não, a dizer a verdade
- Ver depressão (ou outras questões emocionais) numa pessoa e conseguir responder com bondade
- Ajudar pessoas em conflito
- Como professor, orador ou apresentador, conseguir ver se os alunos/participantes “estão a acompanhar”
- Sintonizar-te com a aura de um colega antes de começar a trabalhar
- Como profissional de saúde, conseguir diagnosticar problemas físicos
- Compreender a posição de alguém sobre um tema específico, vendo ou experienciando a situação como a outra pessoa a experiencia
- A lista continua

Na verdade, a maioria das pessoas é “sensível” a auras, energia e vibração pessoal; mas a maior parte de nós não foi culturalmente predisposta a compreender esta dinâmica do nosso sentido psíquico pessoal. Edgar Cayce acreditava, no entanto, que toda a gente tinha alguma familiaridade com auras e vibrações, mesmo que não se apercebesse disso:

“Mas o que é que as auras significam para a maioria das pessoas, que não as consegue ver?”, perguntas? Bem, eu acredito que a maioria das pessoas vê-as, mas não se apercebe disso. Creio que qualquer pessoa

pode perceber, de forma geral, qual é a aura de outra pessoa, se prestar atenção às cores que essa pessoa usa habitualmente na roupa e na decoração. Quantas vezes disseste de uma mulher: “Porque é que ela usa essa cor? Não lhe fica nada bem.”

Quantas vezes disseste: “Como ela fica bonita com aquele vestido. A cor é perfeita para ela. Parece feita para o usar.” Em ambos os casos estiveste a ler uma aura. A primeira mulher estava a usar uma cor que colidia com a sua aura. A segunda mulher estava a usar uma cor que harmonizava com a sua aura. Todos sabem que cores ajudam os vossos amigos e fazem sobressair o melhor neles. São as cores que batem com as mesmas vibrações da aura e, assim, a fortalecem e elevam. Observando com atenção, podes até descobrir mudanças nos teus amigos, refletidas numa alteração da cor predominante no guarda-roupa. (Ver folheto *Auras*, Apêndice I)

Como não lhes foi ensinado o contrário, as crianças são, em geral, um dos grupos mais fáceis de orientar através da visualização das cores e da energia de uma aura. Como exemplo, Carol Ann Liaros recorda a história do seu filho Dean, que estava numa turma especial para dislexia com outros seis rapazes. Um dia, quando o filho tinha nove anos, contou-lhe que tinham acabado de aprender sobre Helen Keller. E acrescentou: “Disse à professora que a minha mãe ensina cegos a ver com o terceiro olho... Ela quer que venhas falar à nossa turma sobre o trabalho que fazes com cegos.” Embora se interrogasse sobre o que a professora realmente pensaria do seu trabalho, Carol Ann aceitou marcar uma data. Ela descreve o dia da experiência:

Eu sabia que a capacidade de atenção de uma criança de nove anos era de cerca de um minuto e meio e estava à espera da turma de dislexia do Dean, com seis ou sete crianças. Para minha surpresa, a notícia espalhou-se pela escola toda sobre a minha presença. A minha apresentação foi marcada para o auditório, que estava literalmente cheio de crianças de nove, dez e onze anos e dos seus professores.

Para começar, comecei a falar um pouco sobre a energia que irradia de todos nós, e como tem cores diferentes e larguras diferentes. Expliquei que diz coisas sobre nós e sobre as nossas personalidades e que pode

dizer-nos coisas que estão fisicamente erradas connosco. Coloquei-me à frente do ecrã branco de projeção da escola e pedi que reduzissem as luzes. Pedi-lhes que fechassem os olhos e respirassem fundo para relaxarem um pouco. Depois disse: “Quando abrirem os olhos, abram-nos só a meio e olhem para a energia que irradia do meu corpo; e digam-me com o que se parece.”

As crianças não ficaram nada constrangidas em responder. Uma gritou que conseguia ver azul; outra viu amarelo. Várias confirmaram as mesmas cores. Depois disse-lhes: “Também podem sentir a energia”, e pedi-lhes que imaginassem que conseguiam sentir a aura da pessoa sentada ao lado. Toda a gente teve uma boa experiência e parecia estar a gostar do exercício.

Mas basta um adulto para mudar tudo. Uma das professoras levantou-se e perguntou: “Como é que sabemos que não os hipnotizou? Disse-lhes que há energia e que tem cores. Há investigação científica que prove isto?”

Claro que as crianças não queriam saber disso; todas viram e sentiram as auras. Suspirando por dentro, perguntei em voz alta se havia algum professor presente com algum problema físico oculto. Uma professora avançou para a frente do ecrã, e pedi às crianças que seguissem o mesmo procedimento — fechar os olhos, respirar fundo e relaxar. Quando abriram os olhos a meio, pedi-lhes que observassem cuidadosamente a aura para ver se notavam algo diferente em alguma parte do corpo. Mais uma vez, todos viram a energia semelhante à que rodeia um fósforo aceso, e alguns viram cores. De repente, muitos alunos gritaram que conseguiam ver cinzento escuro à volta das mãos e dos pulsos da professora. Curiosamente, ela estava a usar um vestido-camisa de manga comprida.

Pedi-lhe que nos explicasse o seu problema físico. Disse que tinha ido esquiar no fim-de-semana. Ao esquiar, perdeu o equilíbrio e amparou a queda com as duas mãos, resultando em dois pulsos torcidos. A escolha de usar o vestido de manga comprida tinha sido para esconder as nódoas negras nos braços.

Para algumas pessoas, podem surgir bloqueios quando começam a tentar ver a aura. Um dos maiores bloqueios, para muitos, é o próprio intelecto. A pessoa começa a ver uma cor, um tom ou algum aspeto da aura e, logo a seguir, a mente mina a experiência com pensamentos como: “Sim, mas deve ser só a luz aqui; é a minha imaginação; ou estou apenas a seguir a sugestão e a acreditar no que me dizem para ver.”

Outro bloqueio é o condicionamento anterior. Fomos ensinados a acreditar que isto é disparate; que não existe tal coisa como uma aura. Ou, talvez, alguns de nós tenham sido condicionados a acreditar que ver auras é uma competência especializada, que só grandes médiuns ou pessoas muito espiritualmente evoluídas conseguem. Essa crença não é verdadeira. Embora seja verdade que pessoas que trabalharam o seu crescimento espiritual, a meditação e a elevação da própria consciência possam ter mais facilidade em ver auras, vibrações e as subtilezas de várias cores, qualquer pessoa o consegue.

Provavelmente, a melhor abordagem para superar estes obstáculos é a prática. Com prática, não só conseguirás experienciar que as auras rodeiam todas as coisas e todas as pessoas, a toda a hora, como também conseguirás discernir algumas das diferenças presentes em cada aura — diferenças que podem ser confirmadas pelas próprias pessoas cuja aura estás a ver. Por exemplo, pratica ver as auras à volta de pessoas saudáveis e, depois, observa as auras de pessoas com algum problema físico. Com o tempo, conseguirás ver como esse problema aparece na aura humana. Também podes praticar contigo próprio, em frente ao espelho.

Outro obstáculo, para algumas pessoas, é que podem ver “qualquer coisa”, mas estão convencidas de que uma aura tem de ter um determinado aspeto. Não se apercebem de que aquilo que estão a ver é, na verdade, uma das formas como a aura se pode manifestar à percepção humana. O exemplo seguinte é retirado dos ficheiros de Edgar Cayce:

Durante uma leitura de seguimento feita à Sra. [275], uma mulher de vinte e um anos interessada em vários temas do material de Cayce, ela perguntou porque razão um amigo do pai tinha visto uma luz azul entre o Sr. Cayce e ela própria durante uma determinada leitura. O homem tinha estado presente na leitura n.º 5750-1, na qual um grupo de pessoas tinha

pedido a Edgar Cayce que discutisse “... um tratado histórico sobre a origem e o desenvolvimento da civilização maia ...”. O homem (um Sr. MacBeth) descreveu o que tinha visto como uma luz azul que parecia existir entre o Sr. Cayce e a Sra. [275], ligando-os de algum modo. Na sua própria leitura, a jovem perguntou o que significava essa luz.

Cayce afirmou que a luz azul tinha, essencialmente, emanado dela como uma aura azul simpática. Aparentemente, durante a leitura, ela estivera tão concentrada no que o Sr. Cayce estava a fazer e tão inclinada a ajudá-lo, se pudesse, que a luz azul se manifestara na sua aura como forma de “conjunção, coordenação ou cooperação” com aquilo que estava a acontecer. (275-37) Por outras palavras, a sua intenção era ser útil de todas as formas possíveis, e o seu campo energético vibracional ligou-se a essa intenção, fornecendo a Cayce, adormecido, energia que o poderia ajudar durante o processo da leitura. O Sr. MacBeth tinha visto um aspecto da aura da mulher — a luz azul que parecia ligá-la a Edgar Cayce. Ou seja, ele tinha visto a aura sem se aperceber de que era isso que estava a ver.

Chegou o momento de praticares ver a aura. Vamos começar com algo não humano, como uma planta.

PRATICAR VER A AURA

Sessão de prática com uma planta

Senta-te num local onde te sintas confortável: perto de uma planta, arbusto ou árvore. Podes escolher sentar-te dentro de casa ou no exterior. Quando estiveres confortável e com a planta por perto, relaxa e inspira profundamente. Inspira relaxamento e expira qualquer tensão. Respira devagar e profundamente, reparando como o ar se sente fresco quando inspiras e quente quando expiras. Relaxa de novo e respira.

Enquanto respiras e relaxas, vira a tua atenção para a planta ou para a vegetação perto de ti. Envia amor e apreciação a essa planta. Sente a energia que estás a enviar. Imagina que essa energia envolve e abraça a planta. Enquanto sentes e imaginas essa energia, ajusta os olhos (talvez

semicerrando-os, refocando ou olhando de forma mais suave). Agora, começa a tornar-te consciente do campo de energia em torno desta planta. Tenta ver e sentir a aura deste ser vivo. Podes ver um contorno esbatido, algumas faixas de energia e, talvez, alguma cor. Concentra-te na planta e toma consciência do que estás a ver ou a sentir.

Assim que começares a ver a aura da planta, poderão surgir certos pensamentos. O teu intelecto pode dizer-te que é apenas imaginação. Podes começar a acreditar que os teus olhos te estão a pregar partidas — podes pensar que estás a ver uma sombra, um reflexo, ou que é apenas uma ilusão ótica. Por vezes, as pessoas perguntam-se se não deveriam ir verificar a vista. Estas são reações muito comuns.

Enquanto observas a aura, começa a reparar no que acontece à aura em torno da planta quando lhe envias amor e apreciação. Podes ver o campo áurico expandir-se, crescer e tornar-se mais luminoso em resposta à energia e à apreciação que está a receber de ti. Tira tempo para observar cada área da aura que envolve a planta. Contempla todo o contorno e, quando terminares, envia um “obrigado” por esta troca de energia. Inspira novamente e volta a enraizar-te no presente.

Alternativas a este exercício podem também incluir observar a aura e trocar energia com um animal de estimação da família ou sentir a energia de um objeto inanimado.

Por vezes, as pessoas pedem mais esclarecimentos sobre quais poderão ser as “condições ideais” que melhor permitem a alguém ver e experienciar uma aura por si próprio. Se estás apenas a começar a trabalhar com auras, as condições ideais podem incluir reservar tempo para um exercício de relaxamento, garantir que estás sentado numa cadeira confortável, usar um fundo branco (ou preto) atrás da pessoa ou do objeto que estás a observar e ajustar a iluminação de uma divisão para que te seja mais favorável. Por exemplo, pode também ser uma boa ideia ter uma luz muito suave — como trabalhar numa sala com regulador de intensidade (*dimmer*) — ou, talvez, trabalhar durante o dia com as luzes apagadas para que o espaço fique em penumbra.

Depois de relaxares e te centreres, abre os olhos a meio para manteres uma visão periférica, sem pestanejar. Olha para o lado da pessoa, planta ou objeto cuja aura estás a tentar ver. Relaxa dentro dessa área de foco. Não olhes diretamente para o indivíduo, planta ou objeto; em vez disso, olha para o contorno que envolve o teu “objeto de teste”. É aí que a aura está; ela irradia para fora do indivíduo ou do objeto. Procura usar a visão com um olhar suave e passivo. Não é fixar o olhar; talvez seja melhor descrito como um olhar passivo, delicado, suave. Em geral, os olhos ficam parcialmente abertos — talvez apenas meio abertos.

No início, poderás ver uma intensificação da cor por trás do objeto ou do indivíduo — talvez um brilho, semelhante à energia à volta de um fósforo aceso. A energia que começarás a perceber pode parecer ondas em movimento, um contorno expandido, uma névoa ou uma nuvem. Pode ser mais brilhante em torno do objeto, ou pode conter cor intensa. Muitas vezes, quando as pessoas começam a ver auras, podem simplesmente ver um tom de branco; outras podem ver algo como uma intensificação da cor por trás da pessoa ou do objeto.

Por vezes, assim que alguém começa a ver uma aura, fica muito entusiasmado e pestaneja, dando a impressão de que a aura desapareceu. Em vez de pensares “foi-se embora”, a aura não foi a lado nenhum. A aura está sempre presente. Quando pestanejamos, os olhos refocam de volta para a forma normal de “ver” o mundo físico. Para voltar a ver a aura, a pessoa só precisa de olhar novamente para ela com a abordagem passiva e delicada de ver este nível mais elevado e mais subtil de energia.

Com o tempo e a prática, começarás a compreender como é sentir o relaxamento, como te abrir a uma sensibilidade ampliada e como refocar os olhos. Uma das melhores ferramentas, naturalmente, é a prática. Com cada vez mais prática, descobrirás que consegues ver auras mesmo quando as condições não são ideais e até quando não estás, conscientemente, a tentar vê-las.

Sessão de prática contigo próprio

(inclui a descrição de um “exercício de relaxamento”)

Aprenderes a relaxar é um dos componentes mais importantes para ver a aura. Segue-se uma versão de um exercício de relaxamento:

Fica confortável, sentado numa cadeira, ou deitado numa cama ou num sofá. Em seguida, contrai os dedos dos pés o mais apertado que conseguires. Torna-os tão tensos e apertados quanto possível. Agora relaxa-os. E relaxa-os ainda mais.

Leva a tua atenção aos músculos da parte inferior das pernas; presta atenção ao processo por que os músculos passam quando os contrais. Contrai os músculos da parte inferior das pernas. Mantém a tensão. Relaxa. Agora relaxa ainda mais.

Em seguida, contrai os músculos da parte superior das pernas. Mantém-nos tensos e retesados. Isto é o que o teu corpo sente quando está em estado de tensão. Relaxa esses músculos. Agora “diz” a esses músculos para relaxarem ainda mais.

Passando para os músculos do abdómen e da zona lombar, torna esses músculos tão tensos e retesados quanto possível. Depois relaxa-os. Agora relaxa-os ainda mais.

Contrai os músculos da parte superior do tronco encolhendo os ombros. Tensiona os músculos das costas e do peito. Relaxa-os de forma suave e delicada. “Diz” a esses músculos para relaxarem ainda mais.

Contrai os músculos de ambos os braços cerrando os punhos: tensos e retesados; e depois relaxa. Agora relaxa ainda mais.

Contrai todos os músculos da face, em particular à volta dos olhos. Carregamos muita tensão à volta dos olhos e depois perguntamo-nos porque temos dores de cabeça. Relaxa esses músculos. Agora relaxa-os ainda mais.

Deixa a cabeça inclinar-se para a frente e, muito lentamente e com extrema suavidade, começa a rodar a cabeça num círculo grande e amplo. Roda a cabeça — primeiro numa direção, completando a volta toda, e

depois na outra — para relaxar os músculos do pescoço e da parte superior dos ombros.

Por fim, contrai todos os músculos do corpo. Começa pelos dedos dos pés, subindo pelas pernas, atravessando o abdómen e as costas. Encolhe as costas e os ombros, cerra os punhos, e torna-os tensos e retesados. Termina com os ombros, o pescoço e a cabeça. Depois, muito lentamente, como em câmara lenta, relaxa todos os músculos do corpo. Devagar e suavemente, relaxa todos os músculos do corpo. Diz a esses músculos para largarem. Comunica a cada célula e a cada músculo de todo o teu corpo para relaxarem ainda mais.

Estás agora num estado de relaxamento.

Este processo de relaxamento é certamente eficaz para experimentares na tua prática. No futuro, talvez queiras usar abordagens adicionais de relaxamento e centramento.

Há muitas formas de começar a observar auras. Uma das coisas que qualquer pessoa pode praticar é observar a sua própria aura. Depois de relaxares, podes tentar ver a tua aura ao espelho. Um passo mais pequeno pode ser observar a aura em torno da tua mão.

Depois de completares um exercício de relaxamento, deitado na cama à noite ou durante o dia numa divisão em penumbra, dirige a tua atenção para o centro da testa, como se estivesses a olhar para o centro da testa de dentro para fora. Manteres a atenção centrada no meio da testa é uma técnica de concentração muito simples e muito eficaz. Diz-se também que esta técnica estimula o terceiro olho — a nossa capacidade de ver psiquicamente — e, neste caso, de ver auras. Sempre que sentires a tua atenção a divagar, traz a atenção de volta, vezes sem conta, até que se mantenha no lugar enquanto continuas a concentrar-te no centro da testa.

Quando estiveres pronto, levanta a mão e segura-a à tua frente, a uns trinta centímetros de distância. Refoca os olhos (com aquele olhar suave e passivo). Tenta ver o nível mais elevado e mais subtil de energia que envolve a tua mão. Se tiveres dificuldade, aproxima ou afasta a mão até sentires o campo de energia que envolve o contorno da mão. Em

alternativa, afasta os dedos uns dos outros. Com os olhos meio fechados, observa a energia a irradiar dos teus dedos. Podes notar de imediato que é relativamente fácil ver a aura em torno da tua mão.

Enquanto continuas a respirar e a relaxar, vira agora a tua atenção para o teu braço.

Tenta sentir a energia que está a emanar do teu braço. À medida que te tornas recetivo à energia, usa a visão passiva para procurar o contorno, a luz ou a cor que envolve o teu braço. Ajusta os olhos (talvez semicerrando-os a meio, refocando, ou olhando de forma mais suave) e toma consciência da aura e de quaisquer subtilezas energéticas. Volta a focar-te no teu braço e apercebe-te do que estás a ver ou a sentir.

Começa a reparar no que acontece à aura à volta do teu braço quando envias ao teu corpo apreciação por tudo o que ele faz por ti. Podes ver o campo áurico expandir-se, crescer e tornar-se mais luminoso em resposta à energia e à apreciação que está a receber de ti. Envia um “obrigado” por esta troca de energia, inspira novamente e volta a enraizar-te no presente.

Depois de veres a aura em torno da tua mão ou do teu braço, talvez queiras usar este exercício para tentar observar, num espelho de corpo inteiro, a aura em torno de todo o teu corpo. Alternativas a este exercício incluem tentar manter certas emoções ou pensamentos enquanto olhas para a tua aura no espelho. Por exemplo, podes enviar pensamentos de amor ou cura a alguém de quem gostas verdadeiramente — uma criança, um neto, um cônjuge — enquanto observas a tua aura. Para contraste, podes querer olhar para a tua aura enquanto pensas em algo completamente diferente, como: “Estou tão zangado com_____.”

O objetivo desta abordagem é observar o que acontece à tua aura quando pensas e sentes pensamentos quentes e amorosos, seguidos de pensamentos frios e egoístas. Mantém uma atitude brincalhona e leve, como se estivesses a jogar um jogo. Se te esforçares demasiado, não acontecerá nada.

Sessão de prática com outras pessoas

Idealmente, praticar com um amigo ou praticar em grupo com várias pessoas que não conheces muito bem é uma excelente forma de começar a ver a aura de outra pessoa. Quando estiveres a trabalhar com outra pessoa, decidam quem vai observar a aura de quem primeiro e quem vai em segundo lugar. Para esta atividade, usar branco ou preto, trabalhar numa sala em penumbra e fazer um exercício de relaxamento ajudará a tua experiência. Depois de relaxarem, a pessoa cuja aura vai ser observada deve ficar de pé encostada a uma parede ou a um biombo.

Com os olhos meio abertos, olha para o contorno da pessoa. Não olhes para a pessoa nem para a parede; em vez disso, olha para onde a energia irradia a partir da pessoa. Observa em volta de toda a cabeça e dos ombros. Continua a olhar de forma suave, sem pestanejar, usando a visão periférica. Não te esforces demasiado. Relaxa dentro da experiência. À medida que começares a ver a energia — quer seja um brilho, uma intensificação de cor atrás da pessoa, uma névoa ou fumo — seja o que for, diz em voz alta. Mesmo que penses que é imaginação, diz em voz alta. Se vires cor, onde vês essa cor? Repara em quão larga a aura te parece; observa a vitalidade na aura. Se usas óculos, experimenta fazer os exercícios com os óculos postos e depois sem os óculos.

Se estiveres a trabalhar com mais do que uma pessoa e dois de vocês estiverem a tentar ver a aura de alguém, as perceções de cada um devem ser verbalizadas em voz alta. Se tu disseres que vês “verde” e a outra pessoa disser que vê “amarelo”, pergunta-lhe onde está a olhar. Podes descobrir que um de vocês estava a observar em torno da cabeça e o outro estava a observar noutro local. Cada aspeto da aura pode ter cores diferentes. Essas cores são constituídas por quem somos física, mental, emocional e espiritualmente. Tira tempo para visualizar a aura a envolver a pessoa inteira e verbaliza o que estás a ver.

Quando tiveres uma perceção geral de toda a aura, procura onde a aura parece diferente. Há algum lugar onde a aura pareça mais escura ou rodeada de cinzento? Há alguma protuberância ou alguma quebra algures na aura? Parece faltar energia numa zona? Onde é que a aura te parece

diferente? Há algo fisicamente errado com esta pessoa? Mais uma vez: diz em voz alta tudo o que consegues ver.

Troquem de lugar quando terminares de observar a aura da pessoa. Dá à outra pessoa a oportunidade de ver a tua aura e verbalizar o que consegue ver.

Depois de teres tido oportunidade de observar as auras de duas ou três pessoas diferentes, começarás a ganhar uma noção visual de como cada pessoa é energeticamente diferente. As auras parecem diferentes — algumas são mais largas, mais brilhantes, mais estreitas, ou mais difíceis de ver. Algumas são mais vibrantes e coloridas. Outras são muito mais fracas.

É uma boa ideia observar a aura de alguém que diga ter um problema físico — especialmente se não consegues ver esse problema. Mesmo um problema como uma dor de cabeça, dor no pescoço, dor nas costas ou uma operação recente terá evidência visível na aura. Se achares que vês algo e o disseres em voz alta — por exemplo, “Acho que tens um problema nas costas” — e estiveres enganado, não te preocupes. É uma experiência de aprendizagem.

Se não tiveres alguém em casa ou um amigo com quem praticar, ainda assim é possível praticar. Uma das melhores formas é escolher um artigo aborrecido de um jornal. Em alternativa, escolhe uma palestra ou um sermão em que não tens interesse. Com o artigo, a palestra ou o sermão, tenta acompanhar intelectualmente o que o orador está a dizer. Em breve, o intelecto fica tão cansado que “desliga”, e o lado direito do cérebro toma conta do lado esquerdo. Os teus olhos mudam o foco e notarás que consegues ver a névoa, o brilho ou a intensificação de cor daquilo que estás a observar.

Outra forma de praticar é tentar ver a aura de alguém com quem estejas a falar ao telefone. Tenta visualizar a aura enquanto falas com a pessoa. Onde é que a aura dela (ou dele) irradia mais energia? Que cores consegues ver? Há alguma zona onde a aura pareça menor, como se algo não estivesse a funcionar corretamente? No fundo, há muitas formas de praticar ver a aura de outra pessoa, mesmo sozinho.

PRATICAR O “VARREDIMENTO” DA AURA⁷

Sessão de prática com outras pessoas

Para além de visualizar a aura, “varrer” a aura é uma excelente forma de sintonizar com outra pessoa. Vais precisar de um parceiro para este exercício.

Depois de fazeres um exercício de relaxamento, fica de pé, de frente para o teu parceiro. Coloca os pés ligeiramente afastados e deixa os braços cair ao longo do corpo. (Nota: este exercício também pode ser feito com ambos sentados, ou com a pessoa a ser varrida deitada numa marquesa.)

De frente para o teu parceiro, começa por ganhar uma noção do campo de energia dele, aproximando lentamente a palma da mão e os dedos esticados até cerca de sessenta centímetros da cabeça do parceiro. É, provavelmente, melhor usar a tua mão dominante. Move a mão lentamente para mais perto da cabeça do teu parceiro até começares a sentir o campo de energia a emanar do corpo dele. Em nenhum momento a tua mão tocará realmente no teu parceiro; estás apenas a varrer a aura do teu parceiro.

Quando conseguires sentir as extremidades externas do campo de energia, começa lentamente a varrer todo o contorno da aura do teu parceiro. Vais varrer a zona desde a cabeça até aos dedos dos pés. Começando no topo da cabeça, varre as laterais da cabeça, a parte de trás da cabeça e depois o rosto do teu parceiro. Em seguida, varre por baixo do queixo e através da garganta e do pescoço. Um de cada vez, pede ao teu parceiro que levante cada braço para o lado; depois, varre a parte superior do braço desde o ombro até à mão.

Trabalha cuidadosamente sobre a mão, varrendo cada dedo em separado. Depois, move a mão ao longo da parte inferior do braço, começando nas pontas dos dedos até à axila. Repete esta sequência para ambos os braços.

Depois, pede ao teu parceiro que levante ambos os braços enquanto tu varres o tronco de um lado para o outro. Varre a parte da frente de cada perna, uma de cada vez, desde a anca até ao pé. Varre em torno dos dedos dos pés. Depois pede ao teu parceiro que se vire, para que possas varrer a parte de trás de cada perna, desde a nádega até ao calcanhar. Por fim, varre toda a região das costas de um lado para o outro.

Enquanto estás a varrer a aura do teu parceiro, procura manter um estado mental relaxado e focado. Ao longo deste exercício, o teu objetivo é encontrar qualquer zona da aura que se sinta diferente. Quando chegares a uma zona que pareça, de algum modo, diferente, podes perguntar-te: “O que estou a sentir e onde é que estou a sentir?” Depois, escuta interiormente enquanto moves a mão para a frente e para trás sobre essa zona, até estares bastante seguro da origem. Comunica ao teu parceiro o que estás a sentir.

(Nota para a pessoa que está a ser varrida: se o teu parceiro te indicar uma zona na aura que se sente diferente, pensa cuidadosamente antes de responder. O teu parceiro pode estar a captar uma zona do passado que já não é um problema, ou talvez uma condição temporária de que ainda não te apercebeste.)

Se reparares que estás distraído por estares a ver a tua mão ou por estares a olhar para o teu parceiro enquanto varres a aura, tenta fechar os olhos ou escolher um ponto no chão como ponto de foco para os olhos.

Durante este exercício, relaxa e tenta divertir-te. Quanto mais relaxado conseguires estar, melhores serão os teus resultados.

Troca de lugar com o teu parceiro quando terminares o varrimento. Depois de ambos terem tido oportunidade de praticar o exercício, tira tempo para partilharem novamente a vossa experiência um com o outro.

No seu próprio trabalho, Carol Ann Liaros acumulou décadas de experiência a treinar pessoas para verem auras em contexto de grupo. Algumas ideias das suas aulas incluem:

Quando dou aulas, primeiro passo algum tempo com pessoas diferentes em frente ao ecrã para que a turma veja que a aura de cada um é

diferente. Somos diferentes física, mental, emocional e espiritualmente; e também temos experiências passadas diferentes, incluindo vidas passadas.

Depois, faço algumas experiências. Uma é pedir aos alunos que observem a minha aura. Depois, sem eles saberem, tento manifestar sentimentos egoístas, dizendo para mim: “Este é o MEU anel, não podes tê-lo. É MEU!” Sinto um sentimento egoísta enquanto digo estas frases para mim. Inevitavelmente, toda a gente vê a aura ficar mais pequena e mais escura! Depois relaxo, começo a meditar e envio-lhes amor. Normalmente, as pessoas gritam: “Uau! Está a ficar maior e maior e mais brilhante e mais brilhante!”

Quando mostro aos participantes como ver auras, uma vez dadas as instruções e quando chegamos ao ponto em que conseguem ver a minha aura, eu dou alguns passos para o lado. Há suspiros: “A tua aura ainda está ali!” Ao contrário da simples pós-imagem que se sente quando se olha para a televisão e se desvia o olhar para ver o negativo do ecrã, a energia áurica deixava um brilho dourado. Deixamos a energia das nossas auras, bem como ADN, onde quer que estejamos. Talvez este fenómeno explique o sucesso das leituras de psicometria. Talvez não, porque fotografias também podem ser lidas psiquicamente.

Numa aula básica de Intuição e Desenvolvimento Psíquico, faço com que toda a gente experimente sentir auras, varrer a aura e ver auras. Para avançar a experiência da turma em ver auras, peço a um aluno com dor de cabeça que venha até ao ecrã de projeção. O grupo é instruído a observar a aura global quanto à largura, cor e brilho. Depois, o grupo é convidado a observar a zona da cabeça e a notar onde a aura parece “diferente”.

Toda a gente diz em voz alta onde vê a escuridão, a protuberância ou a quebra na aura. Depois, confirmamos com o aluno que essa área corresponde à localização da dor de cabeça.

Nesse momento, coloco as mãos na zona da dor de cabeça do indivíduo e faço uma cura, ao mesmo tempo que peço a todos que observem a aura. As pessoas ficam espantadas ao verem a minha aura e a aura do sujeito a fundirem-se e a aura a tornar-se maior e mais brilhante. Passado

um ou dois minutos, tiro as mãos. A zona costuma ficar mais luminosa e com mais energia. Mesmo tendo sido um período curto, o aluno relata que a dor de cabeça desapareceu.

Para trabalho mais avançado, tenta focar-te na intenção global da tua sessão de prática; por exemplo: “A minha intenção é ver quaisquer problemas físicos ou áreas de fraqueza”, “A minha intenção é ver e trabalhar questões de relacionamento”, “A minha intenção é focar-me na área do trabalho e da carreira”, e assim por diante. A intenção liga-te a esse nível do campo áurico. Vais achar isso entusiasmante e fascinante!

Em última análise, a ferramenta mais útil quando se trabalha com auras é continuar a praticar.

⁷ Adaptado de *Intuition Made Easy*, de Carol Ann Liaros (Scottsdale, Arizona: Cloudbank Creations, Inc., 2003).

Conclusão

A cor e a vibração estão por toda a parte. Penetram tudo o que nos rodeia e tudo o que conseguimos ver. Ambas estão associadas à energia e também à capacidade de despertar determinados sentimentos. Toda a gente já teve a experiência de sentir afinidade por certas cores ou, em algum momento, sentir-se atraída por uma cor específica.

É certo que existe um espectro de cor visível ao olho humano; mas existem também cores acima e abaixo do espectro humano que, em geral, não são visíveis à visão humana. Da mesma forma, existe um mundo de energia, vibração e movimento que nos rodeia, mesmo que a maioria de nós escolha não olhar. De facto, apesar das aparências, não somos apenas corpos físicos; somos seres espirituais feitos de energia. Como seres energéticos, estamos ligados à cor e à vibração de formas que ainda não compreendemos totalmente. Começar a ver auras pode ser um grande passo para entender quem realmente somos.

Ao longo dos anos, o trabalho de indivíduos talentosos e intuitivos demonstrou repetidamente que existe um mundo de atividade para além da visão da maioria das pessoas. É um mundo tão real quanto o mundo

físico parece ser para a nossa percepção. A médium Carol Ann Liaros descreve assim o seu trabalho com auras:

As minhas experiências indicam-me que a aura contém a frequência energética do nosso estado de saúde, que é composta física, mental, emocional e espiritualmente. Contém também a frequência das nossas experiências passadas, presentes e futuras, incluindo vidas passadas. As nossas decisões conscientes são uma frequência na aura. Com intenção, é possível ligar-se a uma frequência específica. Acredito que o sistema nervoso parassimpático e o sistema de chakras traduzem estas experiências de frequência em ver (clarividência), ouvir (clariaudiência), sentir (clarsentir), cheirar e saborear psiquicamente.

Imagina um programa de televisão ao vivo a acontecer num estúdio. A câmara capta o vídeo e ele é transmitido pelo ar sob a forma de frequência para os componentes do teu televisor, onde é transformado em imagens e som. Do mesmo modo, toda a tua informação está “armazenada” na tua aura sob a forma de frequência, em vez de imagens completas. É assim que esta transferência de energia de uns para outros me aparece como informação psíquica.

Carol Ann prossegue, sugerindo que, embora a aura pareça irradiar a vários metros do corpo, o seu trabalho ao longo dos anos convenceu-a de que o corpo físico e a sua saúde são, na verdade, o produto final da aura. Ou seja, a energia vibracional que emanamos constantemente acaba por se manifestar no físico, incluindo no nosso próprio corpo.

A importância das auras foi reconhecida há décadas por Edgar Cayce, o médium mais documentado de todos os tempos. Em centenas de leituras dadas ao longo de muitas décadas, a informação de Edgar Cayce expressou repetidamente que cada indivíduo vibrava melhor com cores específicas. Essa afinidade estava muitas vezes ligada à aura do indivíduo, e também aos traços, talentos e propósitos que a pessoa procurava criar na sua própria vida. A resumir o seu trabalho de uma vida com auras e cores, Cayce disse o seguinte:

Quinhentos anos antes do nascimento de Cristo, Pitágoras, o primeiro filósofo, usava cores para curar. Hoje, a ciência médica está apenas a

começar a ver as possibilidades deste método. Se as cores são vibrações de forças espirituais, deverão ser capazes de ajudar na cura das nossas enfermidades mais profundas e subtis. Juntamente com a música, que é uma força espiritual afim, formam uma grande esperança para a terapia do futuro.

Mas não creio que a terapia da cor se torne difundida ou prática até aceitarmos a verdade das auras e nos habituarmos a lê-las para descobrir que desequilíbrio está a perturbar uma pessoa. É claro que não podemos transformar todas as auras numa luz branca pura, mas podemos aprender a detetar sinais de perturbações físicas, mentais e nervosas e tratá-las de forma adequada.

Uma aura é um efeito, não uma causa. Cada átomo, cada molécula, cada conjunto de átomos e moléculas — por mais simples ou complexo, por maior ou menor — conta a sua própria história, o seu padrão, o seu propósito, através das vibrações que dele emanam. As cores são a percepção dessas vibrações pelo olho humano. À medida que as almas dos indivíduos viajam pelos reinos do ser, mudam e alteram os seus padrões conforme usam ou abusam das oportunidades que lhes são apresentadas. Assim, em qualquer momento, em qualquer mundo, uma alma emitirá, através de vibrações, a história de si própria e a condição em que agora existe. Se outra consciência conseguir apreender essas vibrações e compreendê-las, conhecerá o estado do seu semelhante, a dificuldade em que ele se encontra ou o progresso que fez.

Assim, quando vejo uma aura, vejo o indivíduo tal como ele ou ela é, embora faltem os detalhes. Acredito que os detalhes estão lá, mas faltam à minha percepção e compreensão. Pela experiência, aprendi a perceber muito a partir da intensidade das cores, da sua distribuição e das posições que ocupam. A aura emana do corpo inteiro, mas, geralmente, é mais densa e mais facilmente vista em torno dos ombros e da cabeça, provavelmente devido aos muitos centros glandulares e nervosos localizados nessas partes do corpo. Os tons escuros denotam, em geral, mais aplicação, mais força de vontade, mais espírito. A cor básica muda à medida que a pessoa se desenvolve ou regride, mas os tons mais claros e os pastéis misturam-se e mudam mais rapidamente à medida que o

temperamento se exprime. A mente, construtora da alma, é o factor governante essencial na aura; mas a alimentação, o ambiente e outras condições têm o seu efeito. Por vezes, forças externas provocam uma mudança. Uma vez encontrei um homem em cuja aura vi um feixe de luz a descer sobre o ombro esquerdo. Nele havia algum branco, muito verde e muito vermelho com azul misturado. Interpretei isto como sinal de que o homem estava a receber informação por inspiração, que estava a usar para fins construtivos. Perguntei-me se seria escritor, pois pareceu-me uma aura apropriada para tal trabalho. Perguntei-lhe e ele disse-me que, embora tivesse sido escritor, estava agora a dar palestras e a ensinar, continuando a transmitir informação para ajudar os outros.

A forma da aura, por vezes, é útil. Nas crianças, por exemplo, é possível perceber se será necessária muita formação por exemplo, ou se o preceito será suficiente. Se a criança for razoável e aceitar instrução dessa forma, a aura será como uma coroa ondulante. Se for necessário exemplo, a aura será uma figura mais definida, com pontas aguçadas e uma variedade de cores. Se a criança pretender ser lei para si própria, a aura será como uma corrente ondulante, mais baixa do que a posição de uma coroa, envolvendo tanto os ombros como a cabeça. Na aura verde dos curadores, se a cor treme à medida que sobe, a pessoa é mais simpática. Várias vezes vi pessoas cujas auras tinham pequenos ganchos de luz aqui e ali. Em cada caso, o indivíduo tinha um trabalho de supervisão de grandes grupos de outros — um diretor e um líder. (Ver folheto *Auras*, Apêndice I)

Tal como o trabalho de Edgar Cayce, Carol Ann Liaros e outros confirmou, é possível ensinar pessoas a trabalhar com a intuição para verem auras por si próprias. Existe, de facto, uma interação complexa entre consciência e percepção psíquica, de modo que as pessoas podem aprender a perceber estados mais elevados da realidade através de treino pessoal e também através do crescimento da própria consciência.

A energia áurica é também chamada “prana” por quem está no Oriente e “força vital” por outros. Obviamente, quanto mais vital uma pessoa é, mais energia haverá para observar na aura. Quanto mais saudável for um indivíduo física, mental, emocional e espiritualmente, mais ampla a sua aura parecerá. Nas pessoas saudáveis, a aura é também mais brilhante,

tem mais vitalidade e é mais fácil de ver. Pessoas com capacidades psíquicas, curadores ou indivíduos que trabalham seriamente o seu crescimento espiritual têm auras que podem ser descritas como “cintilantes” — alguns chamam-lhe “a coisa cintilante” que pode ser associada ao pó mágico das fadas e aos filmes da Disney.

As cores e a forma da aura têm significado para quem as consegue ver. Se uma pessoa está a trabalhar o desenvolvimento espiritual, há geralmente muito azul na aura. Se alguém está deprimido ou doente de alguma forma, tende a haver cinzento. Os nossos estados de espírito, os nossos pensamentos e as nossas experiências refletem-se na energia da aura. Sempre que há uma alteração física ou um problema no corpo, haverá uma alteração correspondente na aura. Se partiste um osso aos cinco anos, um raio-X mostrará essa fractura fina, e ela também será evidente na tua aura. Quer seja uma fractura curada, um problema de saúde ou uma condição cardíaca, todas estas características serão evidentes na aura. A aura indicará também condições temporárias, como indigestão de algo que possas ter comido ao almoço, ou apreensão em relação a uma decisão que tens de tomar na próxima semana, mais ou menos.

Com prática, é perfeitamente possível aprender a ver e a sentir esta energia que emana de todas as coisas. É uma energia com vibração e cor que envolve tudo o que existe. Para alguns, a aura pode aparecer como energia, vibração ou sensação. Outros descrevem a aura como consistindo em cores que fornecem informação visual sobre a pessoa, planta, ser vivo ou objeto de onde a aura emana. Em última análise, a aura humana é uma representação energética da soma total de cada indivíduo. A aura emite a história de si própria. É, essencialmente, um barómetro de tudo o que está a acontecer, aconteceu ou pode estar em processo de acontecer na vida. Fornece informação sobre a saúde física, mental, emocional e espiritual das pessoas, bem como sobre as suas experiências, relações, forças e fraquezas. A aura contém a totalidade do indivíduo e está num fluxo constante de mudança potencial — alterando-se e transformando-se com base nos pensamentos, atividades e interações em que cada pessoa está envolvida.

